



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**AS ESCRITAS DE UMA VIDA:
DISCURSOS SOBRE A CANGACEIRA MARIA BONITA (1930-1938)**

NADJA CLAUDINALE DA COSTA CLAUDINO

Orientadora: Susel Oliveira da Rosa
Linha de Pesquisa: História e Regionalidades

JOÃO PESSOA – PB
JULHO DE 2017

**AS ESCRITAS DE UMA VIDA:
DISCURSOS SOBRE A CANGACEIRA MARIA BONITA (1930-1938)**

NADJA CLAUDINALE DA COSTA CLAUDINO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, em cumprimento às exigências para a obtenção do título de Mestre em História, Área de Concentração em História e Cultura Histórica e Linha de Pesquisa História e Regionalidades.

Orientadora: Susel Oliveira da Rosa
Linha de Pesquisa: História e Regionalidades

JOÃO PESSOA – PB
JULHO DE 2017

Catálogo na Publicação
Setor de Catalogação e Classificação

C615e Claudino, Nadjá Claudinale da Costa.
As escritas de uma vida: discursos sobre a cangaceira Maria Bonita (1930-1938) / Nadjá Claudinale da Costa Claudino. – João Pessoa, 2017.
153 f. : il.

Orientadora: Dr^a. Susel Oliveira da Rosa.
Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCHLA/PPGH

1. História do Brasil - Cangaço. 2. Maria Bonita 3. Discurso.
4. História das Mulheres. I. Título.

UFPB/BC

CDU – 94(81)(043)

**AS ESCRITAS DE UMA VIDA: DISCURSOS SOBRE A
CANGACEIRA MARIA BONITA (1930-1938)**

Nadja Claudinale da Costa Claudino

Dissertação de Mestrado avaliada em 24/07/2017 com conceito APROVADA

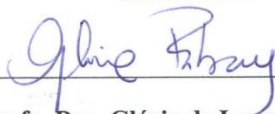
Banca Examinadora



Profa. Dra. Susel Oliveira da Rosa
PPGLI – UEPB / PPGH-UFPB
Orientadora



Profa. Dra. Alômia Abrantes da Silva
PPGSS – UEPB
Examinadora



Profa. Dra. Glória de Lourdes Freire Rabay
PPGJ/ NIPAM - UFPB
Examinadora

Profa. Dra. Solange Pereira da Rocha

PPGH/NEABI –UFPB
Suplente Interna

Profa. Dra. Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega

PPGLI –UEPB
Suplente Externa

Dedico

À minha bisavó Severina Bezerra de Oliveira, que viu secas, enchentes, perdeu e reconstruiu mundos e esperanças. Sentiu medos: do sobrenatural, dos cangaceiros, do governo, do isolamento e da própria vida, mas lutou e venceu. E à Maria Bonita, por tudo o que ela foi. Por tudo que dela falam.

“Repare que a minha vida
É deferente da sua.
A sua rima pulida
Nasceu no salão da rua.
Já eu sou bem deferente,
Meu verso é como a simente
Que nasce inriba do chão;
Não tenho estudo nem arte,
A minha rima faz parte
Das obra da criação.

Mas porém, eu não invejo
O grande tesôro seu,
Os livro do seu colejo,
Onde você aprendeu.
Pra gente aqui sê poeta
E fazê rima completa,
Não precisa professô;
Basta vê no mês de maio,
Um poema em cada gaio
E um verso em cada fulô.

Seu verso é uma mistura,
É um tá sarapaté,
Que quem tem pôca leitura
Lê, mais não sabe o que é.
Tem tanta coisa incantada,
Tanta deusa, tanta fada,
Tanto mistéro e condão
E ôtros negoço impossible.
Eu canto as coisa visive
Do meu querido sertão.

Canto as fulô e os abróio
Com todas coisa daqui:
Pra toda parte que eu óio
Vejo um verso se bulí.
Se as vêz andando no vale
Atrás de curá meus male
Quero repará pra serra
Assim que eu óio pra cima,
Vejo um divule de rima
Caindo inriba da terra”.

(Patativa do Assaré)

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Maria Gicélia da Costa, pela acolhida em João Pessoa, suas palavras de incentivo nos momentos difíceis, seu amor e o cuidado de sempre.

Ao meu pai Joaquim Claudino Ferreira Neto, por ter incutido em mim um enorme espírito combativo.

Aos meus irmãos Vanessa da Costa Claudino e Glauber da Costa Claudino, pela história que nos une mesmo nas distâncias impostas pela vida.

À minha sobrinha Lara Rosa Duarte Claudino, pelo fato de existir na beleza dos seus dois aninhos e ser um motivo a mais para que a titia enfrente os desafios.

Ao professor Paulo Giovanni Antonino Nunes e à professora Solange Pereira da Rocha, que acolheram meu trabalho na banca de seleção para o ingresso na turma 2015 do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba.

À professora Glória Rabay e à professora Alômia Abrantes da Silva, por terem integrado minha banca de qualificação. Da leitura sensível e competente das duas derivou significativa contribuição no melhoramento deste texto.

À minha orientadora professora Susel Oliveira da Rosa, que me recebeu não só como orientanda, mas também como amiga, e fez de todas as nossas orientações momentos de descontração e de desconstrução. Uma gaúcha que acolheu o sertão nordestino e junto comigo fez esse percurso que resultou nesta dissertação repleta de versos e cangaceiras. Minha eterna gratidão e admiração.

Aos professores/as Carla Mary de Oliveira, Raimundo Barroso, Carlos André Cavalcanti, Telma Dias Fernandes, Élio Chaves Flores, Lúcia de Fátima Guerra Ferreira, Elisa Mariana Medeiros, Serioja Mariano, Natália Monzon Montebello, pois cada um/a, à sua maneira, contribuiu para o resultado final deste trabalho.

Ao escritor Francisco Sales Cartaxo Rolim, por todo o apoio, sugestões e leitura atenta e enriquecedora desta dissertação.

À professora Maria Lucinete Fortunato, por ter visto esta pesquisa nascer e ter me incentivado a dar continuidade ao tema no mestrado.

À CAPES que financiou parte desta pesquisa.

Aos meus alunos do Colégio IEPMA GEO, pois compartilhava com eles os lances mais interessantes da minha vida acadêmica. Eles se encantavam com o mundo do cangaço, quando entre um assunto e outro de história do Brasil, eu falava sobre minha pesquisa.

Às minhas colegas de trabalho: Profa. Ângela Araújo, Profa. Tamires Gouvêia, Profa. Débora Lins e Profa. Mayara Mota. Amigas queridas e profissionais competentes que muito me ajudaram nesta caminhada, pois sempre acreditaram no sucesso desta empreitada e incentivaram com gestos e palavras o meu crescimento. Também compartilharam comigo momentos de diversão e intensa emoção nestes dois anos, tornando minhas manhãs de trabalho um espaço de alegria e troca de experiências.

Não posso deixar de agradecer ao destino por ter me colocado na turma 2015 do PPGH e me ter dado a possibilidade de conhecer pessoas tão especiais e importantes na minha vida, que me ajudaram sempre neste percurso: Dayane Nascimento Sobreira, Myziara Miranda da Silva Vasconcelos, Rayana Benício de Oliveira, Ana Carla de M. Trindade e o garotinho Daniel Santana. Com vocês discuti assuntos sérios e outros nem tanto pelos corredores da UFPB. Tomamos cafezinhos na Praça da Alegria, que muitas vezes nada tinha de alegre, mas assim que nos encontrávamos a alegria afluía no sorriso lindo e cheio da juventude de Dayane, nas imensas gargalhadas de Rayana, na ironia fina e na elegância de Myziara Miranda, na presença poética da doce Ana Carla e nos ditos do cacique da barba ruiva Daniel Santana. Com vocês vivi momentos de intensa felicidade acadêmica e também boêmia pelo Centro da nossa capital, nas cervejas compartilhadas no Sabadinho Bom, na Vila do Porto e em outros recantos da amada João Pessoa. Recolhemos um pouco da poesia da cidade e da poesia da vida. Não esquecerei nunca das nossas viagens com fins acadêmicos, mas cheias de loucos divertimentos. Nossa amizade é mais valiosa que qualquer título.

Agradeço à Ana Beatriz Ramos pela competência na resolução dos problemas burocráticos e pela amizade que está sendo construída.

Nos primeiros dias de aula no PPGH-UFPB travei conhecimento com dois pernambucanos arretados que me acolheram de imediato. Posso dizer que foram os primeiros amigos que fiz no PPGH: Cláudio Roberto de Souza, sabido, engraçado e sempre solícito. Sempre interessado pelo meu tema, me emprestou um livro sobre cangaço que pretendo devolver em breve. O outro é o carinhoso, engraçado e perspicaz Marcos Alessandro Neves dos Santos. Os dois foram meus companheiros nas aulas de História das Religiões e nos seminários sobre os temas religiosos. Sinto muitas saudades da nossa convivência.

Aos meus colegas da turma do PPGH 2015, pois compartilharam comigo as aulas, as felicidade e angústias da vida acadêmica. Em menor ou maior grau eu tive uma convivência agradável com todos eles. Sucesso e felicidade, é o que desejo.

Agradeço ao meu namorado Francinaldo de Souza Bandeira, que também foi meu professor na graduação em História, por todo o apoio que me proporcionou no meio deste processo de escrita. Sempre compreensivo, entendia minhas necessidades e passou muitos fins de semana em casa comigo assistindo filmes sobre o cangaço. Sua imensa e maravilhosa biblioteca também me ajudou muito. Com ele minha vida deu uma grande reviravolta. A escrita desta dissertação começou na casa da minha mãe, em João Pessoa, e terminou em Cajazeiras, na casa dele. Por coincidência, a poucos metros dos locais que foram cenários de guerra, quando os cangaceiros, chefiados por Sabino Gomes, invadiram Cajazeiras no ano de 1926.

RESUMO

Maria Gomes de Oliveira, conhecida na história como Maria Bonita, participou do cangaço entre os anos de 1930 e 1938. Em torno dela, lanço meu olhar, um olhar que só pode ver através dos olhares dos muitos outros que escreveram e falaram a seu respeito. Esta dissertação, portanto, se propõe analisar os discursos acerca da cangaceira Maria Bonita, nos aspectos concernentes à sua sexualidade, criminalidade, beleza e valentia, atributos que lhe são conferidos pelos memorialistas, cordelistas e através dos discursos jornalísticos. Para tentar entender o universo em que viveram as mulheres cangaceiras, também discutirei o sertão como um espaço masculinizante de hostilidade para com as mulheres. Analiso cordéis, jornais e livros de especialistas do cangaço e percebi que os muitos discursos sobre Maria Bonita estão relacionados e procuram apreender e construir um sentido para a feminilidade. Com esta pesquisa, pretendo contribuir com a história das mulheres e lançar luz em como os discursos formulados sobre a cangaceira Maria Bonita reforçam lugares de subordinação para as mulheres, mesmo quando procuram mostrá-la como mulher forte e guerreira.

PALAVRAS-CHAVE: Cangaço; Maria Bonita; Discurso; Mulheres.

ABSTRACT

Maria Gomes de Oliveira, known as Maria Bonita, participated in the *cangaço* between the years 1930 to 1938. Around her, I take my look, a look that can only be seen through the eyes of the many others who wrote and discussed about her. This dissertation, therefore, proposes to analyze the discourses about the *cangaceira* Maria Bonita, concerning her sexuality, criminality, beauty and bravery aspects, attributes that are conferred to her by memorialists, cordel literature writers and through journalistic discourses. To try to understand the universe in which *cangaço* women lived, I will also discuss the Sertão as a masculinizing space of hostility towards women. I analyze *cordel* literature, newspapers and books from specialists in *cangaço*, and I realized that the many discourses about Maria Bonita are related and seek to apprehend and build a meaning for femininity. By this research, I intend to contribute to the history of women and shed light on how the speeches formulated on the *cangaceira* Maria Bonita reinforce places of subordination for women, even when they try to show her as a strong woman and a warrior.

KEYWORDS: *Cangaço*; Maria Bonita; Speech; Women.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Mulher marcada na face com as iniciais do cangaceiro José Baiano	48
Figura 02: Corisco e Dadá em fotografia de Benjamin Abrahão, 1936.....	83
Figura 03: Foto da reportagem do <i>Diário de Pernambuco</i>	87
Figura 04: Lampião e Maria Bonita em fotografia de Benjamim Abrahão, 1936	95
Figura 05: Capa do cordel <i>Maria Bonita - Mulher macho, sim, senhor</i> , 1983	106
Figura 06: Capa do cordel <i>ABC de Maria Bonita, Lampião e seus cangaceiros</i> , 1976.....	109
Figura 07: Capa do cordel <i>Maria Bonita: a mulher cangaço</i> , 1986 [1963]	110
Figura 08: Capa do cordel <i>Maria Bonita – A eleita do Rei</i> , s/d.....	114
Figura 09: Formação das volantes do Tenente João Bezerra e do Sargento Aniceto, antes do ataque a Angicos	119
Figura 10: Cabeças de Lampião, Maria Bonita e mais nove cangaceiros. Fotografia feita na escadaria da prefeitura de Piranhas	120
Figura 11: Médico legista Charles Pittex segura as cabeças mumificadas de Lampião e Maria Bonita	132

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 2 - CANGAÇO: DISCURSOS E HISTÓRIA EM MOVIMENTO	23
2.1. Algumas considerações sobre Lampião e o cangaço lampiônico	37
2.2. Os discursos da violência do homem sertanejo	41
2.3. A mulher inimiga não merece perdão: violência contra as mulheres no contexto do cangaço	47
2.4. Poesia popular: o cangaço como grande narrativa do cordel	61
CAPÍTULO 3 - MUITAS MARIAS NUMA SÓ MULHER: NARRATIVAS SOBRE A RAINHA DO CANGAÇO	70
3.1. Aspectos da vivência das mulheres nos grupos de cangaço	74
3.2. “Maria de Dona Déa”, “Maria Déa”, “Maria de Zé de Neném”, “Maria do Capitão”.85	
3.3. Maria Bonita: Os discursos da beleza e sedução	88
3.4. Entre o punhal e o afeto: Maria Bonita nas páginas dos cordéis	105
CAPÍTULO 4 - A MORTE DE UM REI E DE UMA RAINHA NO SERTÃO NORDESTINO	117
4.1. O massacre de Angicos nas páginas do jornal <i>Diário de Pernambuco</i>	123
4.2. Elaboraões sobre Maria Bonita após a sua morte	127
4.3. O cordel como propagador das notícias sobre a morte de Lampião e Maria Bonita....	135
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	140
REFERÊNCIAS	142
FONTES E ACERVOS.....	149

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO

Ainda criança tive o primeiro contato com o cangaço, descoberto através dos cordéis guardados em um baú de minha bisavó, no sítio onde ela morava, um lugar encantado de minha infância. Lampião e Maria Bonita eram protagonistas da história. Recém-alfabetizada, li o livrinho todo rimado e fiquei sabendo da existência daquele mundo, que explodia numa história de amor, pois a violência passou despercebida por mim. O heroísmo, a força de Lampião e a paixão de Maria Bonita afloravam no cordel. O título, infelizmente, apagou-se na memória. Transcorridos mais de 25 anos, esqueci. A casa onde li aqueles versos, não existe mais, foi derrubada para dar passagem a uma estrada, que, no discurso da época, era símbolo de desenvolvimento, de ligação entre as cidades, de abertura de novas possibilidades para os moradores da região. Para mim, apenas um paraíso desfeito.

O meu segundo contato com o cangaço se deu na adolescência. Minha mãe me acordou numa manhã para eu ver um documentário que falava sobre os cangaceiros. As imagens me impactaram, muito embora naquele momento não me tenha dado conta disto. O documentário assistido muitos anos atrás, e há pouco tempo reencontrado no Youtube¹, tinha sua narrativa baseada em depoimentos colhidos entre os anos de 1997 e 1998. Ex-cangaceiros, ex-cangaceiras, ex-volantes e sertanejos que presenciaram os acontecimentos falavam num esforço para darem aos documentaristas as histórias mais inusitadas e interessantes sobre o cangaço. As perguntas foram feitas por Paulo Gastão, à época presidente da SBEC (Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço) e pelo professor Daniel Lins. No começo do vídeo, uma mensagem alerta que nenhum depoimento sofreu interferência dos documentaristas. Mas sabemos que as próprias perguntas são já maneiras de conduzir falas, de reavivar memórias e carregam em si muitas subjetividades e intencionalidades.

No documentário, uma figura em particular me chamou atenção. Um jeito mais despojado, a forma como falava sobre o cangaço destoava das narrativas dos outros entrevistados e me fez enxergar outra face desta história. A maioria dos entrevistados do documentário era formada por homens que participaram das volantes ou parentes de personagens importantes no episódio de Angicos, por isso se detinham a falar nas batalhas,

¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ajdmpHiZKso&t=2368s>>. Acesso em: 22 de jun. 2016. Na versão do Youtube aparece com o título de “Depoimentos – Lampião e Cangaço”.

nas forças volantes² e na violência ocorrida durante as escaramuças. A figura diferente, que atraiu minha atenção, era a da ex-cangaceira Sila, mulher de Zé Sereno, homem de confiança de Lampião, presente na fazenda Angicos no dia do ataque ao bando – em 28 de julho de 1938 –, quando se deu a morte de Lampião e Maria Bonita e de mais nove cangaceiros. Sila angariou imediatamente minha simpatia.

Sila falou sobre Lampião e Maria Bonita com suspiros de saudade, lembrou as alegrias da existência cangaceira, o medo da morte dos companheiros, da morte de um mundo dentro do mundo. O mundo do cangaço aparece na sua fala de defesa da nobreza de gestos de Lampião, que, segundo ela, é muito mal falado pelo povo, sem merecer a fama de homem mau, pois sua liderança se dava por seu comedimento de pai guiando sua grande família na caatinga. Ao falar em Maria de Lampião, nome pelo qual Maria Bonita era tratada no bando, Sila revelou o imenso respeito e admiração que sentia por aquela mulher, mais velha e experiente, que a ajudou a enfrentar os desafios da sua nova vida de cangaceira.

Sila não falou apenas do cangaço. Ela foi ao lugar da morte dos seus companheiros. E naquele ambiente, onde lutou pela sobrevivência, contou como ocorreu sua entrada no bando. Nesse dizer se justificou, fui obrigada, disse, ao defender-se do julgamento. Não queria ser vista como criminosa. Foi “transformada” em uma para satisfazer as vontades do cangaceiro que a escolheu para segui-lo nesse viver. A vida de riqueza dos cangaceiros, lembrou, não impedia de passarem privações, de comer cactos para saciar a fome e a sede. Sila mostrou como retirava água das raízes do mandacaru, como fugia das volantes levando seus pesados bornais³.

Caminhar debaixo do sol abrasador, sentir nos ossos o frio das madrugadas sertanejas, saber escutar os sons da terra, viver em perigo, com medo da prisão e da morte, sempre presentes. Comer e beber coisas finas e desconhecidas quando o bando estava acoitado, enterrar os restos de alimentos para evitar que os urubus sobrevoassem a carniça, denunciando o coito, esconder-se eram coisas rotineiras na vida dos cangaceiros. Mas depois de muitos anos era importante mostrar as histórias daquele tempo, misterioso e impenetrável na sua totalidade, para quem não viveu nesse mundo governado por Lampião. Mostrar para não serem esquecidas.

² Forças volantes eram as milícias formadas para combater os grupos de cangaceiros. Muitos dos soldados volantes eram contratados e não recebiam treinamento especializado. Mais adiante no texto há algumas referências à violência praticada pelas volantes.

³ Bernal é um tipo de pano ou saco de couro que servia aos cangaceiros para guardar munições, dinheiro e alimentos.

Sila e os outros entrevistados não queriam que aqueles momentos vividos por eles fossem apagados. Suas histórias carregadas de dor tinham ficado para trás, mas importava agora, no caso da ex-cangaceira Sila, mostrar para todos a dignidade daqueles homens e mulheres que tiveram lançados sobre si o estigma da criminalidade. É perceptível, também, na fala dos ex-volantes, a necessidade de relatar as agruras que passavam na incansável caçada aos cangaceiros.

Todos os entrevistados já estavam velhos, as histórias contadas por eles tinham se passado sessenta anos antes. Diante das perguntas feitas pelos entrevistadores, eles tiveram que rememorar, reunir fatos na memória, lançar sobre estes o seu olhar do presente. Muitos falaram como que olhando para trás, jamais teriam feito parte de um bando de cangaceiros, mas agora estavam ali para dizer que fizeram parte do cangaço. Ecléa Bosi, no seu trabalho sobre a memória social dos velhos, reflete que:

Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar a de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade (BOSI, 1999, p. 63).

Os entrevistados estavam sendo a memória da instituição SBEC, pois o vídeo seria usado em eventos acerca do cangaço, utilizados por pesquisadores e apresentado em emissoras de televisão. Sila e os outros entrevistados vão cumprindo, dessa maneira, a função de lembrar, e lembrar bem, frente aos seus entrevistadores. Citam nomes, datas, episódios. Mostram-se contentes por estarem deixando em vídeo seus depoimentos e ajudando à sua maneira na construção da história do cangaço.

Assim, a partir das lembranças desses velhos é que muito jovem, pela primeira vez, prestei atenção verdadeira ao mundo do cangaço. Depois de ter visto o documentário fui aos poucos fazer algumas leituras sobre o Nordeste: romances, livros de memorialistas, lidos de forma um tanto desordenada. O cangaço a aflorar nas obras de José Lins do Rego⁴, Rodolfo Teófilo⁵, Ivan Bichara⁶, entre outros. Depois, vieram leituras específicas sobre o cangaço, na

⁴ *Cangaceiros*, *Pedra Bonita* e mesmo em alguns romances do chamado Ciclo da Cana de Açúcar aparecem cangaceiros.

⁵ No seu livro *Os Brilhantes*, o protagonista é Jesuíno Brilhante (1844-1879), que ficou conhecido como o cangaceiro romântico, pois a crônica atribui a ele atos de bondade para com os pobres e respeito pelas mulheres. A narrativa não se restringe apenas às desavenças entre a família Brilhante e a família Calangro, mas traz em si uma história com lances românticos e trágicos. Jesuíno Brilhante em andanças no sertão encontra a retirante Maria passando fome e adoentada por conta da longa caminhada. Jesuíno se compadece da situação e passa a tratar

tentativa de alimentar uma curiosidade, não satisfeita pela literatura ficcional. Nas leituras a respeito do cangaço, uma personagem em especial atraiu minha atenção. Se no documentário fui encantada por Sila, os textos sobre o cangaço me aproximaram de outra mulher, e por ela também fui capturada.

A mulher que me emocionava e despertava curiosidade nasceu e foi batizada como Maria Gomes de Oliveira, no dia 08 de março de 1911, na fazenda Malhada da Caiçara, distrito de Santa Brígida, na época município de Glória, hoje cidade de Paulo Afonso, no estado da Bahia. Sua história é pensada pelos estudiosos do cangaço não só pelo viés da trajetória como cangaceira. Seu casamento, anterior a sua ligação com Lampião, a vida familiar, os motivos que fizeram dela a primeira mulher a entrar e a ficar em um bando de cangaceiros são muito discutidos. Assim aparece uma Maria Déa⁷ insatisfeita com o casamento, depois uma mulher decidida a partir com um cangaceiro, e a cangaceira famosa, amante exemplar de seu homem, mulher respeitada pelos asseclas de Lampião, corpo feminino que em muitas elaborações estava desejoso de se entregar aos carinhos violentos de um cangaceiro poderoso.

Mas como se deu minha escolha por trabalhar com a personagem Maria Bonita? No ano de 2009 ingressei no curso de História da Universidade Federal de Campina Grande, na cidade de Cajazeiras. Nos primeiros dias de aula, levei um livro para a universidade no intuito de ler nos momentos ociosos. O livro era *Lampião: o rei dos cangaceiros* (2003 [1980]), do historiador norte americano Billy Jaynes Chandler. Depois de algum tempo, já familiarizada com o ambiente acadêmico, surgiu a preocupação com a escolha do tema do Trabalho de Conclusão de Curso. Resolvi trabalhar as imagens de Maria Bonita no cordel. Ao apresentar o TCC, fui aconselhada pela banca a seguir com a pesquisa. Conselho adotado por mim que, agora, além de trabalhar com cordéis, utilizo também o texto jornalístico como fonte e os livros de memorialistas e estudiosos do cangaço.

Maria Bonita, segundo os escritos que são trabalhados nesta dissertação, tinha deixado uma vida pacata para se aventurar nos difíceis e dolorosos caminhos do sertão sem fim, nas

de Maria, que, restabelecida, desperta a cobiça de um negro liberto que acompanhava o cangaceiro. Então, ela vira alvo de uma disputa velada, motivo de atos de violência entre os dois homens. Assim, a mulher aparece como elemento desagregador. Cf. TEÓFILO, 2015 [1895].

⁶ *Carcará* é a narrativa da invasão de parte do bando de Lampião a Cajazeiras-PB, liderada por Sabino Gomes em 1926. Do mesmo autor, há o romance *Joana dos Santos*, que trata do ataque à cidade de Piancó-PB, empreendido pela famosa Coluna Prestes. No romance aparecem os cangaceiros que deveriam combater a coluna. Cf. SOBREIRA 1984; 1995.

⁷ A mãe de Maria Bonita era a senhora Maria Joaquina Conceição Oliveira, conhecida na comunidade onde vivia por Dona Déa. Por ser filha de Dona Déa, Maria era chamada de Maria de dona Déa, depois abreviado para Maria Déa.

fugas das volantes, sendo espreitada pela violência em cada vereda escura, enfrentando os animais selvagens da fauna nordestina. Uma mulher mostrada como sendo natureza e sexo, desenhada nos textos de homens participantes do cangaço, ou de outros, distantes no tempo e no espaço, mas que olhavam, interrogavam e a aprisionavam nos seus desejos e inquietações. Os homens que escreveram a respeito dela pareciam dominar sua alma, “conhecer” seus mais profundos mistérios, controlar seus desejos. Eu não me contentava com esse saber que a enclausurava num mundo de palavras. E eu não sabia como tinham sido edificadas. Minha imaturidade, o pouco conhecimento da vida, das teorias e conceitos criavam em mim dúvidas que, vistas do presente, revelam a ingenuidade de como me apropriava daqueles escritos. Ficava tentando descobrir como aqueles homens desvendaram os sentimentos de Maria Bonita. Isso é ficção? Mas não queria ficção, ficção eu encontrava nos romances, nos textos de grandes autores, na bela escrita literária. Da história queria a verdade, pois um dia nutri esta ilusão: a segurança e o conforto da “verdade histórica” de nomes, datas e eventos.

Minha personagem falou, riu, cantou, gritou e chorou. Provavelmente falou muito de si e dos outros, mas sua fala se perdeu no tempo. Restam apenas fragmentos na memória dos que conviveram com ela. Portanto, tudo que conheço a seu respeito foi dito por outros, e isso é também um espaço de inquietude para mim. Estes “outros” dizem que era mulher espirituosa, decidida, dada a aventuras. São tantos e tão diversos os discursos – amada ou odiada –, nunca desprezada neste sertão de discursos, para usar aqui a imagem geográfica da imensidão sertaneja. Em vista de tudo isso, minha pesquisa se constituiu em recolher textos que tratassem da cangaceira Maria Bonita e a partir disto pensar como estes discursos foram sendo construídos e perpetuados. Como tinha familiaridade com a literatura de cordel, procurei cordéis em que Maria Bonita fosse a protagonista, cruzei os discursos dos verzejadores com os dos textos dos memorialistas e especialistas do cangaço para perceber as similitudes entre eles e de como foram construídos e difundidos no intuito da preservação e distribuição dos papéis sociais entre homens e mulheres no contexto do cangaço e em outros espaços sociais.

O texto está dividido em quatro capítulos. **No segundo capítulo**, penso o cangaço como uma história em constante movimento, portadora de muitos discursos e de embates entre os escritores. Para isso discuto como o movimento e seus membros foram/são construídos na historiografia. O cangaço aparece como uma história viva, pois muitos são os encontros dos especialistas que se denominam “vaqueiros da história”, discutem e comemoram as datas importantes da vida dos cangaceiros. As memórias materiais da vida no

cangaço movimentam o turismo de algumas cidades⁸. Existe ainda hoje vida que pulsa forte ao redor da existência cangaceira, a partir das confrarias de estudiosos e admiradores do tema. Por isso abordarei alguns dos discursos formulados acerca do cangaço e como ele continua um fértil campo de produção intelectual e artística. Para entendermos a vivência das mulheres cangaceiras é importante refletir sobre esse movimento e avaliar suas implicações na história nordestina. Penso também sobre as relações entre homens e mulheres no sertão nordestino do século XX e na violência cometida contra as mulheres no contexto do cangaço, tanto pelos cangaceiros como pelas volantes. Assunto que acredito não poder ser deixado de lado, pois se o cangaço foi espaço amoroso para algumas, foi espaço de violência e opressão para outras.

Neste capítulo também trago ao debate a relação existente entre literatura de cordel e o próprio cangaço, realçando como o cordel se faz relevante neste trabalho, pois muitos dos mais difundidos e importantes discursos sobre Maria Bonita brotam nos textos dos cordelistas. Penso como os papéis do homem e da mulher são delimitados dentro da narrativa do verso popular, cujos discursos constroem estereótipos e solidificam lugares sociais entre o masculino e o feminino. Homens violentos e mulheres que, quando abrem caminhos diversos dos culturalmente viáveis, são taxadas de perigosas.

No terceiro capítulo a protagonista aparece de forma mais evidente. A primeira mulher a integrar o cangaço, de forma permanente, Maria Gomes de Oliveira, Maria Deá, que entrou para a história como Maria Bonita, será pensada a partir dos textos dos memorialistas e cordelistas. Interrogo como historiadores, memorialistas e cordelistas elaboraram discursos sobre a cangaceira Maria Bonita e, ao formular estas narrativas, travaram uma luta para controlar e definir a “verdadeira” imagem dela. É pensando nessa perspectiva que proponho escrever uma história sobre a cangaceira Maria Bonita, atentando para os jogos de poder e saber que são protagonizados pelos “guardiões” da história do cangaço, autores que geralmente estão vinculados a alguma confraria de estudiosos do tema e formulam em torno de Maria Bonita o mesmo discurso que reitera os papéis distribuídos entre os homens e mulheres, naturalizando estas construções. Tento problematizar que essa história do cangaço é em sua quase totalidade uma história produzida por homens. E esse ser representada por homens trouxe à tona imagens de uma Maria Bonita sensual, amorosa e violenta.

⁸ Trago como modelo exemplar de cidade que vive turisticamente do cangaço, o município de Piranhas, no estado de Alagoas. Foi de lá que tenente João Bezerra saiu com sua volante para dar fim ao bando de Lampião, em 1938. Ali foi tirada a foto mais famosa das cabeças dos cangaceiros. É em Piranhas o ponto de partida para se fazer o passeio conhecido como Rota do Cangaço. Para saber mais sobre o cangaço como produto turístico ver: BARRETO, 2004.

Os textos fazem meu objeto de estudo refém das elaborações masculinas sobre a feminilidade. Maria Bonita não deu entrevista, nunca foi ouvida por jornalistas, não deixou escritos, mas esse silêncio foi se fazendo espaço propício para que memorialistas, jornalistas, cordelistas formassem a Maria Bonita que atendesse a seus interesses, reforçando imagens ideais do feminino e das relações amorosas entre homens e mulheres. Criaram assim um romance para o cangaço. Romance protagonizado por uma mulher construída como sendo capaz de sacrifícios pelo amor, e por um homem que – segundo algumas das narrativas trabalhadas –, foi encantado por uma beleza incomum que o fez abrir-lhe as portas do cangaço. Discuto como Maria Bonita é apreendida pelos autores nos aspectos concernente à beleza, inclusive tendo sua falada formosura usada por alguns autores como justificativa para o ato de Lampião aceitar mulheres no cangaço. Em função de discursos que priorizam a beleza e o amor, geralmente são silenciadas a vontade da cangaceira em participar da luta, a fuga de uma vida de dificuldades, a ânsia de liberdade e um protagonismo feminino na vida do cangaço. Perrot (2007) nos fala de uma torrente de discursos sobre as mulheres, o que não é diferente no caso da nossa personagem. Por isso faço um exercício de aproximação com a *História das Mulheres* que também é um importante campo de estudo da História Cultural,⁹ para refletir acerca dos escritos a respeito de Maria Bonita. Coaduno com Michelle Perrot quando ela reflete sobre as formas como as mulheres apareceram na história escrita em sua maioria pelos homens.

Em compensação existe uma abundância, e mesmo um excesso de discursos sobre as mulheres, avalanches de imagens, literárias ou plásticas, na maioria das vezes obra dos homens, mas ignora-se quase sempre o que as mulheres pensavam a respeito, como elas viam ou sentiam. Das mulheres muito se fala. Sem parar, de maneira obsessiva. Para dizer o que elas são ou o que deveriam fazer (PERROT, 2007, p. 22).

Nos textos que foram analisados percebo que a sexualidade de Maria Bonita, seu corpo, seus sentimentos são muitas vezes fabricados por homens que colocam nas suas elaborações a respeito dela suas próprias vivências, expectativas e desejos. Ao pensar Maria Bonita eles a controlam, delimitam comportamentos, expõem preconceitos, forjam uma identidade para a primeira mulher que acompanhou um grupo de cangaceiros. Este capítulo

⁹ Burke (2008) fala das importantes implicações das lutas feministas para a história cultural, pois havia a preocupação em pensar as mulheres como sujeitos da história, pois a contribuição feminina na cultura era invisível nas narrativas tradicionais. Ele cita a coletânea dos cinco volumes sobre a *História das Mulheres do Ocidente*, organizados por Michelle Perrot e Georges Duby, percebendo que nestes volumes a história das mulheres é escrita fortemente ligada aos aspectos culturais.

analisa os discursos sobre Maria Bonita, as expectativas em torno da sua beleza: os discursos que a elegem como bela ou os que a colocam no lugar de mulher vulgar, doidivana e traidora. Para isso uso cordéis, textos jornalísticos e de pesquisadores do cangaço.

As lacunas dessas histórias sobre o cangaço são preenchidas com a imaginação dos autores. Alguns autores, no caso dos especialistas do cangaço, analisados na minha dissertação, geralmente procuram apreender o “real” sobre a vida de Maria Bonita e condenam o imaginário a um estatuto de inverdade. Percebo assim o que Foucault (2013) chamou de vontade de verdade, que se transforma em um sistema de exclusão de outras histórias possíveis. O autor afirma que são três os principais sistemas de exceção que atingem os discursos: o que ele chamou de palavra proibida, a segregação do discurso do louco e vontade de verdade que delimita e controla os discursos.

Ao analisar os discursos focados na vida de Maria Bonita não estou investigando quais são as elaborações “falsas” ou “verdadeiras”. Pois como nos alerta Swain:

A busca do real em história é nos dias atuais e a partir de uma certa perspectiva teórica, uma tarefa inútil, pois a realidade do passado chega ao presente através de uma série de mediações, a partir do próprio sujeito que interroga os sentidos na vereda do tempo (SWAIN, 1996, p. 130) (*sic*).

Portanto, analiso como esses discursos dizem sobre quem os escrevem, as tramas discursivas e seus jogos de poder através do que foi pensado por Foucault (2013) ao trabalhar com a hipótese que todas as sociedades produzem os seus discursos de forma controlada. Assim sendo, há uma seleção dos discursos e também algumas interdições, como quem pode falar e sobre o que se pode falar. Para ele: “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2013, p. 10). Pensarei as lutas de poder entre os escritores, sejam memorialistas ou cordelistas, que engendraram as imagens sobre a cangaceira Maria Bonita e as construções identitárias a respeito dela.

No quarto capítulo trabalho como os discursos jornalísticos sobre Maria Bonita e Lampião, após a morte dos dois em Angicos. Também uso como fonte dois cordéis escritos logo após a morte dos cangaceiros. Estes dois cordéis que datam do ano de 1938 foram encontrados em pesquisa feita na Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida¹⁰. Assim,

¹⁰ Biblioteca que funciona no primeiro andar da Administração Central da Universidade Estadual da Paraíba, no campus de Campina Grande. O nome da biblioteca faz referência ao pesquisador e professor Átila Almeida que possuía um grande acervo de cordéis e jornais, adquiridos pelo Governo do Estado da Paraíba e doados à UEPB.

poderemos ter a noção de como aquelas mortes foram pensadas pela imprensa, pelos cordelistas e também pelas autoridades que emitiram suas opiniões em entrevistas concedidas ao *Diário de Pernambuco*. Ficou evidente que o cordel era utilizado como uma imprensa sertaneja, pois os dois cordéis analisados foram escritos com base nas notícias veiculadas pela grande imprensa da época.

Analiso um único periódico: o *Diário de Pernambuco*. A escolha metodológica foi facilitada, pois o mesmo está digitalizado e disponível no site da Biblioteca Nacional. Não apenas por isso, mas também dada a importância do *Diário de Pernambuco* para a história da imprensa brasileira e nordestina e como o cangaço foi tratado em suas páginas, constatação que me abriu um leque de possibilidade de leituras outras sobre o cangaço e Maria Bonita. A princípio não iria trabalhar com jornais, mas entendi a partir das análises feitas a relevância desta fonte para a elaboração dos discursos sobre Maria Bonita, principalmente por perceber que, após sua morte, houve significativas mudanças nos discursos relativos a ela. Apareceram diversos articulistas para opinar sobre a escolha das mulheres entrarem nos bandos, e assim foram preenchidas páginas inteiras de jornais com discursos de homens cultos que “tentavam” adentrar na mente de uma sertaneja morta aos vinte sete anos de idade e de forma brutal.

Pelo exposto, entendo o jornal como uma fonte importante para a história, para os estudos do cangaço, porque possibilita um olhar sobre as discussões a respeito da temática que dominava a pauta jornalística contemporânea do fenômeno. Os exemplares do *Diário de Pernambuco* analisados são dos anos 30 do século XX e compreendem os anos de 1930 a 1938, correspondendo, portanto, ao período em que as mulheres entraram no cangaço e à morte dos cangaceiros em Angicos. Lampião já era muito citado nas matérias do *Diário de Pernambuco* da década de 20, mas me detive a analisar os jornais da coleção referente à década seguinte. Veremos como Maria Bonita foi construída nos textos jornalísticos a partir da narrativa de supostas vítimas de Lampião e também como depois de sua morte, surgiram discursos de exaltação à figura da sertaneja que nestas elaborações aparece como heroína fiel e companheira por ter morrido junto ao homem amado.

CAPÍTULO 2 - CANGAÇO: DISCURSOS E HISTÓRIA EM MOVIMENTO

Muitos brasileiros já viram imagens e ouviram histórias a respeito do cangaço, principalmente, as narrativas sobre Lampião e Maria Bonita. Parecem personagens próximos a nós, tanto protagonizaram episódios importantes num período muito discutido por pessoas do povo, cordelistas, jornalistas e pelos chamados especialistas do cangaço, pesquisadores dedicados ao estudo e à divulgação das histórias ocorridas no interior dos bandos de cangaceiros, como também pelos historiadores profissionais.

Os especialistas no tema fazem um trabalho de “preservação” e “resgate” de uma memória histórica do cangaço e dos mais célebres cangaceiros, um esforço que procura manter e difundir o discurso da tradição de um Nordeste irredento, repleto de violência e heroísmo, atos de valentia, atos infames. Em que território? Onde as secas, as lutas em torno de terra e disputas entre famílias aparecem como parte da tentativa de explicar e justificar o surgimento dos bandos. Já os historiadores profissionais se debruçam muitas vezes sobre os escritos dos memorialistas, os textos da literatura de cordel e dos discursos jornalísticos para contarem uma história a respeito do cangaço.

O cangaço aparece assim como uma história repleta de significados, mesmo quando o foco da cena é deslocado da mulher para outras narrativas cangaceiras. O sertão, as poucas informações, o isolamento geográfico do qual os cangaceiros se aproveitavam para burlar as leis, serviram também para que surgisse uma narrativa misteriosa, cheia de imprecisões e também cativante para o nordestino, em particular para os que vivem na região sertaneja. Principalmente pela forma como as histórias dos cangaceiros foram passadas através do verso popular que alcançava espaços e se fazia entender pelo povo, ao trazer elementos da vida do sertão para os textos.

A historiografia formada em torno da temática cangaceira se baseia na tentativa de responder questões sobre a origem, causas e motivações de sua existência. Isto não se configura, no entanto, como motivação na escrita desta dissertação. Mas me parece importante fazer algumas considerações a respeito do cangaço e dos debates historiográficos, na medida em que essa é uma história em constante movimento, portanto, provocadora de discussões, disputas e discursos conflitantes na busca incessante de uma “verdade” difícil de ser capturada pelos pesquisadores em ininterrupto processo de escrita e discussões sobre o tema. Para cumprir esse percurso é necessário recolher e problematizar alguns discursos, os

mais significativos e difundidos, dada a impossibilidade de se levantar e discutir todas as manifestações acerca do cangaçeirismo.

O cangaço remonta ao período imperial. No século XVIII, Pernambuco sofreu com a violência de José Gomes, conhecido pela alcunha de Cabeleira, cuja história foi ficcionalizada pelo escritor cearense Franklin Távora no livro *O Cabeleira*¹¹. A Bahia também teve um cangaceiro célebre na figura de Lucas Evangelista da Silva, chamado de Lucas da Feira¹², porque atuava na região de Feira de Santana. Os dois são considerados precursores do modo de vida criminal do cangaço, pois se tornaram criminosos, roubavam mediante ameaça, invadiam cidades pequenas, não agiam sozinhos e chefiavam pequenos grupos armados.

Capistrano de Abreu, no seu livro *Capítulos da História Colonial* (1998 [1907]), sublinha que a colonização dos sertões foi empreendida com o uso da violência. Viver pelas armas no sertão nordestino, portanto, não se constituía exceção, grupos armados se faziam presentes a partir dos momentos iniciais da colonização. O autor oferece uma amostra de como as contendas apareciam e eram resolvidas no sertão dominado pela economia da pecuária: “Questões de terra, melindres de família, uma descortesia mesmo involuntária, coisas às vezes de insignificância inapreciável desfechavam em sangue” (ABREU, 1998 [1907], p. 139).

Segundo Mello (1993) foi em meados do século XIX que a justiça passou a atuar no sertão e criminalizar os homens que viviam pelas armas, numa tentativa de levar a sensação de segurança a pequenas cidades do interior sertanejo. Assim, os termos cangaço e cangaceiro começam a ser empregados como expressões de natureza criminal.

O cangaço foi e é analisado sob diversos pontos de vista. Há trabalhos que enfatizam seu lado cultural, outros a dimensão criminal. Luiz Tavares Júnior (1985) faz um apanhado

¹¹ Na historiografia do cangaço, Cabeleira foi o primeiro cangaceiro. José Gomes teria aterrorizado regiões de Pernambuco, sua terra de origem, no século XVIII. Para escrever *O Cabeleira*, Franklin Távora colheu elementos da vida real de José Gomes e os agregou à imaginação literária, criando assim a primeira obra ficcional a tratar do cangaço. Cf. TÁVORA (2003 [1876]).

¹² Lucas era um escravizado fugido, e isso é um traço que o diferencia dos demais cangaceiros. Condenado à morte por enforcamento, seu crânio foi examinado pelo médico Nina Rodrigues que não encontrou nele os traços da degenerescência. Nina Rodrigues relata suas impressões acerca do escravizado, pois não encontrara nele sinais lombrosianos indicativos de tendência nata para a criminalidade. O crânio de Lucas da Feira, por não apresentar as características da anormalidade descritas pela escola italiana, levou aquele médico a afirmar: “O crânio de Lucas da Feira parece à primeira vista perfeitamente normal. Tem certamente caracteres próprios aos crânios negros, mas também caracteres pertencentes aos crânios superiores, medidas excelentes, iguais às da raça branca” (RODRIGUES, 2006 [1939], p. 105). Nina Rodrigues questiona a infalibilidade do método lombrosiano, pois sobre Lucas da Feira os sinais atávicos foram considerados “normais”. Para justificar esse dado, o médico rememora as boas qualidades do cangaceiro, sendo líder do seu bando, não tendo denunciado seus cúmplices e também não fazendo nenhum mal a seus antigos proprietários. Ao fazer essa constatação, o autor questiona o modo de vida, as injustiças sociais ocorridas no seio da sociedade escravocrata e admite que se Lucas da Feira tivesse ficado na África talvez fosse um rei ou um importante chefe tribal. Cf. RODRIGUES, 2006 [1939].

sobre como diferentes ramos das ciências humanas e das artes tentaram interpretá-lo. O autor diz que a história, por exemplo, busca as suas origens através da historicização das figuras mais conhecidas, como Jesuíno Brilhante, Antônio Silvino e Lampião. Na narrativa construída pela história, o cangaço é apresentado como fenômeno que tem seus antecedentes nos primeiros tempos da colonização e nas guerras de extermínio protagonizadas por algumas famílias poderosas. Já a sociologia aponta os aspectos econômicos e a opressão sofrida pelos mais pobres, o não acesso à justiça, as violências impostas pelos potentados rurais são acentuadas como fatores importantes para a formação dos grupos. A antropologia realça as questões ligadas à cultura rural, os códigos de honra, o sentimento de vingança.

Para o mesmo autor, a psicanálise também lançou seu olhar sobre o cangaço, e viu numa sociedade extremamente repressora a respeito das questões sexuais um ambiente propício à violência com tons sádicos que fizeram parte de algumas das ações cangaceiras. O jornalismo desde os primeiros movimentos do cangaço já estava preocupado em transmitir informações, em usar a curiosidade causada pelos cangaceiros para vender jornais e tomar posicionamentos sobre as violências e os modos de agir dos mesmos.

Luiz Tavares Júnior (1987) não esqueceu de citar o cinema, as artes plásticas e a literatura, pois cada uma destas expressões artísticas, a seu modo, contribui com uma estética e linguagem sobre o cangaço que alcança um público mais amplo. O cinema utilizou o tema no esforço de fazer um resgate das histórias nacionais, privilegiando roteiros que mostrassem a vida brasileira em detrimento das encenações inspiradas na estética do cinema norte americano. Nesse intuito, filmes como *O cangaceiro*¹³ foram produzidos e tiveram grande sucesso de crítica e público, aqui no Brasil e também em outras terras. Glauber Rocha, um dos nossos mais conhecidos e prestigiados cineastas, foi buscar inspiração no cangaço e no messianismo para um dos seus mais notáveis filmes, *Deus e o Diabo na Terra do Sol*¹⁴.

¹³ Produzido pela Companhia Cinematográfica Vera Cruz, foi considerado uma grande produção para a época. O filme alcançou muito sucesso, sendo comercializado para mais de 80 países. A direção foi do cineasta Lima Barreto e os diálogos do filme criados pela escritora Rachel de Queiróz. O Cangaceiro conta a história do capitão Galdino Ferreira – inspirado em Lampião – e de um dos seus homens de confiança, o cangaceiro Teodoro. Galdino, Teodoro e seus cabras invadem uma pequena cidade e, com a intenção de pedir um resgate, sequestram uma professora. Teodoro apaixona-se pela professora, desobedece as ordens do seu chefe e tenta salvá-la, ao perceber que Galdino não a devolveria, mesmo que recebesse o resgate. A fuga de Teodoro e da professora Olívia aflora o ódio de Galdino Ferreira que sai em perseguição aos dois. Cf. O CANGACEIRO. Direção: Lima Barreto. São Paulo: Companhia Cinematográfica Vera Cruz, 1953. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oOumq-kWf-Y&t=1072s>>. Acesso em: 07 dez. 2016.

¹⁴ Considerado o mais importante do cinema novo, o filme narra a história do sertanejo Manoel que, ao ver-se explorado por um coronel, o assassina. Foge com sua mulher, Rosa, e encontra acolhida em um grupo messiânico que pregava a restauração da Monarquia e o fim da República. Com a exterminação do grupo messiânico, Manoel e Rosa encontram abrigo no já reduzido bando de Corisco, que está revoltado com morte de Lampião, percebendo que o mundo do cangaço chegava ao fim. Cf. DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL.

Na literatura, grandes clássicos das letras nacionais beberam na fonte do cangaço para a criação de suas histórias e – assim como sucedeu com a contribuição do cinema ao esforço de trazer para as telas um painel que privilegiasse a história nacional –, a literatura procurou também desempenhar esse papel, sobretudo a partir da década de 1930 com o chamado romance de trinta, que apresentou o cangaceiro como um personagem representativo de um Nordeste arcaico e violento, porém, forte e original.

Albuquerque Júnior (2011) se refere a outro importante discurso que se firmou sobre o cangaço no momento em que o fenômeno fazia parte das preocupações dos políticos nordestinos, que, posicionando-se contrários a essa prática, levaram às tribunas posições visando unificar os estados nordestinos em torno de uma reivindicação: encontrar apoio e consolidar alianças no seu combate.

Outras manifestações importantes sobre o cangaço foram os discursos médicos. Um dos mais famosos é o do médico Estácio de Lima¹⁵, em sua obra *O mundo estranho dos cangaceiros* (2014 [1965]). O próprio título pode ser um primeiro ponto de discussão sobre o livro. Será que esse mundo era mesmo estranho? Estranho para quem? Para quais grupos? Sob qual ponto de vista? O mundo dos cangaceiros era estranho para o homem do litoral. No sertão, o mundo do cangaço representava, em parte, os valores do sertanejo. Estácio de Lima mostra no seu livro um ambiente que, para ele, era um mundo de estranhamento que precisava ser dissecado, analisado sob o ponto de vista da ciência médica unida à sociologia. Deteve-se na vida dos cangaceiros, mas também abordou a vivência dos sertanejos sob a ótica da religiosidade, das relações de compadrio e no tocante à conduta sexual das mulheres.

O autor baiano conduz os seus leitores por esse mundo, descrevendo como era a vida dos sertanejos. Dirige-se, portanto, a um público desconhecedor do sertão, ao introduzir seus leitores por um mundo de estranhamento que gesta excêntricos filhos, os cangaceiros. Seu discurso de médico aparece quando ele mostra preocupação com a ausência de higiene presente na casa dos sertanejos. Ao relatar a pobreza material do homem sertanejo, Estácio de Lima a compara com a vida dos cangaceiros. Nesse cotejo, a vida no cangaço tinha larga vantagem frente à vida do homem sertanejo comum. Andar pelos matos, dormir sob a amplidão do céu, parecia ser um destino menos humilhante do que a fome, as doenças, o descaso governamental. Lima (2014 [1965], p. 79) diz ter ouvido da boca de muitos caboclos:

Direção: Glauber Rocha. Rio de Janeiro: Copacabana Filmes, 1964. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OlgBrV-E0v0>>. Acesso em: 09 dez. 2016.

¹⁵ Estácio de Lima, graduado em Direito e Medicina, foi professor da cadeira de Medicina Legal da Faculdade de Medicina da Bahia e da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia. Escreveu outros livros a respeito do cangaço.

“Os cangaceiros, pelo menos, não morrem de fome. E morrer de fome é pior do que morrer na ponta da faca, ou na boca do rifle”. *O mundo estranho dos cangaceiros* (2014 [1965]) foi escrito por um homem que estava disputando os restos mortais dos cangaceiros com os familiares de Lampião, Maria Bonita e Corisco. Portanto, ele tinha interesse direto nas memórias e em formular um discurso para o cangaço.

O Instituto Nina Rodrigues possuiu até a década de 1960, as cabeças dos cangaceiros e seus pertences como as peças mais importantes do seu acervo. Em vários momentos do livro, Estácio de Lima tenta deslegitimar os discursos que apontam Lampião e outros cangaceiros como sendo criminosos lombrosianos e fala da importância dos estudos das cabeças dos cangaceiros na própria integração dos egressos do cangaço na sociedade. Mostra que homens e mulheres participantes do cangaço não eram criminosos natos, assim poderiam ser reincorporados à sociedade sem acarretar maiores problemas, pois uma vez distante do cangaço voltariam a ser gente pacata. Suas conclusões a respeito dos cangaceiros, depois dos exames das cabeças, sob a ótica da Antropologia Criminal de Turin é a seguinte:

O psiquiatra italiano proclamara que a impulsividade, a vaidade e a insensibilidade moral faziam parte do quadro psicológico dos homens que “nasceram para o crime”. Sabe-se, todavia, que os ímpetos e os demais atributos ditos “natos”, não constituem nenhum caráter específico. E se, acaso, constituíssem, lembraríamos que duas qualidades importantes para Lombroso, a covardia e a falta de delicadeza amorosa, não faziam parte integrante da personalidade do cangaceiro (LIMA, 2014 [1965], p. 113).

Esse traço da personalidade amorosa dos cangaceiros é personificado em Lampião e Maria Bonita. Discursos levados inclusive para a televisão, que também contribuiu para divulgar a história do cangaço. E essa representação dos cangaceiros se deu no sentido da heroização do cangaceiro e do seu modo de vida, fazendo dele um explorado insurgente que se transforma em extraordinário tipo de vingador em defesa dos oprimidos. A primeira minissérie levada ao ar pela Rede Globo de Televisão foi sobre Lampião e Maria Bonita, em 1982, com enredo baseado nos últimos seis meses da vida dos dois personagens. Com autoria de Aguinaldo Silva e Doc Comparato, a minissérie mostrou em oito capítulos as duas faces mais conhecidas e comentadas de Lampião (vivido pelo ator Nelson Xavier): sua proverbial brutalidade frente aos inimigos e seus atos de heroísmo, sendo muito desse heroísmo demonstrado na sua relação com Maria Bonita, interpretada por Tânia Alves¹⁶.

¹⁶ Cf. Guia Ilustrado TV Globo, 2010.

Em depoimento às organizadoras do livro *Bonita Maria do Capitão* (2011), a atriz Tânia Alves falou de como se percebeu ao dar vida a Maria Bonita e de como esta personagem já era conhecida, pois ela povoou sua imaginação infantil:

Falar de Maria Bonita... São tantos laços mágicos. Quando eu era menina, meu pai, pernambucano, me contava sobre Lampião e eu já povoava meus sonhos românticos com a figura do másculo Capitão, o herói, o justiceiro. De repente me vejo em seus braços, perdidamente apaixonada, louca de amor e de orgulho pelo sertão afora. Lutando com unhas e dentes ao lado de meu homem. Vivendo um grande amor, um amor radical! E foi assim. Eu chegava com o visagista Jaques Monteiro nas locações antes do amanhecer para começar a belíssima caracterização e, quando todos estavam prontos e eu nos via naqueles cenários por onde o bando havia realmente passado, tudo acontecia! Éramos reais. Eu era Maria Bonita e tudo se repetia. Ela era linda, corajosa, transgressora. Ela mudou a minha vida. É responsável pelo meu sucesso profissional. Foi o divisor de águas na minha carreira de atriz. Foi um presente! Ninguém jamais esquecerá essa obra-prima da televisão! Ninguém jamais esquecerá Maria e Virgolino, meu brilhante parceiro Nelson Xavier (Depoimento retirado de: FERREIRA; ARAÚJO, 2011, p. 171).

Na fala da atriz percebemos um olhar sobre o cangaço que não era só dela, que estava imbuído das características necessárias para construir sua personagem. Noto na sua fala a maioria dos discursos sobre Maria Bonita. A valentia, a beleza, e a radicalização de viver um amor selvagem estavam sendo lançados na cena. Os cenários externos não foram montados. Os atores foram aos lugares por onde Maria Bonita viveu, lutou e morreu. A atriz percebeu Lampião como um justiceiro, másculo e romântico. Com esse espírito, o cangaço foi representado nas telas das noites da Rede Globo no início dos anos 80 do século passado.

Mas não foi a televisão a responsável pela criação dessa imagem do cangaceiro como um valente defensor dos valores tradicionais, um irredento que, fugindo da pobreza e das humilhações, se lança numa luta contra a injustiça e os poderosos. Esse tipo de cangaceiro justiceiro do povo já fazia parte de algumas chaves de interpretação sobre os motivos do surgimento do cangaceirismo. Muitas dessas versões priorizaram um olhar voltado para as questões econômicas. A pobreza, as secas aparecem assim, como fatores preponderantes para o surgimento e a manutenção dos grupos cangaceiros. Um dos mais conhecidos e comentados livros a tratar do cangaço e também do dito fanatismo religioso – que grassava nos sertões nordestinos –, pelo viés marxista é o de Rui Facó: *Cangaceiros e fanáticos*. Rui Facó era militante do Partido Comunista Brasileiro, de modo que muitas das teses do partido foram incorporadas ao seu livro, que denunciava o controle do latifúndio por poucos privilegiados como causa importante para a formação dos grupos de cangaceiros. Para ele, fanatismo e

cangaço existiram como forma de reação às estruturas injustas da sociedade nordestina, formada por senhores perversos, que mantinha resquícios da escravidão. Isso ocasionava a exploração cruel e injusta da mão de obra e lançava os sertanejos mais simples à revolta.

Era mais do que natural, era legítimo, que esses homens sem terra, sem bens, sem direitos, sem garantias, buscassem uma “saída” nos grupos de cangaceiros, nas seitas dos “fanáticos”, em torno dos beatos e conselheiros, sonhando a conquista de uma vida melhor. E muitas vezes lutando por ela a seu modo de armas nas mãos. Eram eles o fruto da decadência de um sistema econômico-social que procurava sobreviver a si mesmo (FACÓ, 1983 [1963], p. 21).

Já prevendo ou mesmo sofrendo críticas pela forma como o cangaço foi tratado por Facó, a Editora Civilização Brasileira, cujo filão era a publicação de obras de caráter marxista, ao lançar a sétima edição de *Cangaceiros e fanáticos* (1983 [1963]), vinte anos após a morte do autor, fez uma apresentação da obra e justificou que as teses levantadas por Facó, possivelmente, não agradavam aos que ali se classificam como pseudo-historiadores e sociólogos a soldo da classe senhorial brasileira. Por essa razão, desconsideravam as teses de Facó e adotavam interpretação meramente “lírica” do cangaço ou aos que o viam apenas como expressão de criminalidade¹⁷. Para a editora, o livro era um caminho para se resolver os problemas sociais brasileiros nas questões referentes à classe camponesa, pois apontava as causas dos problemas no campo. Podemos pensar que já circulava nos meios intelectuais discursos outros que criticavam a redução do fenômeno do cangaço à luta de classes, daí que esse tipo de defesa se fez importante.

A respeito das interpretações marxistas do fenômeno cangaço, Albuquerque Júnior diz: “O discurso dos intelectuais marxistas tende a abordar fenômenos como o cangaço, o messianismo e o coronelismo a partir de seus determinantes sociais, reduzindo-os quase sempre a mera explicação econômica” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 221). O cangaço apresentado como uma face simples da luta de classes foi usado como discurso da esquerda para legitimar sua ideologia. Contrapor o coronel ao cangaceiro, o potentado rural ao deserdado da terra aparecia como discurso legitimador das teses do Partido Comunista Brasileiro. Mas essa visão sofre um grande baque com as teses que iluminam a ligação entre coronéis e cangaceiros, a ajuda mútua, os acordos revelados e relações que aos poucos foram demonstradas. Fortunato (2012) considera que houve uma relação de barganha entre os

¹⁷ O texto, assinado pela Editora Civilização Brasileira, faz parte da orelha do livro.

cangaceiros e os coronéis. Mesmo não havendo uma linha de subordinação existia uma relação de troca de favores. Alguns coronéis faziam às vezes de coiteiros de cangaceiros e os cangaceiros serviam de braços armados aos coronéis. Assim:

Analizando essa concepção é possível perceber uma tentativa de imposição de um poder personalizado, análogo ao poder dos coronéis, mas que em nenhum momento pretende questioná-lo ou derrubá-lo, ao contrário, apoia-se nele para se estabelecer e para permanecer funcionando (FORTUNATO, 2012, p. 29).

Autores contemporâneos ao cangaço lampiônico, como Gustavo Barroso¹⁸, analisaram o fenômeno já atentando para a sua ligação com o coronelismo¹⁹, sem aderir à solução simplista de colocar cangaceiros e coronéis como antagonistas. Gustavo Barroso (2012a [1928]) afirmou que matar e prender cangaceiros não resolveria o problema, pois enquanto houvessem coronéis-coiteiros, dando apoio e proteção aos cangaceiros e mesmo valendo-se dos seus serviços, o cangaceirismo não teria fim. Para legitimar o que dizia, cita um documento revelador sobre os costumes dos chefes políticos dos municípios nordestinos do período. O chamado “pacto dos coronéis” reuniu no Juazeiro do Padre Cícero, no ano de 1911, coronéis importantes da região do cariri cearense que buscavam, de modo violento, pelas armas, solução para recorrentes disputas políticas no sul do Ceará. Num das cláusulas do pacto, há referência explícita para que os coronéis da região deixassem de dar guarida aos cangaceiros e parassem de utilizar o serviço deles nas suas desavenças pelo poder local. A partir da apresentação daquele documento, Barroso (2012a [1928]) chama Juazeiro de A capital do cangaço. Acredito que Barroso, - assim como a elite eclesiástica brasileira –, não perdoava a liderança do padre Cícero no Nordeste. Daí porque pode-se admitir que essa denúncia feita por ele não se deu apenas com a finalidade de ligar os cangaceiros aos

¹⁸ Foi membro da Academia Brasileira de Letras. Sua obra é composta de mais de cem livros. Também foi notório líder da Ação Integralista Brasileira. Cf. BARROSO, 2012a.

¹⁹ O termo coronelismo deriva da patente de coronel da Guarda Nacional, instituição criada em 1831 para operar como força de segurança interna, suprimindo carências do frágil Exército brasileiro, ainda comandado naquela época por maioria de oficiais portugueses. As patentes dos oficiais da GN por ordem hierárquica eram as de coronel, tenente-coronel, major, capitão, tenente e alferes. De milícia cidadã, a GN foi pouco a pouco se degradando como força de segurança. Passou então a servir mais ainda aos grandes proprietários rurais, transformados em base política, agora com mais poder de coerção, apesar do caráter civil da GN. Daí porque o coronelismo é visto por muitos estudiosos como um sistema de poder, caracterizado pelas relações de compromissos entre os chefes locais e os oligarcas estaduais, que, por sua vez, se articulam com o poder central. Aos coronéis cabia garantir os votos nas eleições a bico de pena; os chefes oligarcas e o poder central faziam as nomeações para os cargos de mando, mediante indicação dos chefes locais. O coronelismo atingiu o apogeu na República Velha (1889-1930). Sobre coronelismo ver: JANOTTI, 1984; LEAL, 2012; ROLIM, 2006; CARVALHO, 2004.

coronéis, mas sim combater, segundo ele, o arcaísmo nordestino, que tinha como expoente máximo o patriarca do Juazeiro²⁰.

Mas como se dava mesmo a ligação entre cangaceiros e coronéis? Mello (2011 [1985]) explica que muitos cangaceiros assumiram, de forma ocasional, o papel de capangas, mas não mantinham laços de dependência irrestrita com os coronéis. Na maior parte de suas ações agiam em benefício próprio, fazendo o que foi denominado de cangaço independente. “A característica principal do cangaceiro, vale dizer, o traço que o faz único em meio aos demais tipos já aqui analisados é a ausência de patrão” (MELLO, 2011 [1985], p. 88). Dessa maneira, assumiam suas próprias contendas e legitimavam sua vida no cangaço sob os mais diversos motivos. Era importante para um chefe cangaceiro revelar sua independência e situar a luta no campo da pessoalidade e não da subordinação a outrem.

Lampião, Sinhô Pereira²¹, Jesuíno Brilhante, os mais importantes chefes de grupo do cangaço, tinham em comum a justificativa de que assumiram a vida cangaceira para empreenderem vingança contra seus inimigos, sendo expoentes do Cangaço Independente. Assim outro fator comumente citado para a formação grupos de cangaceiros eram as rixas entre famílias. Num sertão considerado sem lei, a violência era meio eficaz nas decisões de questões relacionadas à herança e divisão de terras. Segundo Gruspan-Jasmin (2006, p.16) “No seio da comunidade do sertão, a ação governamental limitava-se ao recebimento de impostos e nunca interferia nas decisões dos clãs; não existia nenhum código, nenhuma lei escrita”. A morte era a única justiça conhecida e praticada com assiduidade, sendo o sertanejo completamente desprotegido pelas leis do país. Ao matar o inimigo, ou sendo ameaçado por rivais, muitas vezes o cangaço aparecia como única alternativa de proteção, de ligar-se a um grupo, dando lugar ao que Frederico Pernambucano de Melo chamou de Cangaço-Refúgio.

Mello (2011 [1985]) dividiu o cangaço em três tipos: O Cangaço de Vingança: o sertanejo ao sofrer uma afronta pessoal ou familiar entrava nos bandos com o fito de vingar-se de seus inimigos. A vingança foi uma justificativa “nobre” para explicar a incorporação dos homens no cangaço. Os maiores representantes dessa forma de cangaço foram Jesuíno Brilhante, Sinhô Pereira e seu primo Luís Padre; o Cangaço-Refúgio servia para homens que se vendo ameaçados por grandes fazendeiros ou mesmo por algum membro de volante

²⁰ Acerca das divergências entre a elite eclesiástica brasileira e o padre Cícero, Cf. ROLIM, 2016.

²¹ Tal como Lampião, que entrou no cangaço tendo, de início, como principal motivação encontrar meios de se vingar de seus inimigos, Sinhô Pereira formou um grupo de cangaceiros para se vingar da família Carvalho, depois da morte do patriarca da família Pereira por um membro daquela. “Os Pereiras, chefiados por Sinhô Pereira, constituíram um bando ao estilo clássico dos vingadores de desavenças familiares e passaram a percorrer o sertão pernambucano” (DORIA, 1981, p. 65). Essa característica – a procura de vingança e proteção – justifica a identificação de Lampião com o bando de Sinhô Pereira.

entrava nos grupos de cangaceiros em busca de proteção; e o Cangaço Meio de Vida, seria o cangaço como profissão. Mello (2011 [1985]) diz que um dos maiores expoentes do Cangaço Meio de Vida foi o próprio Lampião, antecedido pelo famoso cangaceiro Antônio Silvino.

A pobreza, a falta de oportunidades, o desespero frente à seca e à fome por ela provocada também emergem como discursos de justificação para a entrada de homens no cangaço. Muito se debate sobre quais as condições de vida seriam capazes de impulsionar vidas jovens para as profundezas do cangaço. A seca dos dois sete (1877-1879) não foi o fato inaugural do cangaço. No entanto, eram momentos propícios para que a violência dos cangaceiros fosse mais facilmente notada pela população. A desordem social causada pelos anos de estiagem aproximava de maneira perigosa os cangaceiros da população e a ação governamental na tentativa de reprimir se mostrava falha. Pericás (2010) diz que quase nenhum dos líderes cangaceiros integrava as classes mais despossuídas. Para reforçar sua afirmação cita os exemplos de Jesuíno Brilhante, Sinhô Pereira, Lampião, Sabino Gomes, Chico Pereira²², segundo ele, todos filhos de proprietários de terras. Então por que este discurso da seca e da pobreza ficou tão marcado como motor importante para justificar a entrada de homens no cangaço? Albuquerque Júnior expõe algumas faces deste discurso que é fortemente utilizado na literatura nordestina²³:

A seca, a terra rachada, a fome, embora atinjam só alguns espaços, alguns períodos e alguns grupos sociais da região, são generalizados, tornam-se permanentes. De problemas sociais, eles terminam por se tornarem problemas pensamentos. De problemas sociais, eles terminam por se tornarem problemas de um dado espaço (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 225).

No sertão nordestino é fácil perceber a “intimidade” com o cangaço. Jovens falam sobre o encontro de parentes com algum cangaceiro ou mesmo com o “famigerado” – adjetivo bem ao gosto da linguagem jornalística da década de 1920 e 1930 – Lampião. Chandler (2003) diz que a primeira menção a Lampião como o famigerado aconteceu na edição do Diário de Pernambuco de 22 de julho de 1922, após o assalto à comarca de Água Branca, em Alagoas. Ele afirma também que o jornal foi profético ao intitular Lampião de famigerado,

²² Cangaceiro da região do sertão da Paraíba. Chico Pereira era filho de um proprietário rural da região de Nazarezinho. Entrou no cangaço após a morte do pai e liderou juntamente com Sabino Gomes o ataque a cidade de Sousa em 1924. Cf. SARMENTO, 2016.

²³ Para saber mais sobre a constituição do discurso literário regional, que instituiu as secas como cenário dos mais recorrentes na literatura nordestina, cf. LANDIM, 2005.

pois de 1922 até 1938 não se passava muito tempo sem que os jornais trouxessem notícias sobre ele.

A cultura popular se apropriou das proezas do cangaço através da literatura de cordel. Nas festas juninas cangaceiros e cangaceiras estão representados nas quadrilhas. Nas feiras de artesanato estampam blusas, bolsas, chaveiros, canecas e uma infinidade de produtos representativos de uma identidade ligada à vida nordestina. Músicas, filmes e toda uma gama de discursos colocam o cangaço na linha de frente das chamadas curiosidades históricas, sendo inspiração para muitas histórias, numa mistura de realidade e ficção que costuma provocar polêmica entre os estudiosos. Acredito que isso ocorre porque o cangaço, mesmo tendo sido uma forma de vida criminal, se transformou em espaço de diversidade cultural a partir da construção de uma estética própria, sobretudo o cangaço lampiônico. A violência cedeu lugar a uma estética valorativa das cores, símbolos e religiosidade.

Por todas estas representações do cangaço, entendo que há uma falsa percepção do quanto e de como essa história e a dos seus personagens mais celebrizados é conhecida por todos. Não é através da história dos livros didáticos ou dos grandes clássicos da história nacional que ela aparece. Na Educação Básica, o tema cangaço surge muito diluído no conteúdo que versa sobre os conflitos ocorridos na República Velha. Então a cultura histórica sobre o cangaço não aparece na escola, são por outros meios que essa cultura histórica foi sendo construída.

No livro *História e Memória*, o historiador Jacques Le Goff (1994) se ocupa em pensar qual o lugar atribuído ao passado na sociedade. E para pensar sobre isso ele usa o conceito de Cultura Histórica que se refere a todo um conhecimento sobre a história que de certa forma independe do aval dos historiadores profissionais, mas depende da relação que a sociedade tem com o seu passado. Sobre isso Le Goff diz: “A história da história não se deve preocupar apenas com a produção histórica profissional, mas com todo um conjunto de fenômenos que constituem a cultura histórica ou, melhor, a mentalidade histórica de uma época” (Idem, p. 48). Ao continuar sua reflexão, Le Goff discute que os manuais escolares só surgiram a partir do século XX, mas Carlos Magno já ocupava lugar privilegiado na literatura de gesta. O autor fala do nascimento do gênero romance no século XII e de como seu surgimento se deu em relação direta com o uso de temas históricos. O cinema a partir do século XX também passa a cumprir esse papel:

Marc Ferro (1977) mostrou como o cinema acrescentou a história uma nova fonte fundamental: o filme torna claro, aliás, que o cinema é “agente e fonte

da história”. Isso é verdadeiro para o conjunto dos *medias*, o que bastaria para explicar que a relação dos homens com a história conhece, com os *medias* modernos (imprensa de massas, cinema, rádio, televisão), um avanço considerável (LE GOFF, 1994, p. 49).

Ao adentrar no estudo do cangaço, percebo seus meandros, as muitas dúvidas, as “certezas”, as lutas em torno das memórias e da história, por isso entendo que esse estudo está fortemente ligado ao conceito de Cultura Histórica. Os muitos discursos disseminados pelos seus especialistas, por cangaceiros e policiais volantes que participaram ativamente das lutas na vida sertaneja dos tempos do cangaceirismo fazem dele território difícil de ser percorrido, é um pouco como o jogo de se mostrar e se esconder dos cangaceiros. Dissimular os coitos, disfarçar os rastros, renomear novos cangaceiros com o nome de outros já mortos, confundir as volantes, tudo isso fazia parte das táticas de guerra de Lampião. Ranulfo Prata²⁴, um dos primeiros a escrever biografia de Lampião, fala a respeito de como os cangaceiros dissimulavam suas passagens pelo território sertanejo na tentativa de despistar os rastejadores e oficiais volantes mais treinados nas caçadas.

Como fito de desnortear, passam a andar trechos de caminho a um de fundo, todos a pisarem cuidadosamente a mesma pegada, simulando um só viajar, invertem as alpercatas, ficando os calcanhares para a frente, produzindo atrapalhões de rumo. Quando sentem a tropa perto, pega não pegam, trepam nas cercas a firmarem-se como equilibristas desengonçados, varam quilômetros e quilômetros, suspensos do solo, onde não ficaram vestígios delatores (PRATA, 2010 [1934], p. 110).

Ranulfo Prata exacerba o poder dos cangaceiros nos aspectos ligados às táticas guerreiras, às extremas dificuldades de capturá-los e de vencê-los por conta de suas artimanhas. Isso faz parte de um discurso que visou aumentar a perseguição aos cangaceiros, um discurso intencionalmente formulado para dar uma aura de maior perigo aos homens que viviam sob o cangaço e, assim, cobrar das autoridades maior engajamento na perseguição dos grupos que aterrorizavam o Nordeste. Ao mesmo tempo, é uma forma de desculpar a polícia dos estados nordestinos por fazerem frente a Lampião sem, todavia, conseguir sua captura. Os cangaceiros são apresentados como super-homens na arte de esconderem-se, talvez protegidos

²⁴ Em 1934 publicou o livro *Lampião*. A linguagem utilizada por ele, ao falar do cangaço, é repleta de preconceitos. No prefácio é dito que o próprio Lampião leu a obra, concordando e discordando em alguns das falas sobre si. Como muitos livros sobre Lampião e o cangaço, não há citação de fontes, histórias são narradas com personagens sem nomes, lugares não identificados. A escrita de Prata se vincula à legalidade e ao preconceito a tal ponto que Lampião é descrito como um monstro, fruto da mestiçagem e da degenerescência. Cf. PRATA, 2010.

por toda a sorte de feitiçarias, justificando-se dessa maneira o insucesso dos seus perseguidores. Esse esconder-se me parece inscrito na própria forma em que a história dos cangaceiros passou a ser contada pelos chamados especialistas do cangaço, pois os desencontros de informações e as disputas pela primazia da “verdade” são muitos.

Outro autor, Optato Gueiros, reforça essa mística em torno da movimentação dos cangaceiros. No livro, *Memórias de um oficial ex-comandante de Forças Volantes*, ele relata o imaginário sobre os poderes ocultos dos cangaceiros: “Cangaceiro é invisível, só é visto quando quer e vê todo mundo sem ser visto” (GUEIROS, 1953. p. 26). O poder de ver sem ser visto, atribuído aos cangaceiros, fortalece ainda mais o perigo que representavam. Os mais místicos atribuíram isto às rezas fortes possuidoras do poder de, até mesmo, transformar os cangaceiros em tocos e pedras, nos momentos de grande perigo em que a necessidade de esconder-se era premente. Já os mais céticos atribuem esses poderes de ver sem ser visto, não ao sobrenatural, mas às diversas redes de informações que ajudaram os cangaceiros na sua manutenção como grupo armado e na resistência a tantas perseguições. Telegrafistas, coiteiros, mascates, coronéis e elementos da polícia faziam às vezes esses olhos e ouvidos ao repassarem informações valiosas aos cangaceiros.

Pelo exposto até aqui, penso nessas táticas de guerra do cangaço lampiônico e como isso se inscreve na história feita sobre o cangaço. Nada é fácil nesse caminhar, uma história lida pela manhã é desmentida por outra leitura feita à noite, os nomes são muitos, as mortes também, a violência amedronta e fascina na mesma medida, mistérios vão se dissipando para dar lugar a outros, num jogo de dúvidas transformadas em “verdades” pelos pesquisadores que lutam pelas memórias dessas histórias múltiplas. Nessa luta pelo primado da “verdade”, as histórias de cangaceiros e cangaceiras foram deixando atrás de si mitos, lendas e até santos populares²⁵.

Ao se esconderem os cangaceiros abriram margens não só para as dúvidas e para discursos conflitantes na busca da “verdade” dos fatos. Ao se mostrarem também deixaram segredos e lacunas na história. De forma paradoxal, os cangaceiros não apenas se escondiam, muitas vezes a vaidade se sobressaía e eles surgiam com grande alarido, afrontando autoridades, exibindo suas roupas extravagantes, seu modo de vida peculiar. Em 1926,

²⁵ Jararaca é o nome de guerra de José Leite de Santana. Ele participou do ataque empreendido por Lampião à cidade de Mossoró. Foi capturado pela polícia e morto alguns dias depois. As histórias contadas sobre sua morte se referem à extrema brutalidade da polícia que o teria tirado da cela levando-o até o cemitério da cidade, onde foi executado. Seu túmulo é um dos mais visitados nos dias de finados em Mossoró. Há histórias de milagres atribuídos a Jararaca. Por isso muitas pessoas prestam devoção ao cangaceiro. Sobre isso, cf. NASCIMENTO, 2016.

Lampião protagonizou uma dessas aparições, ao visitar o padre Cícero no Juazeiro, sacudiu moedas para os romeiros, deu entrevistas, mostrando seu poder para a gente mais simples e também para os poderosos, construindo assim a imagem de Rei do Cangaço²⁶. Em 1927, Lampião e seu bando atacaram a cidade de Mossoró no Rio Grande do Norte, onde sofreu uma de suas derrotas mais significativas²⁷.

Os cangaceiros viviam muito tempo escondidos na caatinga ou em algum coito, momentos em que se recuperavam das batalhas e se organizavam com novas táticas guerrilheiras. Mas era nas cidades que se mostravam em todo o seu aparato guerreiro, impressionando tudo e ostentando um modo de vida que, de certa forma, os faziam não se envergonhar da marginalidade realçada nos discursos jornalísticos. Os cangaceiros não aceitavam ser comparados a bandidos comuns, acreditavam no heroísmo de suas ações e que, de alguma maneira, faziam justiça tendo mesmo o direito e o dever de proceder a suas ações criminosas. Concordo com Mello quando diz: “Por tudo isso, não é de estranhar que o cangaço tenha sido uma forma de vida criminal orgulhosa, ostensiva, escancarada. Até mesmo carnavalesca, como no caso do traje que estamos analisando, de muito apuro e de muitas cores” (MELLO, 2012a, p. 46).

Nas cidades, os cangaceiros testavam de fato o seu poder, faziam a ligação com a civilização, mostravam-se num espetáculo bem ensaiado, tendo à frente o líder, o chefe dos cangaceiros, comandante dos cabras a seu serviço, quem ordenava o momento certo para atacar, quem escolhia o alvo, quem ordenava o recuo ou retirada. Lampião soube usar estas entradas nas cidades para passar recados e dar demonstrações de força frente às autoridades constituídas. E assim foi construindo sua lenda pelos caminhos que percorria.

²⁶ Padre Cícero Romão Batista e o deputado federal Floro Bartolomeu chamaram Lampião para uma visita ao Juazeiro no intuito de convencê-lo a participar do Batalhão Patriótico do Juazeiro na luta contra a Coluna Prestes. Lampião aceitou a missão, recebeu armamentos do governo para combater a coluna, e ainda foi contemplado com o título de capitão das forças legalistas. Título de capitão, aliás, que, mesmo falso, foi usado por Lampião até o fim de sua vida. Cf. CHANDLER, 2003; PEREIRA, 2000.

²⁷ Na fuga desesperada de Lampião levando consigo reféns, correndo ao Ceará atrás de proteção, ele destruiu seu sonho de invencibilidade. A derrota lampiônica não se deu apenas no campo de batalha, mas dentro das práticas discursivas que forjaram o heroísmo mossoroense. Heroísmo reforçado continuamente. Em Mossoró funciona a SBEC (Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço) e todos os anos a invasão do grupo é teatralizada pelos moradores da cidade em praça pública, fazendo parte dos festejos da cidade. O inimigo nessa história também é heroicizado. No cemitério há o túmulo de um “santo” cangaceiro, que foi transformado em objeto de culto de alguns sertanejos em busca de milagres. Sobre a empreitada de Lampião a Mossoró, Chandler comenta: “Uma coisa era saquear fazendas isoladas ou pequenos povoados, mas, inteiramente outra, ameaçar cidades importantes, onde morava gente importante” (CHANDLER, 2003, p. 137). Para saber mais sobre os discursos e representações da invasão de Lampião a Mossoró cf. CHANDLER, 2003; PEREIRA, 2000.

2.1. Algumas considerações sobre Lampião e o cangaço lampiônico

Não estranha que sua legenda reluza tanto, para o que há de contribuir também a condição de vencedor de desafios que ninguém lhe recusa, para além das vitórias a bala. Moreno Escuro, cego de um olho, manco, meio corcunda, sem cultivar barba ou bigode, óculos professorais a lhe desenharem o rosto, nem o mais novo nem o mais velho dos irmãos, fez-se chefe de grupos e capitão do cangaço, arrostando os padrões sertanejos, ainda atentos a preconceitos ligados a cor, deficiência física, símbolo de virilidade, ordem de nascimento, contra novidades, vistas essas últimas como coisas do cão. Ao entrar como celebridade na terra do padre Cícero, em 1926, surpreendeu a imprensa local por ser dos mais escuros do grupo. Mas era chefe. E chefe de autoridade jamais discutida, apesar da convivência de duas décadas com os homens mais perigosos do sertão (MELLO, 1993, p. 90)

A descrição feita acima é facilmente identificada a Lampião. Chefe cangaceiro que dominou os noticiários escrevendo sua legenda de violência entremeada com histórias repletas do imaginário romântico capturado principalmente pela literatura de cordel, da qual falarei mais adiante. Muitos foram os cangaceiros que se tornaram célebres, mas Lampião se notabilizou mais do que seus antecessores, ele atraiu a imprensa e de certa forma construiu para si a imagem de chefe cangaceiro bem sucedido e respeitado. Nenhum outro cangaceiro foi tão comentado quanto ele. Lampião eclipsou seus companheiros de cangaço e também os cangaceiros anteriores. “A mitológica figura de Virgolino Ferreira da Silva, apresentado na história do ‘banditismo’ nordestino como o personagem de maior notoriedade, iluminando e ofuscando os outros cangaceiros” (DUTRA, 2011, p. 03).

“Lampião é um *prinspe*”, teria dito Antônio Silvino ao ser entrevistado por Leonardo Mota²⁸. Antônio Silvino falou colocando-se no lugar de um cangaceiro mais antigo, dos tempos de um cangaço desenrolado em ambiente mais hostil, com dificuldades se interpondo a todo o momento. O velho cangaceiro acreditava que Lampião colhia os frutos de um sertão mais moderno. Antônio Silvino preso, fora de combate, entendia que um sertão moderno auxiliava mais do que atrapalhava Lampião. Os meios de comunicação mais eficientes, o aumento da população, algumas melhorias na qualidade de vida faziam com que os sertanejos temessem enfrentar os cangaceiros, a vida era mais confortável e mais interessante a se preservar.

²⁸ Nasceu em Pedra Branca no Ceará e formou-se bacharel em direito pela Faculdade de Direito do Recife no ano de 1926. Escreveu diversos livros que enfocavam sertão e sua gente. Sua obra mais importante, Adagiário Brasileiro, foi publicada após sua morte. Cf. < <http://coisadecearense.com.br/leonardo-mota/>>. Acesso em: 24 abr. 2015.

Maria Isaura Pereira de Queiroz traz no seu livro *Histórias do Cangaço* (1982), essa narrativa sobre a visão que Antônio Silvino tinha de Lampião. A socióloga concorda com a opinião expressa por Antônio Silvino. Na sua forma de ver o cangaço, havia sim uma vontade de preservação desse novo sertão mais habitável e isso foi de grande valia para os planos de Lampião:

Lampião se movimentava agora na caatinga com muito mais facilidade do que seus predecessores, seu raio de ação se tornara incomparavelmente maior do que o dos cangaceiros anteriores, a sua permanência também ultrapassou tudo quanto houvera antes (QUEIROZ, 1982, p. 46).

De príncipe, segundo Antônio Silvino, não se fez demorar sua ascensão a rei. No Brasil, o último imperador, Dom Pedro II, tinha sido destronado ainda no século XIX. No sertão nordestino a figura do rei era distante, mesmo no Brasil monárquico, os reis mais próximos dos sertanejos eram os que apareciam nos cordéis. Reis de reinos míticos e encantados, de linguagem estrangeira, guerreando em lugares frios, reis repletos de gestos de cavalheirismo e fidalguia, defensores de suas tradições. O modelo de rei mais conhecido pelos sertanejos era o de Carlos Magno, que tinha suas histórias com os doze pares da França apresentadas na literatura de cordel.

Um dia, porém, os discursos jornalísticos e os cordelistas criaram um rei para o sertão. Mas quem era esse homem? Como nasceu e viveu seus dias de glória e amargura? Era ele herói ou bandido?

Na historiografia sobre o cangaço são essas duas faces de sua persona colocadas para debate, e este é um clichê difícil de ser lançado fora quando o assunto é Lampião. Um homem cruel e sanguinário ou um injustiçado que, sendo mais inteligente, consegue afirmar-se chefe, ter os poderosos sob seu domínio, ser ouvido e também comentado, deixando de lado uma existência ordinária para se transformar num dos mais importantes personagens do Nordeste do século XX. Acredito que mais importante que as respostas são as perguntas e o que trazem de significativo no seu enunciado.

Nasceu Virgulino, pernambucano, do lugarejo chamado Vila Bela, hoje Serra Talhada, no dia 07 de julho de 1897²⁹. O menino foi batizado como Virgulino Ferreira da Silva, nome

²⁹ “Em julho governa Câncer/ Sua qualidade é fria/ O homem que nascer nele/ É forte e tem energia/ É gentil e tem muita força/ E sempre tem alegria”. (História da Donzela Teodora). Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=CordelFCRB&pasta=&pesq=A%20Donzela%20Teodora>>. Acesso em: 12 fev. 2017. Versão brasileira: BARROS, 2007.

retirado do Lunário Perpétuo³⁰. Segundo Lins, o padre ao ouvir o nome escolhido para o menino vaticinou: “Vem de vírgula, que quer dizer pausa, parada. Quem sabe se o sertão inteiro ou talvez o mundo não vai parar de admiração por esse menino” (LINS, 1997, p. 08). O sertão parou de admiração e de pavor frente aos gestos ameaçadores e audaciosos do capitão Virgulino, vulgo Lampião.

Na adolescência Virgulino trabalhou como almocreve³¹. Por isso conheceu boa parte do sertão nordestino. Isso, tempos depois, o ajudou nas andanças como cangaceiro. Alguns autores, sobretudo os de cordel, falam que sua juventude foi tranquila, pois era trabalhador, ordeiro como até então tinha sido toda sua família. Há quem diga que Virgulino e os irmãos já eram conhecidos na região como desordeiros. Já a versão que encontrou mais eco no imaginário popular foi a de que Virgulino vivia distante da violência.

Alguns testemunhos, geralmente de interlocutores originários do sertão ou de poetas de cordel contemporâneos de Lampião ou posteriores a ele, apresentam Virgulino como uma criança despida de agressividade apesar de valente, levando uma vida tranquila, até ser impelido, contra sua vontade pela força do destino (GRUSPAN-JASMIN, 2006, p. 51).

A força do destino agiu na vida de Virgulino através de uma rixa entre vizinhos que envolvia roubos de animais e chocalhos. A partir desses episódios, as hostilidades entre os Saturnino e os Ferreira foram aumentando. A sociedade sertaneja possuía um arraigado senso de propriedade, principalmente no tocante aos animais que serviam para o sustento das famílias. Sobre isso Chandler afirma que: “Essas queixas eram endêmicas no sertão. As fazendas não eram cercadas, e quase sempre os fazendeiros demonstravam um exagerado senso de honra quando se tratava da proteção de seus rebanhos” (CHANDLER, 2003 [1980], p. 40). Essas rixas entre vizinhos eram comuns, muitas vezes descambando para uma violência desproporcional. Com o acirramento dos desentendimentos, José Ferreira, pai de Virgulino, se mudou com os filhos e a mulher. Mas as hostilidades continuaram e “daí em

³⁰ Almanaque muito popular no Nordeste brasileiro. Trazia horóscopos, histórias da vida dos santos, informações a respeito dos ciclos lunares e das boas épocas para a plantação e colheita. Sua origem é espanhola. No século XVIII foi traduzido para o português. Sobre a importância do Lunário Perpétuo para a cultura nordestina, Almeida fala: “Capistrano de Abreu, historiador do século XIX, dizia não acreditar em padres, feiticeiros, filósofos, ou coisa que o valha. Não abre mão, porém, de consultar o Lunário para informar-se sobre os desígnios dos astros” (ALMEIDA, 2012, p. 06). E não apenas intelectuais como Capistrano de Abreu e Câmara Cascudo – que tinha o Lunário Perpétuo como livro de cabeceira – mas também as pessoas do povo, que o consultavam nos momentos decisivos da vida, muitas vezes sendo o único livro lido pelo homem do campo.

³¹ Pessoa que conduzia cargas ou animais de um lugar para outro. Conduzia cargas, mas geralmente não negociava produtos, apenas transportava encomendas. Segundo o *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2010) é uma palavra proveniente do árabe e quer dizer aquele que aluga. “S.m.: Homem que se ocupa em conduzir bestas de cargas; recoveiro, carregador, arrocheiro” (FERREIRA, 2010, p. 108).

diante, os rapazes da família só andavam armados e começaram a adquirir a reputação de cangaceiros” (CHANDLER, 2003 [1980], p. 42).

Com a morte do pai, assassinado pela volante de José Lucena, Lampião e seus irmãos Antônio e Livino passaram a fazer parte do grupo de Sinhô Pereira. “É efetivamente o assassinato do pai de Virgulino que precipitou a família Ferreira na tragédia, e é nessa necessidade de reparar uma terrível injustiça que se baseará a gesta de Lampião” (GRUSPAN-JASMIN, 2006, p. 72). Quem emite opinião semelhante acerca dos motivos impulsionadores da entrada de Lampião no cangaço é Lins (1997) ao dizer “A tragédia, a morte e a desolação cristalizaram o ciclo infernal da economia de vingança: matar para limpar a honra perdida, matar para se purificar da afronta e ficar em paz com sua consciência” (Idem, p. 12).

Sobre a questão da vingança, Mello (2011 [1985]) defende que, por mais que Lampião tenha entrado no cangaço alegando como principal motivo a vingança a ser praticada contra os homens que mataram seu pai, essa vingança nunca se efetivou, pois seus dois maiores inimigos, José Lucena e José Saturnino, não foram eliminados por ele. Mello (2011 [1985]) formulou a teoria do Escudo Ético. Para o autor, Lampião e outros cangaceiros se cercaram de questões éticas para justificar seus crimes e, “ao invocar as tais razões de vingança o bandido, numa interpretação absurdamente extensiva e nem por isso pouco eficaz, punha toda a sua vida de crimes a coberto de interpretações que lhe negassem um sentido ético essencial” (Idem, p. 127).

Há inúmeras teses, dissertações e monografias que exploram as muitas faces de Lampião. É reverenciado e repudiado. Impossível suscitar o tema cangaço sem que ele surja como o modelo de cangaceiro referência, sem que não seja citado. O cangaço não é Lampião, mas o cangaço sem Lampião parece que perderia parte importante do seu significado, não pensando apenas no ser individual, mas no mundo criado por ele. Que sabia como ninguém, atrair as atenções para si, justificar suas ações criminosas e comandar seus homens. Isso pode ser percebido na entrevista dada por ele em 1926, quando esteve em Juazeiro:

- Chamo-me Virgulino Ferreira da Silva e pertencço à humilde família Ferreira do Riacho de São Domingos, município de Vila Bela. Meu pai por ser constantemente perseguido pela família Nogueira e em especial por Zé Saturnino, nossos vizinhos, resolveu retirar-se para o município de Águas Brancas, no Estado de Alagoas. Nem por isso cessou a perseguição.
- Em Águas Brancas, foi meu pai, José Ferreira, barbaramente assassinado pelos Nogueiras e Saturnino, no ano de 1917. Não confiando na ação da justiça por minha conta própria, isto é, vingar a morte do meu progenitor.

Não perdi tempo e resolutamente arrumei-me e enfrentei a luta. Não escolhi gente das famílias inimigas para matar, e efetivamente consegui dizimá-las consideravelmente (LAMPPIÃO POR ELE MESMO, 1926)³².

Nessa fala percebemos a construção de seu heroísmo. Conta com certo fatalismo, que após ter sofrido incontáveis injustiças, juntamente com sua família, o caminho do cangaço pareceu ser único possível, pois faz questão de demonstrar a pouca confiança na justiça e nas leis. Essa desconfiança frente à justiça era algo generalizado nos sertões no começo do século XX. Seu lugar de fala legitima sua violência ao deixar implícito que a vingança era algo esperado pela comunidade sertaneja. Sobre a forma como Lampião se apresentou nesta entrevista, Dutra reflete:

Mesmo com o crivo questionador do entrevistador a conduzir o diálogo para obter as respostas desejadas. Lampião também soube usufruir desse mecanismo para construir uma representação de si, constituída de seus interesses pessoais e, certamente, objetivando a difusão de sua imagem junto ao público leitor (DUTRA, 2011, p. 79).

Lampião ao construir estas representações, forjou também as representações do homem sertanejo no sentido da heroicização dos atos violentos que são reforçados continuamente pelas formulações dos seus biógrafos e dos chamados especialistas do cangaço. Por isso, não é de espantar que este discurso da violência tenha sido acolhido por parte da população.

2.2. Os discursos da violência do homem sertanejo

Euclides da Cunha, no seu livro *Os Sertões*³³ analisou o homem, a terra e a luta ocorrida em solo sertanejo e constatou que o sertanejo era antes de tudo um forte. Força exigida no trato com o gado, na feitura de artefatos do couro, na violência praticada, na defesa de seu patrimônio e de sua gente. A terra seca era mais um obstáculo a ser vencido, o isolamento dos centros do poder e de proteção estatal fazia ainda mais difícil a vivência sertaneja. Viver, amar, matar e morrer no sertão nordestino no começo do século XX não era

³² Entrevista disponível em: <<http://usuarioweb.infonet.com.br/~LAMPPIAO/ele.htm>>. Acesso em: 28 mai. 2016.

³³ *Os Sertões*, escrito pelo jornalista Euclides da Cunha, correspondente do jornal A Província de São Paulo, com o nome modificado depois para o Estado de São Paulo. O livro surgiu das diversas reportagens que o escritor fez sobre a Guerra de Canudos. Hoje é clássico da literatura e da historiografia brasileira sobre o difícil começo do Brasil republicano. Cf. CUNHA, 1995.

tarefa para homens “educados” ou dotados de grande sensibilidade. O medo era impulsionador da violência, a brutalidade uma armadura frente às violências cometidas pelos cangaceiros ou pelos policiais volantes. O homem sertanejo se encorajava em suas roupas na tentativa de se proteger do sol e também da vegetação seca da caatinga. Não só nas ações práticas, mas os discursos também formularam as identidades de masculinidades para os sertanejos, discursos que fabricaram o sertão e também os homens que deveriam habitá-lo.

Os papéis sociais entre homens e mulheres eram definidos por códigos de conduta e comportamentos rígidos e que só aos poucos parecem vir mudando. “Ser homem”, postura exigida das pessoas que nascem sob o sexo masculino, traz em si também grande carga de sofrimento, pois nesse “ser homem” está incluso todo um conjunto de regras pouco naturais, mas que são naturalizadas por um discurso repleto de conceituações sobre a masculinidade.

A crença num princípio universal da masculinidade, que se encontra na natureza com a diferença sexual, é contraditoriamente posta em questão quando se diz “seja homem” ou “prove que você é homem”. É como se constantemente o homem tivesse que provar a sua masculinidade, a sua virilidade. Dessa forma, a masculinidade não é uma mera formulação cultural de um dado natural. Ela é um valor social, um ideal a ser conquistado, um objetivo a ser atingido, um caminho a ser percorrido (HONÓRIO, 2009, p. 02).

A violência entra nesse discurso quando aparecem as figuras dos homens destemidos, geralmente afeitos às armas e aos gestos de brutalidade, um mundo feito de homens corajosos e honrados, repleto de tipos masculinos poderosos: o coronel, o jagunço, o cabra, o vaqueiro, o cangaceiro. Que para se encaixarem no discurso da masculinidade violenta, no “ser homem” muitas vezes também pagavam um alto preço como a perda da vida, entrando para grupos de cangaceiros ou para forças volantes.

A visão de Barroso (2012) do sertanejo inculto é a de que:

O estado intelectual do sertanejo é tão primitivo que **ele não pôde sentir todas as sensações que sentimos**. Sem o menor defeito visual, não distingue bem as cores. Poucas cores conhece. Confunde outras. Muitas não percebe. É incapaz de ver gradações e esbatidos. Não tem sentimento de perspectiva, nem clara visão das figuras. A sua vida meio selvagem somente desenvolve certas sensibilidades, o que é peculiar aos povos primitivos (BARROSO, 2012b [1917], p. 36) (Grifos nossos).

Na sua formulação discriminatória sobre o sertanejo, é fácil explicar porque tantos deles caíam na luta cangaceira. O eu, civilizado, e o outro incivilizado, incapaz de perceber o mundo como ele “realmente é”. Assim florescia nesse meio o cangaceirismo. Produto maior da não civilização.

Estácio de Lima (2014 [1965]), no estudo que fez sobre os cangaceiros, apontou que a idade propícia para o cangaço era a juvenil, não só por questões de resistência e força física, mas principalmente por conta do arrebatamento e da coragem ingênua de arriscar a vida e todo um futuro já definido, em busca de vingança, justiça ou apenas fortuna e uma vida de aventuras. O mesmo autor afirma que os homens mais velhos eram bons protetores de cangaceiros, pois a idade trazia a maturidade necessária para dar conselhos e informações eficazes aos cangaceiros.

A violência masculina no sertão era estimulada a tratar com o gado, cuidar das plantações e também de animais selvagens. Crescer ouvindo história das valentias dos cangaceiros e da crueldade das forças volantes fazia parte do modo de vida do sertanejo. Os meninos organizavam um espaço de brincadeiras em que os personagens principais praticavam ações violentas e cruentas. Essas brincadeiras consistiam em imitar os combates entre cangaceiros e volantes. E isso não revela apenas uma profunda admiração pela figura de determinado cangaceiro, mas reforça o sertão como um lugar onde os exemplos de violência eram exaltados. Assim, o cangaço era considerado como coisa de “cabra macho”, mais um lugar em que os meninos e homens sertanejos afirmavam sua masculinidade. Ser cangaceiro era dar provas de destemor, os gestos de valentia eram exigidos a todo o momento. Chorar, fraquejar, ter medo, não era aceitável para um homem, não só no mundo do cangaço, mas em todo o vasto sertão. Enaltecia-se a violência, ser homem era não vacilar frente aos perigos, ser forte, não sentir medo, e, sobretudo, não ter receio de matar para defender sua vida e sua honra.

Optato Gueiros (1953) realça a atração exercida pela indumentária cangaceira e pelo modo de vida livre daqueles homens frente aos meninos jovens que só a muito custo eram dissuadidos pelos pais para entrarem na vida do cangaço. No oposto, havia a possibilidade de alguns meninos sertanejos ingressarem nas volantes, outro espaço de exercício da masculinidade violenta, neste caso, voltada a atender os interesses do Estado, mas também para resolver questões pessoais, vingar-se de alguma injúria praticada por cangaceiros contra sua família, ou mesmo contra uma família a quem fosse ligado por laços de compadrio. As volantes se diferenciavam pouco dos grupos de cangaceiros, tanto pela origem social, como

pela vida que enfrentavam. Em determinado momento, as indumentárias dos dois grupos poderiam confundir-se.

Gueiros (1953) ressalta que depois de alguns anos lutando contra os cangaceiros, as forças policiais perceberam ser necessário assumir as mesmas táticas dos perseguidos, tal era a semelhança de suas vidas, de suas ações. A natureza selvagem e o tipo de guerra que empreendiam os colocavam na mesma situação de insegurança. O Estado, que pagava o reduzido soldo aos policias volantes, não se responsabilizava por suas vidas nem pelo futuro de suas famílias, por isso a luta ficava ainda mais cruenta e indisciplinada.

Na prática, não havia grandes diferenças básicas de motivações que levavam os homens sertanejos a ingressarem nas volantes ou no cangaço. Dependendo de certos fatores, como posição dentro do quadro social ou da decisão do inimigo de família, o interiorano acabava por optar entre um e outro caminho de armas. Os soldados das volantes, os “macacos”, como eram chamados popularmente, tinham, por seu lado, contudo, a cobertura da legalidade, ou seja, eram “funcionários” armados e pagos pelo governo. Mas sua indumentária, a partir de um determinado momento, era bastante parecida com a dos cangaceiros, assim como suas razões para entrar na polícia (PERICÁS, 2010, p. 85).

Quando entravam no cangaço, ainda muito jovens, os cangaceiros passavam por um teste de valentia e de perversidade. Para ser aceito no cangaço não bastava apenas ter vontade, era necessário dar provas de masculinidade e brutalidade, ter disposição para a guerra. Os mais jovens, quando aceitos no seio da vida cangaceira, passavam a participar de uma violência que antes era apenas sentida sobre suas vidas, agora como perpetradores da violência faziam das suas ações brutais um brinquedo. Crianças ainda não lutavam pela sobrevivência, encontravam prazer nos gestos violentos, atirar a esmo, simular combates, participar daquele mundo de homens.

Mesmo das mulheres sertanejas eram exigidos comportamentos de maior bravura. Dadá³⁴, companheira do cangaceiro Corisco, orgulhava-se – e era muito elogiada por pessoas do bando, incluindo o próprio Lampião –, por ser uma mulher valente e determinada, que nunca causou transtornos a seu marido. Até mesmo grávida ou parturiente não impedia as longas caminhadas dos seus companheiros de cangaço. Assim, era esperado que ela também tivesse características, pretensamente, ligadas à masculinidade. Os próprios tipos humanos criados pela literatura nordestina, no caso das personagens mulheres, são dotados de

³⁴ Sérgio Ribeiro da Silva, conhecida no cangaço como Dadá, foi mulher do cangaceiro Corisco. Falarei dela com mais vagar no próximo capítulo.

características ditas masculinas. São exemplos fortes disso as personagens Dona Guidinha do Poço³⁵, Luzia Homem³⁶ e Maria Moura³⁷. Todas elas mulheres nordestinas que subvertiam os ditames da feminilidade e se aventuraram numa vida de crimes e vingança, possuindo força física e coragem para enfrentar os inimigos, em geral homens poderosos.

A historiadora Alômia Abrantes da Silva, na sua tese de doutorado apresentada à Universidade Federal de Pernambuco, discute como foi sendo formada a partir dos discursos a figura da mulher-macho no estado da Paraíba. Para desenvolver sua tese, a autora analisa, entre outras fontes, o filme *Parahyba Mulher-Macho*, lançado no ano de 1983, que trata da história da professora paraibana Anayde Beiriz³⁸. Silva (2008a) também traz trajetórias de vida de outras mulheres que foram marcadas por um discurso masculinizante. Além de Anayde Beiriz, a autora traça a trajetória de Margarida Maria Alves³⁹ e de Elizabeth Teixeira⁴⁰. E faz um estudo sobre os dois romances citados aqui: *Memorial de Maria Moura* e

³⁵ *Dona Guidinha do Poço*, título do romance escrito por Manoel de Oliveira Paiva, narra a história de uma mulher poderosa e proprietária de terras. Dona Guidinha do Poço era conhecida por esse nome na comunidade em que vivia, era respeitada por todos até envolver-se, amorosamente, com um sobrinho de seu marido e para acobertar seu romance manda matar o marido. Descoberta, vai presa, sendo humilhada por toda a população. É baseado em uma história real. Cf. PAIVA, 1981 [1892].

³⁶ Romance do cearense Domingos Olímpio. Luzia recebeu a alcunha de Luzia Homem por possuir, segundo o narrador do romance, coragem e força comparadas com as qualidades masculinas. Luzia cuida de sua mãe, uma senhora idosa e doente, e tem que suportar as investidas amorosas do soldado Crapiúna, tipo violento e vulgar. Cf. OLÍMPIO, 2014 [1903].

³⁷ Da escritora cearense, Rachel de Queiroz, o romance *Memorial de Maria Moura* trata do Brasil agrário do século XIX. Maria Moura é uma jovem órfã que ao enfrentar problemas com parentes, por conta de uma herança deixada por sua mãe, passa a “chefiar” um bando de jagunços que vivem de assaltos. Depois de certo tempo se estabelece como proprietária, mas continua chefiando seu bando. Cf. QUEIROZ, 1992.

³⁸ Professora e poetisa. Nasceu em 1905, na atual cidade de João Pessoa, que na época se chamava Cidade da Parahyba. Em 1922, Anayde concluiu o Curso Normal e passou a lecionar em uma escola em Cabedelo, ensinando a adultos as primeiras letras. Moça culta era a única mulher a participar dos saraus literários promovidos pelo médico José Maciel, intelectual que promovia esses encontros em sua residência. Conheceu o advogado João Dantas – de tradicional família paraibana da região de Teixeira. Os dois tiveram um romance que foi exposto para a sociedade da época e transformado em escândalo. João Dantas por desavenças políticas e pessoais matou João Pessoa no Recife. João Dantas foi levado para a Casa de Detenção, no Recife, onde segundo a história oficial se suicidou para escapar da ira dos paraibanos, no calor da rebeldia política de 1930. Anayde, dois dias antes da vitória da Revolução, em 22 de outubro de 1930, também se matou. Cf. SILVA, 2008a; JOFFILY, 1983.

³⁹ Foi presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande (Paraíba), lutava pelos direitos dos trabalhadores rurais da sua região. Exigia o cumprimento da legislação trabalhista no tocante à assinatura da carteira de trabalho, férias remuneradas e por jornadas de trabalho menos estafantes. Por defender os direitos dos camponeses, foi morta por um matador de aluguel no dia 12 de agosto de 1983. Margarida Maria Alves é símbolo de resistência da luta das mulheres do campo e dos trabalhadores rurais. O crime que vitimou Margarida continua impune há mais de trinta anos. Seu nome e sua militância inspiraram a Marcha das Margaridas, evento que ocorre desde o ano 2000 e que acontece em Brasília-DF. A marcha é realizada por mulheres camponesas no dia 12 de agosto de cada ano, data simbólica do assassinato de Margarida. Cf. <<http://www.revistaforum.com.br/2015/08/12/conheca-a-historia-de-margarida-alves-que-inspira-a-marcha-das-margaridas/>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

⁴⁰ Foi esposa do líder camponês João Pedro Teixeira, assassinado no ano de 1962 a mando de latifundiários descontentes com sua luta pelos direitos dos trabalhadores rurais e pela iniciativa de criar a primeira liga camponesa da Paraíba. Com a morte do marido, Elizabeth assumiu a liderança do sindicato, sendo presa algumas vezes. Com o golpe civil-militar de 1964, a perseguição aumenta e Elizabeth foge para o interior do Rio Grande

Luzia Homem. Sobre a elaboração de um discurso masculinizante da mulher na literatura nordestina, diz:

Além da imprensa e do cinema, a literatura apresenta-se como uma série rica na produção de elementos, que permitem uma incursão pelos estratos que evidenciam a construção identitária da “mulher macho” associada à identidade do sertanejo e do nordestino (SILVA, 2008a, p. 111).

Sobre a formulação de um discurso criado a respeito do nordestino, Albuquerque Júnior aponta:

O nordestino é uma figura que vem sendo desenhada e redesenhada por uma vasta produção cultural, desde o começo deste século. Figura em que se cruza uma identidade regional e uma identidade de gênero. O nordestino é macho. Não há lugar nesta figura para qualquer atributo feminino. Na região Nordeste até as mulheres são macho, sim senhor! (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003, p. 20).

O sertão nordestino é um espaço masculinizante. A justiça não alcançava formalmente esses homens, por isso as contendas eram resolvidas por meio da violência e da força física. Famílias inteiras entraram em luta por conta de questões de terras, em arbítrios não resolvidos pelas leis do país⁴¹. Ser mulher por si só já denotava uma inferioridade em um sertão onde a masculinidade e a força eram privilegiadas. A mulher ficava sem uma identidade própria, seguindo modelos impostos pelos homens:

Mulheres ricas, mulheres pobres; cultas ou analfabetas; mulheres livres ou escravas do sertão. Não se importa a categoria social: o feminino ultrapassa a barreira de classes. Ao nascerem, são chamadas “mininu fêmea”. A elas certos comportamentos, posturas, atitudes e até pensamentos foram impostos, mas também viveram o seu tempo e o carregam dentro delas (FALCI, 2015, p. 241).

A vaidade na mulher, o muito se arrumar, se alegrar não era bem visto, pois denotava futilidade. O sertão era um mundo de contenção, de rezas e de espera. O medo dos

do Norte, levando consigo um dos seus onze filhos. Em 1981, o cineasta Eduardo Coutinho retoma as gravações de um documentário chamado *Cabra marcado para morrer* e reencontra Elizabeth vivendo na clandestinidade. Com o lançamento do documentário, Elizabeth retorna à Paraíba e pôde reencontrar os filhos e contar a sua história e a do seu marido na liderança da Liga Camponesa de Sapé. Cf. <<http://www.ligacamponesas.org.br/?p=307>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

⁴¹ Caso exemplar das disputas entre famílias pelo poderio político ou territorial no nordeste brasileiro foi a guerra travada entre os Monte e Feitosas no sertão dos Inhamus – Ceará. Cf. CHANDLER, 1981.

cangaceiros, medo das volantes, da seca estava sempre presente na vida dos sertanejos. Ser "homem" foi um mecanismo de defesa e de sobrevivência frente a essa realidade. Os discursos formularam essa identidade para o homem nordestino na tentativa de criar um modelo de homem que atendesse os desafios dessa região.

2.3. A mulher inimiga não merece perdão: violência contra as mulheres no contexto do cangaço

Parece que a demonização da mulher, o medo do feminino invadia a mente dos cangaceiros. José Baiano, cangaceiro de Lampião, marcava a face das mulheres com um ferro em brasa. Segundo a imagem estigmatizante do mau, construída pelo escritor Ranulfo Prata, Zé Baiano era um “negro grosso e malvado. De cabeça disforme, grande nariz, esparramado na face bestial, boca rasgada de sapo cururu, é de horripilante feiura. É, talvez por isto, o mais perverso, sobretudo com as mulheres” (PRATA, 2010 [1934], p. 58). Suas iniciais JB ficavam marcadas nas faces das sertanejas que desafiassem de alguma forma, para os padrões do cangaceiro, alguns códigos de conduta. Portanto, mulheres com cabelos curtos, ou que usassem vestido que deixassem as pernas à mostra poderiam ser marcadas, servindo de exemplo da fúria e da brutalidade desses homens que viviam teatralizando atos de crueldade extrema. Morrer não era o maior castigo, a vida ou a morte das mulheres pouco importava na sociedade sertaneja, mas a perda da virgindade, a violência sexual parecia a melhor forma de vingança contra os inimigos. A mulher estuprada por cangaceiros e volantes morria para a sociedade sertaneja. Por que falo dessas coisas? Porque todas as mulheres que perdessem a virgindade antes do casamento muito sofreriam com o preconceito. Marco a questão do estupro cometido por cangaceiros e volantes como mais traumáticos por serem praticados no intuito da humilhação pública, muitas vezes executados na presença de irmãos, dos pais ou de parte da comunidade. “Em todo ataque que o bando fazia, era comum se registrar, além de morte, roubo e destruição, casos de estupro praticados em moças e senhoras, muitas das vezes na presença de pais e maridos, como um toque a mais de perversidade” (NASCIMENTO, 2015, p. 16).

A marca do ferro no rosto – prática usada para marcar o boi com as iniciais do nome do seu proprietário –, servia também para marcar a face e a alma dessas mulheres estigmatizadas por uma violência desmedida, violência sertaneja que alcança também os homens, mas se fazia muito presente, fortemente, na vida das mulheres. Antônio Amaury Corrêa de Araújo (2012 [1985]) fala sobre os crimes de Zé Baiano. O autor mostra sua

repugnância a este tipo de crime e diz que só o seu amor à verdade dos fatos o faz narrar os acontecimentos chamados por ele de atos desumanos. Amaury (2012 [1985]) informa que estas marcações chocavam até mesmo os cangaceiros do bando que interrogavam Zé Baiano sobre as motivações do ato. Este explicava marcar as mulheres para vingar-se de um afundamento de crânio causado em sua mãe por uma volante, quando procurava saber o seu paradeiro.



Figura 01: Mulher marcada na face com as iniciais do cangaceiro José Baiano.

Disponível em: <<http://www.esperancadeouro.com/2014/08/fotos-rarissimas-e-tudo-sobre-morte-de.html>>.

Acesso em: 23. abr. 2016.

As mulheres, em particular aquelas que estavam aliadas com os inimigos dos cangaceiros, sendo familiares de policiais volantes, coiteiros traidores, coronéis inimigos ou sertanejos considerados insubordinados ao julgo cangaceiro, eram vistas simplesmente como inimigas, e assim subjugadas pelo seu sexo. Lins (1997) destaca que “ora, para o cangaceiro, como para o guerreiro, o inimigo é sempre o outro a se evitar, a castigar e, se necessário, a matar. A mulher, estranha ao bando, merecia a mesma sorte que o inimigo ou ‘macaco’ perseguidor” (Idem, p. 115). Dominique Kalifa (2012), no texto *Virilidades Criminosas*, que faz parte do livro *História da Virilidade*, reflete sobre a criminalidade na França, na primeira metade do século XX, e nos traz informações importantes a respeito do comportamento dos homens criminosos para com as mulheres. A autora fala do desprezo com o feminino que acometia estes grupos de criminosos, mas também acentua o caráter de santificação das mães, pois essa figura é idolatrada, na visão desses homens. A mulher que se torna mãe se inscreve com as marcas do sofrimento, da dor do parto e do cuidado com os filhos e isso a coloca

numa outra categoria de mulheres merecedoras de mais consideração, detentoras de maior respeitabilidade. Outras mulheres merecedoras dessa respeitabilidade seriam aquelas que de alguma forma ressaltassem força e valentia, mulheres fortes como homens, no entendimento do grupo. As mulheres eram santificadas com o manto da maternidade ou admiradas a partir de características masculinas que possuísem, essa admiração era algo raro, na maior parte das vezes a mulher era vista como corpo a ser possuído com o uso da brutalidade masculina. O homem pobre e marginalizado exerce seu poder viril sobre as mulheres de sua convivência, sendo o estupro a mais violenta face desta virilidade criminosa (KALIFA, 2012).

No romance *Cangaceiros*, de José Lins do Rego, publicado pela primeira vez em 1953, a repercussão social e familiar do estupro de moças sertanejas por oficiais volantes é assim narrada: “Germano não podia olhar para as meninas. E me disse uma vez, que pelo gosto dele matava as duas. Moça desonrada assim não valia a pena viver” (REGO, 1980, p. 23). No relato ficcional podemos perceber que o estupro, além da enorme e imanente carga de violência, ainda era inscrito no corpo da mulher como um repelente. A partir daquele momento a mulher violentada não teria mais lugar de aceitação no seio da própria família, a moça estaria “estragada”, não tinha a quem recorrer, a culpa lhe sendo atribuída muitas vezes. Mesmo apanhada em casa, sem defesa frente à brutalidade de soldados e cangaceiros.

Invadir fazendas, pedir resgates, adentrar em cidades do sertão, como fizeram no município de Sousa na Paraíba, e humilhar as autoridades, a exemplo do juiz de direito, obrigado a se arrastar pelas ruas com um cangaceiro nas costas, era também uma das práticas dos cangaceiros⁴². A humilhação contra os homens também marcava o corpo das mulheres, o estupro usado pelos cangaceiros como arma de guerra. Violentar uma mulher era deixá-la sem utilidade numa sociedade que prezava a pureza feminina. A esse respeito, Lins diz: “A violação dava, pois, lugar a uma condenação radical da mulher. Não havia nem perdão, nem compreensão para com a vítima” (LINS, 1997, p 104). Dessa forma, Lampião usava o estupro para humilhar os inimigos.

A historiadora Susel Oliveira da Rosa, no livro *Mulheres, ditaduras e memórias* (2013), nos fala de como os corpos femininos são mais suscetíveis à violência sexual em caso de guerra e em regimes autoritários. E cita dados da Anistia Internacional:

Para Irene Khan, secretária geral da Anistia, se longe dos conflitos as mulheres não têm os mesmos recursos econômicos, direitos políticos, autoridade e controle sobre seu entorno e suas necessidades que os homens,

⁴² Cf. OLIVEIRA, 2009.

nas situações de conflitos essa situação se exacerba, aumentando a discriminação e a violência (ROSA, 2013, p. 67).

Refletindo sobre essa compreensão, penso que a guerra apresenta contornos mais trágicos para as mulheres, pois a violação de seus corpos ronda como uma ameaça constante, os homens exercem a força física e sua posição de poder, a excepcionalidade do conflito e as poucas medidas de proteção ao sexo feminino são fatores que fortalecem essa cultura.

O historiador inglês Anthony Beevor denunciou no seu livro *Berlim 1945: A queda* (2004) que o exército da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas chegou à capital da Alemanha, ao final da Segunda Guerra Mundial, e se converteu num exército de estupradores. O combustível da violência eram os muitos litros de vodka russa mandadas anteriormente para recepcionar os soldados que vinham da frente oriental. A vingança pelos milhares de soviéticos tombados nos combates em território russo. Os homens nazistas mortos ou presos se “livraram” do Exército Vermelho, as mulheres sofreram com a violência sexual legitimada por uma nação e encoberta por um discurso que via essa violência apenas como um mal menor perto do esforço de guerra empreendido pelas grandes nações do mundo contra o nazismo.

Na capital do sonho do Terceiro Reich alemão, desmoronada por anos de guerra, ou nas mais afastadas cidades do sertão nordestino; numa guerra que movimentava poderosas nações do mundo ou em outra, envolvendo tropas sertanejas famintas contra cangaceiros que mais se escondiam do que se mostravam, as mulheres foram assombradas pelo mesmo medo, o da violação e também pelo mesmo silenciamento frente à violência. Nos momentos de maior violência e conflito, aqui ou em outras partes do mundo, podemos reafirmar a compreensão de que “tudo acontece como se a atividade de combate encontrasse no estupro das mulheres, fossem quais fossem, a sua significação mais profunda. Seu sentido verdadeiro, talvez” (ROUZEAU-AUDOIN, 2011, p. 404).

A sertaneja precisava proteger sua virgindade, defender o seu futuro e a honra de sua família. Mesmo sem defesa frente às armas dos bandos e a seus desejos de sexo e dominação, a mulher era culpada por ser considerada “frágil” e não ter se debatido suficientemente por sua virgindade, por ser bela, por ser jovem e ter despertados desejos, por estar no lugar errado na hora errada. Rocha (2009) ao refletir sobre a ideologia patriarcal, nos lembra que “o corpo feminino não pertencia mais à mulher, e, sim, ao homem; ele por sua vez, a possuía quando fosse a hora, ou melhor, quando decidisse” (Idem, p. 49). Assim, podemos notar como o estupro era percebido pelos homens, como as mulheres eram reduzidas ao seu sexo, mas sem

ter o controle sobre ele, vítima da dominação masculina que “protegia” sua “pureza”, vítima daquele que tomava seu corpo com violência. Vítima de uma guerra comandada por homens, para resolverem assuntos “de homem” e depois humilhadas por conta da violência que sofriam. A violência contra as mulheres também aparecia no discurso, numa escrita libidinal que as animalizavam ao passo que animalizavam os perpetradores da violência. Eram o “pasto”, “campo propício” ou “material de primeira” nesta escrita também violadora.

Crítica e vexatória foi a situação das famílias, inopinadamente entregues à concupiscência de uma malta de tarados e malfeitores. Certamente nunca tinha havido em nossa terra tanto vilipêndio à moral, tanto ultraje à honra das famílias que, para aquelas bandas ainda é guardada com um zelo de relicário sagrado. Muita mocinha ainda adolescente teve conspurcada a sua pureza, servindo de pasto à volúpia bestial de muito cabra pai-d'égua. Aí encontraram os bandoleiros campo propício e material de primeira para nele tranquilamente cevarem seus desenfreados instintos de jumentos eróticos (CARVALHO, 1961 apud OLIVEIRA, 2009, p. 69).

A virgindade era o grande tesouro da mulher, dela dependiam o casamento e o lugar destinado às mulheres no seio da sociedade. Ser moça era guardar o hímen, um pedaço recôndito do seu corpo, “o véu de Maria”. Ser mulher “arrombada”, “furada”, “perdida” “desgraçada” podia modificar para sempre a existência feminina. Deixar de ser “moça” para se transformar em “mulher”, sem ter um homem que tomasse para si essa responsabilidade, era uma grande “tragédia”. A palavra mulher deixava sua classe gramatical de substantivo e passava a adjetivar, o adjetivo era pouco elogioso: “Aquilo lá não é mais moça, aquilo já é mulher”. Ser uma “mulher” fazia as moças e meninas sertanejas se “perderem”, se perdiam no discurso, se perdiam na vida, tendo que ir embora, se desterritorializando, iam esconder sua “vergonha” em outras partes. Perdiam-se como sujeitos, viravam “objetos usados” na visão daquela sociedade. O estupro estigmatizava a mulher, a culpa recaía sobre si, para sua família restava apenas a vergonha e o ódio lançado contra a própria vítima. “A agressão atenta contra a honra de todos os que não souberam defender um bem tão precioso: pai, irmãos, família. Tais casos se resolvem, portanto, entre homens, frequentemente pela violência” (KNIBIEHLER, 2016, p. 113).

Cabia assim aos homens “protegerem” as mulheres de sua família, pois a honra masculina estava atrelada à virgindade e à conduta delas. Quando uma mulher era estuprada não se pensava na humilhação sofrida por ela, aquela violência era percebida como uma agressão ao homem, como um roubo, suprema ofensa ao chefe de família. Era uma invasão à propriedade. E inviabilizava para as moças e mulheres a possibilidade do casamento. “Ângelo

Roque, se transformou no cangaceiro Labareda depois de matar um soldado de polícia que deflorou e raptou sua irmã” (LIMA, 2014, p. 63). Assim, o homem, macho, sertanejo, legitimou sua entrada no cangaço de uma maneira que parecia muito justa, defendeu a honra de sua família.

Na crônica *Vitalinas* publicada no dia 19 de setembro de 1959⁴³, na Revista *O Cruzeiro*⁴⁴, Rachel de Queiroz fala de um problema predominantemente feminino, que seria entrar para o caritó⁴⁵, não arrumar marido. No início do texto, explica para os leitores, que ficar no caritó é ficar sem uso, sem serventia, por isso a expressão foi utilizada para denominar mulheres solteiras. Aos poucos, a autora constrói a imagem da solteirona nordestina para depois reinserir esta imagem num contexto diferente, pensa na vida das mulheres solteiras na metrópole, no caso a cidade do Rio de Janeiro e faz um contraponto com a vivência das mulheres solteiras do sertão. Conhecedora das duas realidades, a da moça carioca – pois residia na cidade desde 1939 –, e a da matuta sertaneja, Rachel soube apresentar as duas vertentes aos seus leitores, que a buscavam mensalmente na última página da revista *O Cruzeiro*.

Rachel mostrou as diferenças entre não se casar nas metrópoles e nas cidades provincianas. E pontuou que as solteironas são quase desconhecidas nas grandes cidades, “Porque, se hoje como sempre, continuam a existir as mulheres que não se casam, elas agora vão para toda a parte, menos para o caritó” (QUEIROZ, 1959). Essas mulheres que iam para toda a parte eram as que estavam entrando para o mercado de trabalho, conquistando melhores empregos. Fazendo da sua independência profissional e financeira uma nova via de satisfação pessoal.

Solteiras, quando eram moças novas à espera de marido, solteironas, quando passavam de certa idade e não encontravam um marido; casada e mãe, quando alcançavam o objetivo maior de qualquer mulher, isto na visão da sociedade da época. Apenas essas três opções de vida eram decentes para uma moça do interior do Brasil. A autora diz que muitas dessas moças não se casavam pela maneira como eram tratadas por suas famílias. Rachel de Queiroz também trata do problema da educação que era dispensada às moças, muitas vezes trancadas pelos pais em casa, sendo presas pelas mães que usavam as meninas como ajuda para a

⁴³ Revista *O Cruzeiro*, 19 set. 1959.

⁴⁴ Revista fundada em 1928 por Assis Chateaubriand. Foi durante as décadas de 30, 40, 50 e 60 a revista mais lida no Brasil, pois sua circulação era nacional.

⁴⁵ Segundo o *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2010), a palavra caritó tem origem indígena. Alguns dos sentidos da palavra são: “Gaiola onde se prendem caranguejos para engorda”; “Pequena prateleira ou nincho escavado nas paredes dos quartos ou salas das casas do sertão, e onde se guarda objetos miúdos”; “Quarto onde se amontoam velharias”; “Moça velha, que não casa; solteirona” (FERREIRA, 2010, p. 433).

criação dos filhos mais jovens. “Então as mães, para não perderem a ajudante insubstituível, se associando aos pais no zelo exagerado, traindo a solidariedade do sexo por outra mais imperiosa, a solidariedade na exploração” (QUEIROZ, 1959). Nesse ponto, a autora faz uma profunda crítica ao que ela chamou de falta de solidariedade feminina, pois vê muitas vezes nas mães as principais inimigas da felicidade das filhas. Denuncia a exploração imputada às moças muito jovens que não tinham outras perspectivas a não ser a de perderem a infância envolvidas com os trabalhos domésticos. Se não casavam, ficavam para sempre com as famílias sendo tratadas como um estorvo, quando na verdade tinham sido levadas a essa condição. Ao final da crônica ela faz diversos questionamentos. Pergunta aos seus leitores como será a vida dessa nova mulher independente, que se ao menos não tem um companheiro para a vida tem a possibilidade de encontrar novos rumos e objetivos, não ficando imprestável só porque não arranjou marido.

A crônica foi escrita no final dos anos cinquenta, mas a situação das mulheres sertanejas pouco mudou nos vinte e um anos que separam a morte de Lampião e Maria Bonita do texto escrito por Rachel de Queiroz. Realidade cruenta para as mulheres, pois caso não fossem escolhidas por um homem seriam transformadas em alvo de deboches, sendo ridicularizadas. Sem um pai, um irmão ou um marido para defendê-la, a mulher estava desprotegida, podendo ser ofendida por outros homens. Sem acesso ao mundo do trabalho, o caminho muitas vezes era o da prostituição ou mesmo ficar “encostada” na casa de algum parente. As mulheres sertanejas não tinham muitas escolhas, ricas ou pobres sofriam com o patriarcalismo que aniquilava sua individualidade, fazendo-as sempre reféns das escolhas de outros, geralmente homens mais velhos: pai, marido, irmãos.

Falci (2015), em texto sobre as mulheres do sertão nordestino, que tem como recorte temporal o século XIX, fala da importância dada ao casamento e como a vida das mulheres estava subordinada ao matrimônio. Desde muito jovens, depois da primeira menstruação, as famílias já começavam a procurar bons partidos para as suas filhas. As moças de famílias mais abastadas começavam aos doze anos a confeccionar o enxoval com peças ricamente bordadas. E isso fazia com que o casamento fosse idealizado e superestimado. Vinte e cinco anos seria a data limite, caso não tivesse casado até essa idade, era tomada de angústia, o caritó aparecia como uma ameaça real e isso se constituía num verdadeiro fracasso na vida da mulher neste sertão dominado por homens.

Pelo exposto, não é de espantar que muitos são os exemplos de mulheres que entraram no imaginário popular como santas por terem defendido sua virgindade com a própria vida.

Preferir morrer a ser violada se transformava em ato de heroísmo. Aída Curi defendeu sua “honra”, suportou trinta minutos de espancamento e morreu atirada de uma janela de um prédio em Copacabana, lugar onde a chamada “juventude transviada” da época andava de lambreta e ouvia o *rock and roll* enquanto escandalizava as mães e os pais de família. Por ter se defendido tão bravamente das agressões, sua morte foi usada como exemplo de honradez. Até hoje seu túmulo é procurado por pessoas em busca de milagres. Há um site que defende sua santificação⁴⁶.

A história do assassinato de Aída Cury, em 14 de julho de 1958, marcou fortemente todas as adolescentes da época, funcionando como uma advertência sobre o que poderia ocorrer se aceitassem convites de rapazes para irem a lugares onde “moças de família” não deviam ir (LAGE; NADER, 2012, p. 294).

Outro caso é o de Maria Goretti, italiana que virou santa. Muito jovem foi viver numa casa compartilhada com outra família. Um membro dessa família, um rapaz de vinte anos, tentou estuprá-la diversas vezes, sempre com forte resistência por parte da vítima. Aos onze anos foi ferida de morte depois de resistir a mais uma tentativa de estupro. Morreu no hospital, segundo os testemunhos, olhando a imagem de Nossa Senhora e perdendo seu algoz Alessandro. Em 1950 foi canonizada na presença de Alessandro, que se arrependeu do crime e foi importante peça no processo de canonização de Maria Goretti⁴⁷.

A catarinense Albertina Berkenbrock também sofreu uma tentativa de estupro quando contava doze anos de idade. Em 1930, a menina foi degolada por se negar a ter relações sexuais com um empregado da fazenda de seus pais. Desde sua morte, seu túmulo virou lugar de peregrinações. No ano de 2007 foi beatificada pela Igreja Católica Apostólica Romana. Há um site que arrecada fundos para dar andamento ao processo de canonização de Albertina⁴⁸.

Também temos aqui no Nordeste uma dessas mártires, a menina Benigna Cardoso da Silva, órfã que segundo os discursos que pretendem fazer dela uma beata, era desde muito pequena devota e ligada à igreja de sua cidade. A menina nasceu em 1928, em Santana do Cariri, interior do Ceará. Segundo estes mesmos discursos, colhidos numa página da internet em sua homenagem, Benigna sempre foi um modelo de pureza. Escondia seu corpo juvenil

⁴⁶ Cf. <<http://www.santosdobrasil.org/?system=news&action=read&id=374&eid=142>>. Acesso em: 24 abr. 2016.

⁴⁷ Cf. <<http://www.cruzterrasanta.com.br/historia-de-santa-maria-goretti/97/102/>>. Acesso em: 09 abr. 2016.

⁴⁸ Cf. <<http://www.beataalbertina.com/>>. Acesso em: 09 abr. 2016.

em roupas modestas e compostas, mas mesmo assim despertou interesse sexual em um rapaz um pouco mais velho:

Depois de várias tentativas sem sucesso, numa tarde fatídica de sexta-feira, dia 24 de outubro de 1941, sabendo que Benigna ia pegar água numa cacimba próxima à sua casa, ficou Raul à espreita atrás do mato, observando-a com o pote na cabeça, com seus recém-completados 13 anos. Ao aproximar-se, abordou-a sexualmente. Ela recusou, ele insistiu tentando violentá-la. Ela disse “não” com veemência e lutou heroicamente para se defender do ato pecaminoso, que no seu entender cristão ofenderia seu corpo (CIDRÃO, s/d).

Seu corpo encontrado sem vida e a descoberta das motivações do crime fizeram de imediato a menina se transformar em mártir, e assim a pequena cidade passou a prestar devoção à Benigna que hoje conta com memorial e é considerada como “Heroína da Castidade”. É santa no coração da população do lugar. Na página da internet em sua homenagem são muitas as histórias de milagres atribuídos à menina. Santas populares que surgem a partir dos discursos formulados sobre a defesa da castidade. O historiador Raimundo Cidrão relata que o padre da paróquia, no mesmo período da morte da menina, deixou escrito no batistério dela: “Morreu martirizada, às 4 da tarde, no sitio Oiti. Heroína da castidade, que sua santa alma converta a freguesia e sirva de proteção às crianças e às famílias da Paróquia. São os votos que faço à nossa santinha” (CIDRÃO, s/d). Assim percebemos que não é de forma tão espontânea, como querem fazer parecer, que estas santas castas são criadas. São forjadas como exemplo a ser seguido. O olhar lançado sobre ela foi de julgamento, a morte sua absolvição. Ao falar da sua pureza, suas roupas compostas, sua modéstia, estão falando de posturas e códigos de controle sobre o corpo feminino.

Perrot (2007) informa sobre como a história dos homens e mulheres é marcada por diferenças no aspecto da religiosidade, no que concerne à santidade os homens são ativos em suas práticas religiosas, doutrinam, viajam para evangelizar, tem uma vida pregressa à vida religiosa, inclusive, em alguns casos, tendo levado anteriormente, uma vida pecaminosa no discurso da Igreja. Já as santas são alçadas a glória por conta de sua virgindade, e o martírio se transforma assim numa grande honra.

Esses são alguns exemplos de que morrer para se livrar de um estupro aparecia como única forma de ser “perdoada” por ter sofrido essa violência. Só assim a mulher não seria culpada, a “loucura” e “maldade” do “monstro” estuprador seria notada a partir das reações de defesas da vítima, quanto mais se machucasse ao se defender, mais seria digna de compaixão.

A morte, o martírio, eram vistos como exemplos máximos das virtudes da mulher e de que o seu não era de fato verdadeiro. Fatos ocorridos nas décadas de trinta e cinquenta do século XX, mas que se repetem diariamente no pouco valor dado às palavras das vítimas da violência sexual.

As autoras Lana Lage e Maria Beatriz Nader (2012), nos dizem que a violência contra a mulher não era combatida por ser considerada como fora da esfera do público. A velha história de que “em briga de marido e mulher não se mete a colher” era usada mesmo fora das violências cometidas no âmbito do casamento, fosse a violência masculina contra os corpos femininos, o silêncio se faria presente.

A ideologia patriarcal, que estruturava as relações conjugais e familiares desde o tempo em que o Brasil era uma colônia portuguesa, conferia aos homens um grande poder sobre as mulheres, justificando atos de violência cometidos por pais e maridos contra filhas e esposas. Nascida do estilo de vida das minorias dominantes, essa ideologia acabou influenciando todas as outras camadas da sociedade, disseminando entre os homens um sentimento de posse sobre o corpo feminino e atrelando a honra masculina ao comportamento das mulheres sob sua tutela. Assim, cabia a eles disciplinar e controlar as mulheres da família, sendo legítimo, que, para isso recorressem ao uso da força (Idem, p. 287).

Almeida (2013 [1926]) narra a violação de uma mulher forçada a salgar a orelha de seu marido e entregá-la a seus estupradores; outros, como Prata (2010 [1934]), também se “compadecem” do sofrimento das mulheres violadas e narram suas histórias sempre deixando à mostra os requintes de crueldade. É perceptível a complacência da sociedade quando o estupro acontecia com mulheres não virgens e não casadas. E isso se dava porque segundo Lage e Nader (2012) até o ano de 2003, numa herança do Código Penal de 1940, reproduzida do Código Penal do Império, havia distinção entre os estupros cometidos contra as “mulheres honradas” e as “desonradas”. Por isso não é de espantar o tipo de narração a seguir.

Foi nesse povoado que Lampião, ao chegar, na véspera do combate, exigiu onze mulheres “amigadas” para ele e seus 10 companheiros. **Foi tolerante e pouco exigente**, porque não fez questão de casadas e de virgens. Contentava-se com as amigadas, num gesto displicente e de enfaro. (PRATA, 2010 [1934], p. 80) (Grifos nossos).

O autor continua relatando os muitos crimes cometidos por Lampião. No seu discurso, os crimes sexuais aparecem como objeto da curiosidade e são tratados apenas neste campo, como se o autor dissesse “- Vejam só o que acontece com as mulheres, percebam que

monstros são os cangaceiros”: “Após o saque das casas comerciais sertanejas, incendeia-as. Corta orelhas, castra, estupra raparigas adolescentes, contaminando-as de mal venéreo; viola mulheres casadas à vista dos maridos” (PRATA, 2010 [1934], p. 119). Um dos casos é relatado com detalhes pelo escritor. Um casamento acontecia numa cidadezinha de Sergipe, quando o bando de cangaceiros chegou e:

Lampião aprisiona o velho e o intima a dar-lhe o dinheiro. O homem recusa. O facínora então, com três companheiros, fazem menção de crucifica-lo na parede, a punhal. A moça, que espia pela fechadura ao ver o quadro, abre resolutamente a porta e pede a Lampião para soltar o avô, prometendo-lhe 600\$000. Ele atende, mas ao embolsar o dinheiro repara na beleza da rapariga e arrasta-a, de sopetão, para o quarto, onde estava a velha transida de pavor, escondida entre a cama e a parede. Consumado o ato bestial verifica o bandido que precisa de asseio. E como descobre a velha, agachada no seu esconderijo, obriga-a fazê-lo, ordenando-lhe a permanecer no quarto para prestar o mesmo serviço aos companheiros, que foram em número de cinco (Idem, p. 121).

Os relatos fortes trazidos pelo autor, em dado momento, são assim tratados por ele: “Mas deixemos estas ‘peraltices’ insignificantes do bandido e narremos alguns dos seus grandes crimes” (PRATA, 2010 [1934], p. 122). Os detalhes “insignificantes” nada mais são do que a violação das mulheres! Os crimes contra a propriedade e a vida dos homens eram mais importantes nessa hierarquia. Seu discurso “penalizado” com o cruel destino das sertanejas, logo é contradito com essa denominação de “peraltices” referente aos estupros.

O mesmo estupro é descrito por Daniel Lins (1997), para quem os cangaceiros devoraram a moça, comendo-a com ganância, aniquilando seu corpo e destruindo sua alma, pois a mesma passou a vagar como bicho, fugindo do contato humano. A violência a desumanizara. Assim era preferível esconder sua vergonha do mundo. Vergonha que era exclusivamente da mulher, o homem estuprador não era visto nem como monstro, apenas como macho dotado de sexualidade triunfante e incontrolável. Aproveitando-se de encontrar uma mulher no seu caminho não a deixava escapar. Na visão sertaneja, errada mesmo estava quem não se protegia, quem se deixava colher como uma fruta, se “deixava devorar”, perdendo um pedaço “sagrado” do corpo. Alguns autores como o próprio Lins (1997), Queiróz (2005) afirmam que com a entrada das mulheres no bando de Lampião, os estupros diminuíram consideravelmente. Nesta elaboração, as mulheres trouxeram uma nova ética aos cangaceiros, serviram assim como uma consciência de que o feminino merecia ser respeitado.

Por mais que os estupradores não ficassem marcados muito negativamente pelo crime cometido, estuprar mulheres não era algo que se proclamasse. Havia entre os cangaceiros a negativa sobre esse ato que era sempre colocado como praticado pelas volantes. Da mesma forma, autores que defendiam a legalidade imputavam aos cangaceiros a prática de tais atos.

Muito se tem falado sobre o fenômeno do cangaço em livros, cordéis, teses, filmes e minisséries que elaboram imagens e discursos sobre a vida de homens e mulheres participantes da vida cangaceira. A maioria desses relatos estão centrados na vida de Virgulino Ferreira da Silva, o famoso Lampião, e no encontro com sua companheira Maria Gomes de Oliveira, a também famosa Maria Bonita. Além de ser muito comentado, o cangaço foi combatido com vigor por meio dos discursos de jornalistas e escritores da época, que lançavam mão dos crimes praticados pelos cangaceiros para reforçar o preconceito reinante contra os sertanejos mestiços. Os cangaceiros eram tratados nesses textos como animais irracionais, monstros que cometiam brutais assassinatos e estupros por não conseguirem reprimir seus instintos bestiais. Assim, toda a sociedade estava ameaçada por esses “homens selvagens” capazes de qualquer vilania para satisfazerem suas vontades “anormais”. Casos de violência se espalhavam rapidamente pelas pequenas cidades do interior, os malfeitos dos cangaceiros eram temidos e ao mesmo tempo admirados através de uma curiosidade vacilante, mas que estava sempre procurando enriquecer as maldades cometidas pelos cangaceiros de detalhes macabros. Esse mundo misterioso do cangaço encontrava eco no medo dos sertanejos desprotegidos e também nas narrativas dos poetas populares, pois o cangaço era pensado por muitos como um brado de insubordinação das populações mais pobres frente aos coronéis. Todas essas versões fazem do cangaço um território, que mesmo já tendo sido muito percorrido, continua merecendo novos olhares. Por isso, se faz necessário atentar para os sujeitos históricos que apareceram nessas versões apenas para dar mostras da perversidade dos cangaceiros, sendo vítimas da violência e dos discursos que trataram suas histórias somente para reforçar a criminalidade dos homens que viveram sob o cangaço.

A literatura de cordel também tratou da violência sexual cometida pelos cangaceiros. O cordelista Raimundo Santa Helena entrou na justiça tentando impedir que uma estátua em homenagem a Lampião fosse erguida na cidade de Serra Talhada, Pernambuco⁴⁹. O pedido se

⁴⁹ Em 1991 ocorreu um plebiscito em Serra Talhada para que fosse decidida a construção ou não, em praça pública, de uma estátua de Virgulino Ferreira da Silva, filho ilustre da cidade. A iniciativa dividiu opiniões e provocou uma polêmica que alcançou o Brasil todo. Sobre a querela causada pelo plebiscito, Pereira comenta: “Serra Talhada. 1991. Cidade em Polvorosa. Um plebiscito interroga: ‘Constrói-se ou não uma estátua de 40 metros do cangaceiro Lampião?’ Questão difícil. E o debate invade casas, provoca discussões nos bares, brigas nas ruas” (PEREIRA, 2000, p. 262). O plebiscito deu vitória aos partidários da construção da estátua, mas sua construção não foi efetivada.

dava por questões de cunho pessoal, segundo o cordelista, seu pai, delegado de polícia, foi morto por Lampião e sua mãe estuprada por ele. O cordelista contou a história no Cordel *Lampião e minha mãe violentada*⁵⁰. O cordel tem na introdução reproduções de notícias de jornal que dão conta da luta do cordelista contra a construção da estátua. E traz matérias difundidas pela imprensa com clara objeção à homenagem, discutindo o mérito de Lampião. Em um dos textos que antecedem os versos do cordel, há a exaltação da coragem do irmão do cordelista que ameaçou explodir o memorial caso ele fosse construído. Mesmo fazendo a exaltação da valentia, o discurso se direciona ao bom senso do presidente da República Itamar Franco, para que ele assinasse um decreto impedindo que um bandido fosse alvo de culto. Assim o cordelista vai marcando sua posição a partir dos discursos de outros, de instâncias superiores.

A primeira estrofe do cordel é uma forma de levar o leitor ao dia exato do acontecimento. A palavra estupro não é usada de chofre, o autor precisa primeiro conduzir o leitor e mostrar as qualidades daquela mulher, que mesmo mãe e estando grávida foi alvo da “sordidez” de Lampião, bandido mostrado como aquele nunca saciado do sangue que derramava:

Sanguissedento bandido
 No dia 9 do mês
 De Julho de vinte e sete
 Desrespeitou gravidez
 De minha mamãe querida
 Matou meu pai em seguida
 Na mamãe fez sordidez.

(SANTA HELENA, s/d, p. 19)

Segundo a narrativa do cordel, a mãe do autor sentindo-se a vida inteira injustiçada, pelo estupro e pela morte do marido, se suicidou já idosa por não aceitar a forma como a história dos cangaceiros vinha sendo relatada. Não admitia a possibilidade de ver seu algoz se transformar em estátua, homenagem que aos olhos da maioria das pessoas, está reservada para heróis e não a pessoas consideradas fora da lei como Lampião.

Na elaboração de “Santa Helena”, sua vida e a de sua família foram muito abaladas por conta da presença de Lampião. Assim, um dia fatídico teve o poder de transformar toda sua vida, empobrecer sua família e alimentar nele durante boa parte de sua infância o desejo

⁵⁰ SANTA HELENA, s/d.

de vingança. Como a vingança não ocorreu, a única coisa que restava ao autor era denunciar o cangaceirismo e, dessa maneira, o cordelista usou a arte para se contrapor à iniciativa e mostrar as autoridades a injustiça que seria cometida ao se construir a estátua. Na sua visão, isso seria de certa forma um perdão ao bandido e uma condenação à memória de seu pai e de sua mãe. Portanto, segundo ele, completa inversão de valores, inaceitável pela sociedade.

Estátua como troféu
 Numa grande palhaçada
 Vai receber Lampião
 No chão de Serra Talhada
 E o meu pai delegado
 Por Lampião baleado
 Depois de morto sangrado
 Trocou a vida por nada

(SANTA HELENA, s/d, p. 21)

A poesia popular, reproduzida nos folhetos de feira contribuiu de forma muito relevante para a difusão do cangaço, existindo a classificação de Ciclo do Cangaço entre as temáticas do cordel, um dos temas mais recorrentes dessa literatura. O cangaço aparece numa sucessão de discursos que formam um quadro muito rico na tentativa de entendimento dos mitos produzidos pelas histórias de cangaceiros e cangaceiras. Em boa parte dos cordéis, os cangaceiros são exaltados como tipos heroicos, suas faltas justificadas através das injustiças sofridas antes da vida criminosa, muito embora haja também a condenação do cangaço, especialmente nos cordéis contemporâneos ao fenômeno. Assim podemos pensar no chamado Ciclo do Cangaço como espaço de ambivalência, como quase tudo nesta história. Espaço de disputa entre uma vertente de heroização do banditismo e outra de extrema repulsa e mesmo preconceito contra o cangaço. Além destas disputas perceberam a importância e o grande apelo popular do tema:

Como cronista popular da realidade brasileira, Leandro Gomes de Barros e seus colegas de cordel não podiam deixar de registrar e comentar o cangaço, que, por sua inigualável relevância para a vida do Nordeste compõe um dos ciclos temáticos mais importantes da literatura de cordel (CURRAN, 2003, p. 60).

A partir do próximo tópico, farei algumas considerações sobre o cordel e como a partir da década de 1980, num processo de maior alargamento das fontes históricas, ele passou a

figurar como uma fonte importante para a pesquisa histórica. Tudo no sentido de pensarmos também o papel destinado comumente às mulheres dentro dos versos populares.

2.4. Poesia popular: O cangaço como grande narrativa do cordel

O historiador Antônio Celso Ferreira (2009) nos lembra que o uso da literatura na história e essa aproximação nem sempre foram aceitas. Só nas últimas décadas do século XX, os historiadores passaram a fazer essa avizinhação com o texto literário a partir do alargamento das fontes propiciadas pela Escola dos Anais, que ao pensar numa história problema, expandiu as fontes, deixando para trás a noção segundo a qual a história só poderia ser escrita através dos documentos produzidos pelo Estado, visão cara aos positivistas. Com esse alargamento das fontes: cartas, bilhetes, receitas, jornais, folhetos e a literatura passaram a ser utilizadas na construção da narrativa histórica. Assim os historiadores entenderam ser a literatura uma fonte privilegiada por ressaltar as subjetividades das relações humanas em determinada época e contexto histórico.

Sabemos que um livro não nasce sozinho, para que ele surja há o trabalho de um homem ou mulher, que viveu em uma determinada época e contexto histórico, e que para escrever uma história olhou do seu lugar social e deu a suas personagens as características de suas crenças e de seu conhecimento de mundo. A autoria dos textos passa a ser de fundamental importância no processo desta construção. O historiador que quiser trabalhar com textos literários obriga-se a estudar a fonte, atentando para as suas intencionalidades, procurando saber a que público os escritos são destinados. Por isso é relevante considerar a autoria.

Considerando como “uma função do discurso”, Foucault relembra que longe de ser universal, pertinente para todos os textos e para todas as épocas, a atribuição das obras a um nome próprio e discriminatória: “a função–autor é caracterizada do modo de existência, circulação e funcionamento de certos discursos no seio de uma sociedade” (CHARTIER, 1999, p. 03).

A história se aproxima da literatura quando percebe as contribuições que o texto literário pode oferecer. A narrativa literária constitui valioso documento histórico porque expõe uma representação da sociedade, os preconceitos existentes, os divertimentos, o modo de vida, os diferentes tipos humanos que muitas vezes foram deixados de lado pelos historiadores do período, que, ainda respirando positivismo, só pensavam a história pelo viés

oficial. Os historiadores usavam textos literários apenas como ilustração, a fim de servir para imprimir uma perspectiva cultural. “Neste caso, a literatura cumpria face à história um papel de descontração, de leveza, de evasão, ‘quase’ na trilha da concepção beletrista de ser um sorriso da sociedade” (PESAVENTO, 2006, p. 01).

Se houve ressalvas em adotar como fonte histórica a literatura dita erudita, com o cordel esta aceitação ainda foi mais difícil, pois havia um olhar intelectual que não incluía os folhetos de cordel nem como literatura.

A literatura de cordel foi durante muito tempo percebida como uma literatura feita, e também utilizada, pelas classes subalternas que não tiveram acesso à literatura considerada erudita. Galvão nos diz que “os depoimentos parecem indicar, assim, que a alfabetização das pessoas por intermédio do cordel se dava de maneira autodidata por meio da memorização dos poemas” (GALVÃO, 2002, p. 125). Por ser produzida e largamente utilizada por pessoas que viviam no interior do Nordeste, ela não foi pensada como fonte histórica importante, os discursos produzidos por ela caíam apenas no anedótico. Mas pensando a partir dos pressupostos da História Cultural, a literatura de cordel passou a ser utilizada em maior escala, principalmente em trabalhos relacionados com a história do Nordeste e a história do cangaço. Nestes casos, abandona-se o pensar apenas em termo de cultura na chamada alta cultura e/ou cultura erudita.

O termo cultura costuma se referir às artes e às ciências. Depois foi empregado para descrever seus equivalentes populares – música folclórica, medicina popular e assim por diante. Na última geração, a palavra passou a se referir a uma ampla gama de artefatos (imagens, ferramentas, casas e assim por diante e práticas (conversar, ler, jogar) (BURKE, 2008, p. 43).

O cordel tem suas raízes na literatura praticada na Península Ibérica por volta do século XVI. Segundo o cordelista e presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel⁵¹, Gonçalo Ferreira da Silva, no livro *Vertentes e Evolução da Literatura de Cordel* (2008b), a cidade de Salvador foi a primeira a receber a cultura do cordel. Ele explica isso ao dizer que Salvador, por ser a primeira capital do Brasil, era a cidade onde todas as culturas se encontravam. De Salvador o cordel foi irradiado até o Maranhão. A divisão da categoria dos folhetos se dava em função da quantidade de páginas dos livretos. Os que fossem compostos

⁵¹ A Academia Brasileira de Literatura de Cordel foi fundada em 1988. A ABLC está instalada na cidade do Rio de Janeiro. Cf. <www.abcl.com.br>.

de 32 páginas eram as histórias, os romances eram compostos de 16 a 24 páginas e os de 8 páginas eram chamados de folhetos.

A literatura de cordel tem em sua base primordial a oralidade, pois antes de existirem tipografias que imprimiam os folhetos, os temas do cordel eram tratados pelos repentistas, que cantavam as histórias, criando os versos de improviso. Albuquerque (2013) considera que a literatura de cordel praticada no Brasil sofreu influência de nossos colonizadores portugueses, que por sua vez, já havia sido influenciada pela literatura popular de povos como franceses e espanhóis.

Até 1808 era proibido imprimir qualquer tipo de livro ou jornal no Brasil e os versos de cordel eram repassados oralmente, valendo-se da memória e muitas vezes modificando-se ao passar de pessoa para pessoa. As histórias tradicionais do cordel eram recitadas, sendo reproduzidas oralmente. Melo (2010) e Albuquerque (2013) nos informam que o cordel tinha a característica de ter sua leitura feita em grupo, o que aumentava sua abrangência. A leitura dos versos em praça pública, nos alpendres das casas de fazenda ou então pelo próprio cordelista nas feiras não tinha só a função do entretenimento, mas também a função informativa, numa época de jornais escassos.

Segundo o pesquisador Mark Curran (2003), o primeiro grande acontecimento histórico descrito pelo cordel foi a Guerra de Canudos. Isso se deu pela própria guerra acontecer em território nordestino e também por causar grande curiosidade na população. Para Curran, o cordel era o jornal do povo, pois era um dos poucos meios de informação de quem vivia em cidades que não eram contempladas com periódicos. Melo (2010) fala com lirismo do transporte dos folhetos de cordel para que pudessem ser vendidos nos lugarejos mais distantes, levando novidades e informações. A autora percebe o cordel feito de palavras fecundantes de novos signos e significados:

Guardadas com aperto nas malas de couro, os folhetos eram conduzidos nos lombos dos animais, nos vagões dos trens e desembarcavam nas feiras, sendo logo esparramados no chão pelos poetas-mascates. Folhas que se derramam pelos sertões como a chuva, trazendo a esperança, a fé, o riso, o encantamento, a sabedoria. Histórias que, finalmente, se libertam do papel da palavra impressa e finalmente voltam à boca dos poetas, dos narradores, do leitor que as lê em voz alta. Histórias que retornam à oficina da vida (MELO, 2010, p. 22).

Menezes (1977) traz a definição da literatura de cordel em dois verbetes sobre os folhetos produzidos por Aurélio Buarque de Holanda, o primeiro, do ano de 1957, do

Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Aurélio define o cordel como livretos facilmente encontrados em bancas de jornais, mas sem valor literário. Já na edição do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, na edição apontada por Menezes como possivelmente sendo a de 1976, Aurélio Buarque de Holanda reatualiza o verbete e em rápidas palavras fala da rusticidade da feitura dos folhetos e de sua venda feitas em feiras livres, mas, diferentemente do verbete dos anos 50, sem o julgamento depreciativo sobre o valor literário do cordel. Para fugir da polêmica, Aurélio Buarque de Holanda não mais dá sua opinião, talvez entendesse que o momento não mais permitia que a literatura popular fosse qualificada como desprovida de valor cultural e literário⁵².

Havia já na década de 1970 um maior interesse da academia pelos temas que envolviam a cultura popular. Em 1977, a Revista de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará editou um dossiê que discutia cultura popular tendo como carro-chefe a literatura de cordel.

Os cordelistas não ficavam distantes das discussões sobre a importância de sua arte, alguns nos seus textos faziam referências ao preconceito que sofriam por parte da intelectualidade e havia até quem divulgasse através dos seus folhetos as pesquisas feitas em torno do cordel. Temos uma amostra disso no folheto *Cordel, a mais rica literatura do mundo para um especialista da Sorbonne*, de autoria do cordelista Téo Macedo. Macedo narra que no ano de 1977, um estudante da Sorbonne veio ao Brasil pesquisar o folclore e a literatura popular e se encantou com os folhetos de cordel. O cordelista sabe ser este tipo de literatura pouco valorizada no Brasil e através do olhar do “especialista” ele procura transmitir no seu texto a legitimidade e a importância de sua arte, que na sua visão precisa ser ensinada nas escolas, e que dessa forma dirigisse maior importância aos cordelistas.

Proteger todos poetas
Entrando logo em ação
Dando curso de cordel
Essa matéria tradição
E fazendo conferências
Em toda essa nação

⁵² No folheto *Lampião e o sangue do meu pai*, o poeta Raimundo Santa Helena, na contracapa do referido cordel, conta sua história como marinheiro e que foi muitas vezes repreendido por superiores da Marinha do Brasil por conta de suas inclinações para a poesia popular. Raimundo conta que ao estudar teve acesso a dois dicionários: “Deixaram-me um dicionário de inglês e outro onde se dizia que cordel não era literatura. Hoje o Ministro é poeta, o marujo é Dr. e o Aurélio se conscientizou” (SANTA HELENA, 1982, s/l.). Trago esta citação para mostrar algo que discutirei em seguida, o conhecimento que alguns autores de cordel tinham sobre como sua arte era pensada nos meios intelectuais e como usavam seus textos para defender a importância da literatura popular.

O ilustre Raymond Cantel⁵³
 Está cumprindo uma missão
 Lecionando o cordel
 Em sua querida nação
 A todos povos do mundo
 Ele passa uma lição

Na universidade de Sorbonne
 Preparando a tese de mestrado
 Ele tem sua cadeira
 Esse professor consagrado
 Na literatura de cordel
 Ele vê o tesouro encantado

(MACEDO, s/d, p. 03)

Os temas tratados na literatura de cordel são variados, os cordelistas partem de sua própria vivência para escrever os versos, que muitas vezes se centram em acontecimentos políticos, crimes cotidianos, histórias de amor. Os cordelistas produzem assim, sentidos a partir de suas experiências. Deixam os termos jurídicos e científicos para fazerem nos seus versos rimados, nas suas setilhas⁵⁴ ou nas suas décimas⁵⁵ a escrita que formula uma construção identitária do povo sertanejo. A propósito, Araújo faz a seguinte reflexão:

Ao fazer sua leitura de mundo, o poeta popular traduz, no território do cordel, a sua compreensão e interpretação do mundo e das pessoas, das relações sociais e culturais, dos conflitos, das tensões e de todo um conjunto de práticas que são produzidas através das ações humanas. Desse modo, o cordel pode ser compreendido como território de construção de saberes, cultura e identidade. Isso porque tanto o cordel quanto o mundo social que nos folhetos é materializado são territórios por onde transitam diversos saberes (ARAÚJO, 2007, p. 73).

Mas uma pergunta se faz necessária: Como as mulheres são mostradas no universo do verso popular? Ao pensar na representação das cangaceiras na literatura de cordel não podemos deixar de problematizar a própria representação das mulheres no cordel. As mulheres assumem comumente papéis de divinização, quando são donzelas e puras como em um dos mais famosos cordéis: *A História da Donzela Teodora*. Assim, na literatura de cordel

⁵³ Raymond Cantel era francês e se destacou como importante pesquisador da língua portuguesa e da literatura popular brasileira. A partir de 1959 passou a fazer visitas ao Brasil, tendo contato em primeiro momento com cordelistas e xilógrafos cearenses. Seu interesse pelo cordel surgiu depois da leitura de um folheto sobre Lampião. Após sua morte, Raymond Cantel deixou uma das mais importantes coleções de cordel do mundo. Cf. <<http://cordel.edel.univ-poitiers.fr/collections/show/3>>. Acesso em: 24 jul. 2016.

⁵⁴ Setilhas são estrofes de sete versos de sete sílabas.

⁵⁵ Décimas são estrofes de dez versos de sete sílabas.

existem as princesas e donzelas ou as mulheres que têm os aspectos de sua sexualidade expostos de forma a ridicularizar e as humilhar num discurso repleto de preconceitos e violência. Sobre a representação das heroínas no cordel, Costa diz:

Em Portugal, surgiram dois famosos folhetos: “História da Donzela Teodora” (1712) e “Princesa Magalona” (1732), como exemplos dos primeiros romances ibéricos que versavam sobre rainhas, princesas, heroínas sofredoras. Mulheres desejadas, amadas, apaixonadas, odiadas e valentes... Aqui no Nordeste brasileiro, a mulher valente virou exemplo de destemidas ‘cangaceiras’, como – Maria Bonita, Dadá, Sila e tantas outras (COSTA, 2015, p. 22).

As mulheres também são ridicularizadas, pensadas pelos cordelistas no viés da sexualidade, da violência. No quadro a seguir selecionei alguns títulos que podem nos dar a ideia do tratamento conferido às mulheres em alguns cordéis:

Mulher sem bunda e sem peito	José Costa Leite	Recife, s/d
A mulher gostando da gente faz com a gente o que quer	José Costa Leite	Recife, s/d
A mulher da bunda grande sempre teve nota dez	José Costa Leite	Recife, s/d
Eu admiro a beleza do corpo da mulher nua	José Costa Leite	Recife, s/d
A briga de um gay com uma mulher macho	Manoel Monteiro	Campina Grande, 2011.
A moça que se amigou com um jumento	José Costa Leite	Recife, s/d.
Mulher doida, moça quente, corno, bicha e sapatão.	José Costa Leite	Recife, s/d.
A mulher que deu cria de um cavalo	Izaías Gomes Assis	Parnamirim, 2016.
Mulher macho sim senhor	Maria Godelivie	Campina Grande, 2008.
A mulher que perdeu a bunda no estado da Bahia	José Costa Leite	Recife, s/d.
Beijo de mulher bonita e carinho de mulher feia	José Costa Leite	Recife, s/d.
O homem é o rei dos animais e a mulher é a rainha da beleza	José Costa Leite	Recife, s/d.
A mulher que castrou o marido em Maceió	José Costa Leite	Recife, s/d.
A mulher que vendeu o marido por R\$ 1,99	Janduhi Dantas	Juazeirinho, 2012.
A mulher que outro beija tem cheiro de outro bigode.	José Costa Leite	Condado. s/d.
Homem gosta de mulher e mulher gosta de dinheiro	José Costa Leite	Condado. s/d.

Quadro 01: O tratamento dado às mulheres em alguns cordéis.
Sistematização elaborada pela autora da dissertação.

Pelos títulos podemos perceber a misoginia, o machismo e todo um discurso de objetificação da mulher, reduzindo-a ao seu corpo e à sua sexualidade. Dão autonomia a partes do corpo feminino como bundas e seios. E “esta pretensão ainda sobrevive em alguns folhetos cujas partes eróticas das mulheres tornam-se personagens protagonistas das narrativas e das capas dos cordéis, reduzindo a figura feminina a um corpo que vai ser descrito e comido pelos olhos masculinos” (BARBOSA, 2010, p. 53)⁵⁶.

A beleza ou sua fealdade aparecem como motivos de exaltação à mulher ou de detração. José Costa Leite⁵⁷ parece ter uma verdadeira obsessão em construir imagens depreciativas das mulheres nos seus cordéis. Nestes que foram apresentados apenas através dos seus títulos, elas aparecem como interesseiras, violentas, levianas e vulgares, alguns as animalizam ao colocar no ventre feminino fetos de animais. Em outras construções, a mulher é restrita a ter somente na beleza seu referencial de importância no mundo.

Trabalho com cordéis atuais, mas também com cordéis produzidos na época do cangaço e percebo que, mesmo com a distância temporal nas suas produções, há no cordel uma narrativa muito rica para se entender como se davam as relações entre o masculino e o feminino na visão dos cordelistas. Por isso corroboro com Albuquerque Júnior (1999) quando reflete que:

Este imaginário do cordel, que associa masculinidade, nordestinidade e violência, ao contrário do que se possa pensar, nem ficou no passado, na história, como muitos folhetos fazem pensar, nem pairam sobre o real, imagens que nada tem a ver com a realidade. Esta história, recuperada por esse conjunto de imagens e enunciados, tem incidência sobre o presente, faz parte dele, produzindo subjetividades, servindo de modelos para práticas, produzindo o saber a respeito do ser homem e do ser mulher que participa das relações de gênero neste momento (Idem, p. 187).

O cordel, por ser uma literatura produzida e consumida pelas classes mais populares, aparece como *lócus* privilegiado de poder sobre a história de cangaceiros e cangaceiras. Muitas das imagens do senso comum sobre a vida no cangaço são retiradas do cordel. Além disso, é uma fonte importante para a história, pois, segundo Melo: “os folhetos constituem uma fonte histórica privilegiada, pois reúnem as linguagens oral, escrita e iconográfica”

⁵⁶ Clarissa Loureiro Marinho Barbosa, na sua tese de doutorado, defendida na Universidade Federal de Pernambuco, pesquisou as representações femininas em cordéis do século XX e do século XXI e trouxe à tona uma discussão sobre as representações femininas mais duráveis nos folhetos de cordel. São apresentados e discutidos cordéis que tratam das mulheres vistas pelo prisma da santificação, da demonização, prostituição e mesmo das mulheres produtoras de cordéis.

⁵⁷ Cordelista e xilogravurista nascido em Sapé-PB, em 1927. É autor de mais de 500 títulos de cordel. Vive atualmente em Condado-PE.

(MELO, 2010, p. 24). Além de poderem ser lidos por uma pessoa e ouvido por outras, há as imagens presentes nas capas, na forma de xilogravuras. O cordel assume feição democrática ao possibilitar aos não letrados conhecer o seu conteúdo. Os próprios títulos dos cordéis indicam isso.

A escolha por trabalhar com a literatura de cordel assenta na sua importância para a história do cangaço, não só na forma como essa história foi contada pelos memorialistas e acadêmicos que tratam do tema, mas nos aspectos concernentes ao combate feito a essa literatura no momento em que o cangaço acontecia. Freitas (2005), após pesquisas em jornais como *O Estado de São Paulo* e *Correio da Manhã*, revela as opiniões dos articulistas que criticavam a postura dos cordelistas e também da população ao denunciar a admiração causada pelos cangaceiros. Para esse articulista, os dois fatores combinados encorajavam as ações cangaceiras.

O jornal *O Estado de São Paulo* na matéria intitulada “Uma verdadeira Literatura sobre Lampião”, publicada em 27 de junho de 1929, reproduz os comentários de uma folha da capital baiana, que acentuava: “(...) o bandoleiro “Lampeão” vae criando, em torno da personalidade, uma verdadeira literatura e – o que é peor – uma literatura muito pouco realista”. Nesta, a folha da capital baiana, criticava veementemente a postura dos poetas que trataram Lampião como um herói e argumenta que tal comportamento é resultado de suas ambições, pois, desejavam ganhar dinheiro, com a venda de (...) **uma série copiosa de artigos, folhetos, livrinhos de versos populares, em que o bandido aparece mais como um herói do que como uma figura repulsiva** (FREITAS, 2005, p. 105) (Grifos nossos).

O articulista estava certo ao dizer que se fazia uma verdadeira literatura em torno de Lampião, pois ele foi o cangaceiro mais retratado na literatura de cordel, sua motivação para a entrada no cangaço, seus feitos na luta cangaceira, os combates que empreendeu e principalmente a história de amor protagonizada junto com Maria Bonita, foram escritos por cordelistas que imprimiram à vida de Lampião olhares diversos, inventando assim um mito nordestino. “A literatura de cordel ao conceber a imagem de Lampião e ao pontuar sua carreira, o inventou. Ao inventá-lo, ela fez dele um indivíduo produtor e produto da cultura e da subjetividade” (LINS, 1997, p. 192).

Nesta dissertação a literatura de cordel aparece em todos os capítulos, pois muitos dos discursos difundidos sobre Maria Bonita e também sobre o cangaço saíram das páginas dos folhetos. Faço a discussão de como estes discursos do cordel foram construídos a partir dos

discursos jornalísticos. E como com o passar dos anos, a distância temporal do fenômeno cangaço, os discursos sobre os cangaceiros foram sendo modificados.

O cangaço, através dos folhetos de feira, tomou assim uma dimensão romântica e poética. Nos próximos capítulos iremos juntos fazer estes caminhos poéticos, percebendo que, ao usar linguagem artística em versos rimados e ritmados, o cordel trabalha com elementos como o heroísmo, a religiosidade, com presença muito forte na vida do sertanejo. O cordelista criava histórias de coragem, valentia, destemor e honra quando procurava as especificidades de cada cangaceiro. Ao inventá-las davam vida e identidade a pessoas que, longe do território do cordel, eram representadas como seres desviantes, socialmente inadaptados ao mundo, selvagens que precisavam ser extintos para que o sertão se libertasse de suas mazelas.

Nos dois próximos capítulos encontraremos Maria Bonita nos textos dos memorialistas, jornalistas e nos versos dos cordelistas. A partir deles iremos refletir sobre estes discursos, como e de que maneira eles se encaixam numa visão do masculino sobre a feminilidade, pois em sua maioria os discursos são criados e difundidos por homens.

CAPÍTULO 3 - MUITAS MARIAS NUMA SÓ MULHER: DISCURSOS SOBRE A RAINHA DO CANGAÇO

*A mulher tem, na face, dois brilhantes,
Condutores fiéis do seu destino;
Quem não ama o sorriso feminino
Desconhece a poesia de Cervantes,
A coragem dos grandes navegantes,
Enfrentando a procela em seu furor,
Se não fosse a mulher, mimosa flor.
A história seria mentirosa!
Mulher nova, bonita e carinhosa
Faz o homem gemer sem sentir dor.*

*Virgulino Ferreira, o Lampião
Bandoleiro das selvas nordestinas,
Sem temer a perigo nem ruínas,
Foi o rei do cangaço no sertão;
Mas um dia sentiu no coração.
O feitiço atrativo do amor.
A mulata da terra do condor
Conquistava uma fera perigosa
Mulher nova, bonita e carinhosa
Faz o homem gemer sem sentir dor.
(BATISTA, 1982)*

As mulheres pouco apareciam na história, as histórias nacionais, os grandes feitos sempre foram imputados aos homens na história ocidental. Os discursos historiográficos acentuaram que eles descobriram, navegaram, pesquisaram e construíram o mundo. As mulheres quando eram inseridas na história tinham esta inclusão subordinada a uma figura masculina. Os versos do cordel de Otacílio Batista, adotados como epígrafe deste capítulo, mostram a mulher como uma flor mimosa que, sem sua inclusão na história humana, a verdade estaria ameaçada.

Mas que mulher(es) é/são esta(s)? Quais são os seus feitos na narrativa histórica? Como se dá a inserção das mulheres na história?

Pelos versos do cordel citado, a mulher é suporte para os homens empreenderem seus grandes feitos. Elas são amantes, belas mulheres, sedutoras. Os poderes que possuíam estavam ligados à sua sexualidade, ou seja, era um poder exercido nos bastidores através da ligação como homens poderosos. Exemplos clássicos e muito famosos são os de Madame de

Pompadour⁵⁸ que teve sua equivalente brasileira na Marquesa de Santos⁵⁹. Ou mesmo Maria Bonita, a quem são atribuídos poderes de acalmar e adoçar o espírito combativo de Lampião ao interceder pela vida de sertanejos em perigo.

A história judaico-cristã foi fundada sob o protagonismo masculino. Deus, figura masculina, edificou o mundo e todos os seres vivos e fez Adão à sua imagem e semelhança. O cristianismo, que Marc Bloch (2011[1949]) disse ser uma religião de historiadores, pois surgiu seguindo o tempo humano, com o nascimento de um Deus, sua vida na terra, sua morte acontecendo dentro da História, também elegeu uma liderança masculina; as duas principais mulheres que aparecem na narrativa do Novo Testamento são Maria: a que concebeu sem pecado e Maria Madalena⁶⁰, pecadora arrependida. As duas orbitam a figura fundadora do cristianismo: Jesus. Suas histórias estão subordinadas à grande narrativa do nascimento, dos anos de evangelização e da morte do Messias.

Michele Perrot, no livro *Os excluídos da história* (1988), reflete sobre a perspectiva das mulheres e suas relações com o poder nos discursos historiográficos. A autora afirma que as mulheres nestes discursos têm poderes (no plural), e não o poder (no singular), que estaria claramente ligado a um poder político, religioso, portanto, controlado por figuras masculinas. A autora fala de duas principais visões destes poderes femininos, a primeira diria respeito a que os homens comandavam tendo por trás de si as mulheres, que se movimentavam nas disputas e intrigas palacianas, de forma sub-reptícia, conquistando prestígio e benesses, aproveitando-se dos seus poderes de sedução. Outro poder feminino estaria ligado à questão concernente a educação das crianças, assim a mulher foi pensada como agente da civilização, promotora da educação e da preparação das crianças para a vida.

No livro *Minha História das mulheres* (2007), Michelle Perrot ainda problematiza os mecanismos de poder e saber que excluíram as mulheres da história, mas também nos mostra como a inclusão dessas mulheres foi se dando paulatinamente com as mudanças paradigmáticas ocorridas a partir da segunda metade do século XX. Sobre a restrição feita às

⁵⁸ Jeanne Antoinette Poisson, verdadeiro nome da lendária Madame de Pompadour, foi amante do rei da França, Luís XV, e segundo a crônica da época, teve forte influência política nas decisões reais e assim conseguiu amealhar muita fortuna. Cf. ALGRANT, 2005

⁵⁹ Domitila de Castro Canto e Mello recebeu de Dom Pedro I o título nobiliárquico de Marquesa de Santos. Foi amante do imperador, exerceu grande influência na corte brasileira em boa parte do Primeiro Reinado (1822-1931). Cf. LUSTOSA, 2006.

⁶⁰ Sobre Maria Madalena há um interessante estudo: *Maria Madalena: o feminino entre a luz e a sombra*. O autor, Bogado (2005), reflete que as mulheres fundadoras do cristianismo tiveram suas histórias construídas como exemplos edificantes, de comportamento a serem repetidos e exaltados pelas mulheres. Maria Madalena é personagem exemplar, pois foi do pecado à santidade com o auxílio do masculino, representado na figura de Cristo. A partir do momento que não pecou mais, quer dizer, abandonou sua sexualidade, foi tirada das sombras e vista à luz da religião nascente.

mulheres na história, comenta: “As mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento. Confinadas no silêncio de um mar abissal” (PERROT, 2007, p. 16). Além do silêncio na história produzida pelos homens, havia o silêncio/silenciamento das mulheres. Mesmo que algumas mulheres tenham quebrado este silêncio e se arvorado pelo mundo das letras, essa inclusão era muito baixa frente ao domínio dos homens neste universo.

As mulheres que sabiam ler e escrever muitas vezes mantinham o hábito da escrita, mas seus textos foram se perdendo, em boa parte, porque estas não valorizavam suas experiências e destruíam seus escritos. As mulheres letradas encontravam dificuldades para acessar certo tipo de literatura, pois havia a distinção entre os livros que poderiam ser lidos por mulheres e aqueles aos quais só homens poderiam ter acesso. Virginia Woolf no livro *Um teto todo seu* (2004 [1929]) fala das dificuldades encontradas pelas mulheres no acesso à leitura e também à escrita. A autora aponta a interdição de bibliotecas, a pobreza material das mulheres, os serviços domésticos, a falta de estabilidade financeira como fatores importantes para que as mulheres tenham se dedicado com menor intensidade do que os homens na escrita de obras de ficção. Além de falar das mulheres escritoras, Woolf também refletiu sobre como as mulheres foram construídas enquanto personagens ficcionais e de que forma os discursos masculinos sobre as mulheres eram transmitidos. A esse respeito, fala:

O sexo e sua natureza bem poderiam atrair médicos e biólogos; mas o surpreendente e de difícil explicação era o fato de que o sexo – quer dizer, a mulher – atrai também ensaístas agradáveis, romancistas desonestos, rapazes com diploma de licenciatura em letras; homens sem diplomas algum, homens sem qualificação aparente, salvo o fato de não serem mulheres (WOOLF, 2004 [1929], p. 33).

Perrot (2007) fala da dificuldade encontrada pelo historiador ou historiadora à procura desses vestígios, da escrita das mulheres, pois na construção da narrativa histórica é fundamental o uso das fontes documentais. E o trato com a história das mulheres tem como característica a dificuldade na formação do *corpus* documental. Mas isso não pode ser usado como desculpa para que este trabalho não seja realizado. Perrot (1998) vai além quando fala do fato de que a história das mulheres quando escrita é um empreendimento revelador das mudanças ocorridas no mundo, de uma percepção sobre as mulheres em que elas não são mais percebidas apenas vinculadas à procriação, são pensadas como portadoras de historicidade.

Rago (1995) alerta para a recente inclusão das mulheres nos discursos históricos. E isso ela credita às demandas do movimento feminista e à inserção das mulheres na vida acadêmica. As historiadoras quebraram o silêncio e passaram a escrever a história sobre as mulheres, contudo, a nova produção acadêmica que inseria as mulheres como sujeitos da história, não questionou de fato os papéis e as relações de poder entre os sexos no ambiente acadêmico, mas deu mostras de uma vontade de emancipação da mulher. Margareth Rago nos fala também que, a partir dos anos de 1970, o aspecto da produção historiográfica sobre as mulheres foi pensado pelo viés marxista, então os estudos que se seguiram refletiram muito em relação à opressão masculina e à integração da mulher no mundo do trabalho, realçando a exploração sofrida por ela. Na década de 1980 aparece o que Rago chamou de “uma segunda vertente das produções” acadêmicas sobre as mulheres. Os estudos mostram mulheres transformando seu cotidiano, se opondo à dominação masculina e também à questão de classe. Passaram a questionar a forma como eram representadas na história e assim construíram suas próprias representações. Sobre isto Higonnet (1991) diz:

Mas quanto mais completamente as mulheres se representavam a si próprias ou eram representadas por homens tanto mais problemáticas se tornavam as suas imagens. Nas últimas décadas do século XX as mulheres começaram a afrontar as contradições ou dilemas entre a forma como são vistas e a forma como veem a si próprias (Idem, p. 403).

No Brasil, Rocha (2009) nos lembra que no começo do século vinte, as mulheres não tinham direito à educação formal, o voto feminino era discutido e visto por parte da sociedade como aberração, a mulher dependia dos auspícios do pai ou do marido. Isto me parece motivo importante para a pouca escrita deixada pelas mulheres. Elas deixaram poucos rastros de suas experiências, principalmente as protagonistas desta pesquisa. As sertanejas – que viveram na primeira metade do século XX e participaram do movimento do cangaço –, eram majoritariamente analfabetas. A exceção à regra no bando de Lampião foi Dadá, pois aprendeu a ler pelas aulas de Corisco, que mesmo sendo homem, tinha uma posição diferenciada no grupo por saber ler e escrever.

Essa dificuldade se faz presente na minha pesquisa. Não me faltaram fontes: cordéis, jornais, livros, filmes, mas sinto falta da fala da minha personagem. Como ela não sobreviveu ao cangaço e não deixou escritos, tudo que for falado sobre Maria Bonita será dito sobre o discurso de outrem. São discursos de ex-cangaceiros, ex-volantes, cordelistas, especialistas do cangaço, jornalistas. Essas falas dizem mais deles próprios, seus desejos, sonhos,

preconceitos, paixões do que de Maria Bonita. Do meu lugar de historiadora, também estou construindo um discurso sobre ela.

Na história do cangaço foram também as narrativas sobre os homens as mais difundidas. Da mesma forma que Lampião eclipsou outros cangaceiros, isso se deu de certa forma em relação à maneira como a trajetória das mulheres no cangaço foi pensada pelos autores do tema. Isso fica muito fácil perceber em dois importantes livros que fazem a discussão da história das mulheres cangaceiras. Aliás, livros que uso como referências nesta dissertação: *Lampião, as mulheres e o cangaço* (2012, [1985]) e *Lampião o homem que amava as mulheres* (1997). Os dois têm nos seus títulos o nome de Lampião. Pura ação de propaganda? É bem possível que sim, pois a simples menção ao nome do cangaceiro se constitui em aspecto de maior atratividade para os leitores. Ou seria mostras de uma história do feminino no cangaço subordinada à história de Lampião? Acho que um questionamento não exclui o outro.

3.1. Aspectos da vivência das mulheres nos grupos cangaceiros

Ilsa Fernandes Queiróz, na sua dissertação de mestrado, transformada em livro, trabalha com a trajetória das mulheres no cangaço focalizando na função que as cangaceiras desempenhavam como amantes e guerreiras; e assim intitulou seu livro *Mulheres no Cangaço: Amantes e Guerreiras* (2005), quase o mesmo título que Geraldo Maia do Nascimento deu ao seu trabalho tratando do mesmo tema, mulheres no cangaço, *Amantes e Guerreiras: a presença da mulher no cangaço* (2015). Na apresentação do livro de Ilsa Fernandes Queiróz, João Antônio Monlevade diz:

Os leitores e leitoras certamente vão gostar desse livro, que traduz a dissertação de mestrado e dá continuidade às pesquisas de Ilsa, **aprofundando a ação da SBEC que insiste em realçar, com realismo e objetividade, os papéis de amantes e guerreiras das mulheres cangaceiras.** Não amantes quaisquer, mas mulheres situadas e sitiadas entre o temor, a aventura e o amor. Muito menos guerreiras quaisquer, mulheres que hoje seriam candidatas ao desarmamento... estereotipadas nas fotos com espingardas e cartucheiras. Mas, sim, guerreiras por lutarem contra os preconceitos, contra a discriminação, contra a fome e a sede, fugindo ou enfrentando os que as perseguiam. Sertanejas assumidas, em guerra contra sua subalternidade, a favor de um espaço novo de liberdade (MONLEVADE, 2005, p. 12) (Grifos nossos).

O apresentador do livro ao falar sobre a dissertação de Mestrado de Ilsa Fernandes Queiróz, a subordina ao discurso elaborado pela Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço. Segundo o texto, a SBEC, uma instituição predominantemente controlada por homens, tem a intenção de reforçar a função guerreira das mulheres. Porém, o autor pontua que não seriam essas mulheres guerreiras no sentido atribuído às mulheres marginalizadas do nosso tempo. Mas sim guerreiras do amor, da liberdade. Parece que o prefaciador esquece que no tempo em que viveram no cangaço, as cangaceiras eram vistas como criminosas comuns e que os discursos da época encobriam estas mulheres com o manto da criminalidade. Por que trago mais esta fala masculina? Porque acredito ser importante para pensarmos no papel dessas instituições na produção da história das mulheres no cangaço, pois o prefaciador não esconde o que ele chamou de ação da SBEC no sentido de difundir um discurso em que as cangaceiras sejam mostradas em duas funções muito específicas: de amantes de seus homens e de guerreiras participantes de uma causa justa. A partir disso podemos também pensar questões como a ligação entre o passado e o presente no fazer historiográfico. Pois vemos que é a partir dos anseios do presente que o passado é analisado. Como nos ensinou Le Goff:

Toda a história é bem contemporânea, na medida em que o passado é apreendido no presente e responde, portanto, aos seus interesses, o que não é só inevitável, como legítimo. Pois que a história é duração, o passado é ao mesmo tempo passado e presente (LE GOFF, 1994, p. 51).

A entrada de Maria Bonita no bando de Lampião, em fins da década de 1920 ou começo da seguinte, foi propulsora para que outras meninas e mulheres sertanejas se arvorassem no mundo do cangaço. Foram muitas as mulheres que viveram nos bandos de cangaceiros: Dadá, Sila, Lídia e muitas outras anônimas. Faz-se importante que outras cangaceiras sejam enfatizadas neste trabalho, mas seria muito difícil trazer todas à baila, por isso além de Maria Bonita me deterei a analisar aspectos das trajetórias de vida de Sila e de Dadá. Focando na maneira como as duas entraram no cangaço e perceberam a vida nos bandos.

Cangaceiros como Jesuíno Brilhante, Sinhô Pereira, Antônio Silvino não permitiam que mulheres vivessem nos bandos e essa proibição não se dava só por aspectos práticos, como por exemplo, a aparente fragilidade da mulher e a sua falta de preparação com as armas e com a vida de fugas e violência. A entrada das mulheres não era permitida por conta de crenças religiosas. A mulher, segundo o imaginário religioso dos cangaceiros, poderia trazer para o grupo má sorte, amolecer os homens na luta, enfraquecê-los, “elas representavam um

perigo tanto no plano real como no plano simbólico” (GRUSPAN-JASMIN, 2006, p. 121). Deitar com uma mulher poderia deixar os homens menos afeitos à violência e mais desprotegidos. As rezas fortes seriam quebradas com a presença feminina. Eram muitos os tabus ligados ao sexo feminino:

Bem antes da entrada das mulheres no cangaço, o próprio Lampião impunha aos companheiros todo um ritual cheio de proibições sexuais. Assim era perigoso ter relações sexuais nas sextas-feiras, “dia da morte de Jesus” e na véspera de combates quem tivesse cometido o “pecado da carne” devia emergir nas águas purificadoras do São Francisco, depois das dez da noite, com a cabeça protegida por um chapéu de palha (Idem, p. 229).

A vida dos cangaceiros girava em torno de rituais mágicos, de rezas fortes que na crença deles fechavam seus corpos e os faziam escapar das armas dos inimigos. As orações como as *Das Treze Palavras Dictas e Retornadas*⁶¹ e da *Pedra cristalina*⁶², por exemplo, eram muito usadas, em particular, nos momentos de perigo para o grupo. Andavam com orações dentro de saquinhos junto ao corpo, orações muitas vezes oferecidas por religiosos, medalhas do Padre Cícero e toda a sorte de amuletos protetores. Ao morrer, Lampião trazia no pescoço várias orações. Sobre a religiosidade de Lampião, Ranulfo Prata asseverou:

Finge mais superstição do que possui, com o fim de criar em torno de si atmosfera de mistério e sobrenatural. Traz pendentes do pescoço saquinhos encardidos contendo rezas salvadoras, bentinhos milagrosos, medalhas protetoras e um grande Cristo em ouro maciço, roubado a uma senhora da aristocracia pernambucana (PRATA, 2010 [1934], p. 41).

⁶¹ “Digo uma: Uma é a Caza Santa de Jerusalém onde J.C. Nasceu Duas são as tábuas taboas de Moisés que nosso Senhor Jesus Christo trouxe em seus sagrados pés Três são os 3 cravos que cravaram J.C. na cruz Quatro são os 4 evangelistas; S. João; S. Matheus, São Marcos e S. Lucas.Cinco são as 5 chagas de meu Senhor J.C. Seis são os seis filhos entos (?) da Casa Santa de Jerusalém Sete são os 7 salmos di N. Senhora. Oito são os 8 corpos santos da Caza Santa de Jerusalém 9 são os nove côros de anjo qui para o céu subio 10 são os 10 mandamentos de meu Senhor J.C. 11 são as 11 mil virgens qui estão em companhia de meu S.J.C. 12 são os 12 apóstolos di meu Senhor J.Christo 13 são os 13 reis qui parte tudo e arrebeta assim como eu ei di arrebentar ou partir o coração di fulano ou fulana. Oferecido ai Senhor Livino Ferra di Sou” (Oração retirada de: LIMA, 2014, [1965] p. 219-220).

⁶² “Minha pedra cristalina que no mar foeste achada entre o calix e a hoste consagrada, treme a terra mas não treme nosso Senhor Jesus Christo no altar assim treme os corações dos meus inimigos quando olharem para mim eu tibenzo em cruz inão tu a mim entre o sol ialua i as estrelas as três pessoas distintas da Santíssima trindade meu deus na Travissia avistei meus inimigos meu Deus aqui fasso com elles Com o manto da Virgem Maria sou cuberto e com o sangue de meu senhor Jesus Christo sou valido, tens, vontade de atirar porém não atira sim mi atirar água pello cano da Espingarda correrá si tiver vontade de mifura a faca na mão cahira si mimarrar os nós dizatarão e si mitrancar as portas si abrirão.Oferecimento. Salvo fui salvou sou e salvo serei com a chave do sacrário eu me fecho. Glória aparte iofereço a 5 chagas de Nosso Senhor Jesus Christo”. (Oração retirada de: LIMA, 2014 [1965], p. 211).

Muitas mulheres adentraram no mundo do cangaço através da violência masculina, sendo raptadas por desconhecidos, levadas para os bandos de forma compulsória, outras desejosas de viverem aventuras amorosas ou apenas fugindo da vida comum que levavam, vendo no cangaço uma oportunidade, uma descontinuidade, um destino diferente e desejado. A partir do momento que entravam nos bandos viveriam sem um teto sobre a cabeça, conviveriam com a violência.

Daniel Lins, no seu *Lampião: o homem que amava as mulheres* (1997), pensa sob a perspectiva da psicanálise as relações entre cangaceiros e cangaceiras no interior dos bandos. O livro traz uma visão dos acontecimentos baseada no falocentrismo, assim a ação está toda centrada na figura de Lampião, que, segundo o autor, mesmo sendo um guerreiro poderoso, hesitou em levar Maria Bonita para o cangaço. As mulheres são descritas como dominadas pela sexualidade triunfante masculina.

Saindo um pouco da narrativa do cangaço, o autor analisa a história da beata Maria de Araújo⁶³ e transforma o famoso milagre do Juazeiro, num ato histérico da beata desejosa do sexo. Assim sua relação com o sagrado estava subordinada a um corpo histérico na busca de uma sexualidade interdita. Por que trago a escrita de Daniel Lins sobre a beata Maria de Araújo à tona nesse trabalho? Por achar importante marcar como as mulheres aparecem no texto. Mesmo tendo vivido em uma realidade diferente das cangaceiras, Maria de Araújo era cria dos sertões nordestinos, vivenciou a mesma situação de pobreza, isolamento, preconceito enfrentado pelas mulheres sertanejas. Por certo aspecto, assim como as cangaceiras, ela participou de um momento significativo da história do Nordeste, mas teve seu papel apagado.

O mesmo Daniel Lins comenta que Lampião sentiu receio de esfacular seu mundo de homens. E teve medo da reação dos seus “mininos” – forma como Lampião chamava os cangaceiros subordinados a ele. O que eles achariam dessa ação do seu chefe? Como aceitariam a chegada de uma estranha, do estranho feminino? Lins (1997) diz que o cangaceiro Balão nunca perdoou Lampião pelo seu gesto de incorporar mulheres no cangaço.

Os crimes, a violência, os estupros atribuídos – com ou sem razão – a Lampião, tudo poderia ser compreendido, “perdoado”, porém, a paixão por

⁶³ Maria de Araújo, beata cearense, ficou conhecida porque ao receber das mãos do padre Cícero a hóstia consagrada, esta é transformava em sangue na sua boca. O lugarejo Juazeiro passou a ser ponto de peregrinação de fiéis que acreditavam em um milagre. Os panos sujos de sangue tornaram-se relíquias religiosas. Estes supostos milagres não foram aceitos pela Igreja Católica, depois de intensa investigação feita pela Diocese. Mas a população aceitou. A beata Maria de Araújo, mesmo tendo papel principal no milagre, passou por uma vida de reclusão e apagamento, sendo a figura do sacerdote que ministrou a hóstia, santificada pelo povo, tornou-se importante chefe político e líder religioso da região Nordeste. Cf. NOBRE, 2014.

uma mulher, jamais! A respeito da busca de excelência através da renúncia física do corpo da mulher, na qualidade de instrumento portador de “decadência”, desvirilização e dessacralização do cangaceiro, o padre Cícero Romão, protetor e, sobretudo, *alter ego* de Lampião, disse: será invencível enquanto não houver mulher no bando (LINS, 1997, p. 24).

Se Lampião temeu levar Maria Bonita para o bando, nas narrativas sobre a entrada de Maria Bonita no grupo de cangaceiros não é descrito o medo de Maria Déa em entrar para o bando. Lins (1997) justifica que na maioria das vezes, as mulheres adentravam nos grupos por livre e espontânea vontade, pois na sua visão foram muito poucas mulheres de fato raptadas por cangaceiros. Para esse tipo de afirmação, Lins alega que os cangaceiros não precisavam raptar moças, pois os signos de riqueza que ostentavam já eram o suficiente para fazer com que as mocinhas sonhassem com a vida nos bandos, em possuir e ser possuída por um desses homens ardentes, ricos e poderosos. Assim, o autor vai deslegitimando os discursos que imprimem o uso da violência, do rapto na inserção de algumas mulheres nos bandos. Ele aceita a versão de simulação de raptos que ocorriam no intuito de proteger as reputações das moças envolvidas. E vai desenhando mulheres que deixavam sua vida e família para perseguir um ideal de riqueza e sexualidade.

Lins (1997) percebe o cangaço como um espaço de ascensão social para as moças que se entregavam ao seu modo de vida por livre vontade, era um lugar de reconhecimento, onde deixariam a condição de “desvalidas” para integrarem uma luta. Vemos nesta interpretação que o autor considera o cangaço como lugar de resistência ao modelo de vida da sociedade sertaneja. Mesmo que também perceba os cangaceiros como opressores das mulheres, ele diz que os homens “davam” a essas mulheres lugares no grupo, como se depois da violência houvesse uma concessão na relação entre homens e mulheres no seio do cangaço. A violência seria o meio dessas moças se reintegrarem numa nova sociedade que, ao seu ver, parecia menos opressora às mulheres.

Abandonadas ou entregues aos cangaceiros como mercadorias a serem consumidas, elas encontravam na comunidade não apenas o belo sexo, ardente, “castelo de popa” ou garanhão furioso, mas homens vigorosos, decididos, que amavam a festa e o prazer pelo dinheiro. “Ricos” tinham muito dinheiro, joias, comida, e o mais importante: eles davam às meninas-moças, “camponesas desvalidas”, um lugar no grupo e muita amizade. Uma vez integradas no seio do cangaço, tornavam-se cangaceiras, o que lhes dava uma identidade e um espaço de autonomia, um nome, uma significação (Idem, p. 77).

Lins (1997) também informa que meninas sertanejas eram raptadas ou vendidas em momentos de secas mais severas a soldados volantes, e isso para ele se constituía numa pior sorte do que a de conviver com os cangaceiros, pois o ato de ser entregue pelas próprias famílias para saciar os desejos sexuais dos membros das indisciplinadas tropas volantes deixava essas meninas-moças numa situação de grande humilhação e desespero que descambava muitas vezes para a loucura. Na visão do autor, a vida para as mulheres no cangaço tinha laivos de romantismo não existentes na sociedade sertaneja dita normativa. Por ser um lugar de transgressão de costumes e hábitos, as mulheres e os homens cangaceiros estariam quebrando tabus, construindo uma sociedade onde o riso, o sexo e a festa eram feitos presentes a quase todo o momento. Para ele, o cangaço era um espaço de igualdade entre os gêneros e as mulheres cangaceiras empreendedoras de uma revolução.

Ao considerar a mulher-cangaceira como um ser completo, ao querer partilhar com ela as penas e as alegrias, os cangaceiros exorcizaram o real masculino. A fundação patriarcal perdeu seus sortilégios e a coabitação igualitária inaugurou nas caatingas uma experiência única no planeta macho brasileiro (Idem, p. 117).

Parece haver toques idílicos, nesta visão do cangaço demonstrada por Lins. Não creio que vivessem no estado de euforia descrita no seu livro, como não acredito que essa coabitação tenha sido de fato tão igualitária como o autor afirma, pois a mulher não era vista de fato como uma cangaceira, tanto é assim que as mulheres que ficassem viúvas eram entregues a outro cangaceiro, expulsas do cangaço ou até mortas. Havia o medo de que, caso voltassem para suas famílias, fossem interrogadas pelos policiais volantes que assim poderiam descobrir muitos segredos a respeito da vida dos cangaceiros e suas relações com os coiteiros. O assassinato de Lídia, companheira do cangaceiro Zé Baiano, também é uma mostra de que não havia igualdade entre os gêneros. Pois Lídia tendo sido pega traindo o companheiro é assassinada depois de um julgamento sumário. Com base em depoimentos de ex-cangaceiros que presenciaram a morte de Lídia, Araújo narra:

Zé Baiano ordenou a Demudado e a outro cangaceiro que também acompanhava, que amarrasse Lídia, pois ele iria pensar no que fazer com a mulher. Esta ficaria a noite toda amarrada e no dia seguinte se decidiria sua morte. A moça então caiu em si. Viu o risco de sangue que corria nas garras do amásio ciumento, e implorou para que Maria Bonita a salvasse, que pedisse a Lampião, e ela mesmo rogou pela vida ao rei do cangaço que respondeu-lhe:

- Coqueiro era meu cabra i eu já dei um jeito neli. Oê é di Zé Baiano e eli faiz u qui quizé.

Quando Maria Bonita intercedeu pela jovem, ouviu-lhe mais ou menos a mesma resposta (ARAÚJO, 2012, p. 129-130).

Germana de Araújo (2011) diz ser bastante comum uma interpretação que ela chama de ingênua a respeito de como as mulheres se movimentaram no cangaço. Isso ocorre comumente quando se discute os papéis das mulheres nos bandos, que elas não precisavam desempenhar funções como cozinhar, lavar e que isto dá uma falsa impressão de liberdade. Araújo aponta ainda que: “À falta de voz determinante na resolução dos problemas do bando, como na configuração das estratégias necessárias para a luta pela sobrevivência do grupo, a cangaceira vivia o drama de estar à sombra de seu dono” (Idem, p. 142-143).

Gruspan-Jasmin (2006) afirma que com o ingresso das mulheres no cangaço, a vida dos cangaceiros mudou de forma significativa. Uma nova hierarquia foi construída a partir deste momento, novos laços familiares foram formados. Os cangaceiros passaram a ter uma vida mais sedentária e o cangaço passou a ser encarado por um novo ângulo com a incorporação das mulheres. Chandler (2003 [1980]) e Lins (1997) comentam que jornais do Nordeste deram a notícia: Lampião mantinha um harém. E isto mexia sobremaneira com o imaginário sexual dos polícias volantes e dos leitores de jornal. Percebo assim que essas mulheres foram pensadas desde a primeira vez que foram citadas como pertencentes ao grupo de Lampião, como seres integrantes do cangaço apenas para suprir os impulsos sexuais dos cangaceiros e participar das ações criminais. Assim, elas foram desqualificadas nos textos jornalísticos. Freitas pesquisou e encontrou estas representações das mulheres cangaceiras no *Jornal O Estado de São Paulo*:

O periódico paulista utiliza os seguintes termos para qualificar as cangaceiras: “bandidas”, “amantes”, “megeras”, “companheiras”, “Habéis amazonas”, “Crueis”, “destemerosas”. Tais adjetivos acabam generalizando a criminalidade à toda as mulheres independente do motivo que as impulsionaram às fileiras do banditismo. A postura do período é um indicativo de que não havia elementos para discutir detalhadamente a natureza do ingresso feminino nos bandos (FREITAS, 2005, p. 125).

Outro ponto muito questionado é a motivação das mulheres ao entrarem no cangaço. O que os cangaceiros representavam para essas mulheres? Ao tempo que causavam terror em algumas delas, para outras, os cangaceiros representavam uma vida cheia de aventuras e romantismos, coisas escassas nos sertões, onde o futuro era previsível: casar, ter filhos, passar

por privações, sem nunca conhecer nada além do mundo em que viviam. As mulheres que entraram para o cangaço de forma voluntária inverteram essa lógica e saíram à procura de um novo destino.

Maria Bonita, segundo todos os relatos a que tive acesso, entrou no cangaço por livre e espontânea vontade, diferentemente de Dadá, que foi raptada e estuprada por Corisco aos treze anos de idade. Maria Bonita também não foi raptada como Ilda Ribeiro da Silva, conhecida no cangaço por Sila, companheira do cangaceiro Zé Sereno. Sila foi raptada por Zé Sereno ainda adolescente. No livro *Angicos: Eu sobrevivi* (1997) Sila narra como começou sua história no cangaço. Depois de um primeiro encontro com os cangaceiros Zé Baiano e Zé Sereno, Sila recebeu um recado deste último:

Mandou avisar-me que dentro de quinze dias haveria um baile em determinado lugar, e que eu deveria estar presente, porque dali sairia para viver em sua companhia. Entregue ao meu desespero, vi as horas passarem em branco. Por fim fui colocando os pensamentos em ordem, e já podia refletir. Mas à medida que o tempo escoava, eu não via como mostrar ao cangaceiro que não pretendia ser uma deles. E dizia a mim mesma que melhor seria morrer que viver no cangaço (Depoimento retirado de: SOUZA, 1997, p. 25-26).

Seu medo e sofrimento foram compartilhados com sua família que nada pôde fazer a respeito da determinação do cangaceiro Zé Sereno em levá-la. No dia do baile marcado por ele, Sila tentou aproveitar a festa, se despedir dos seus, pois não sabia de fato o que a esperava. Neném, mulher do cangaceiro Luiz Pedro, foi avisá-la que era hora de partir.

- Agora você vai embora, Sila. Zé Sereno mandou lhe dizer que é pra você ir agora, assim do jeito que você está. Saí com todos, só com a roupa que vestia. Sentia-me como que suspensa no ar, numa horrível sensação de medo, pavor, incerteza e ainda a saudade imensa da minha casa, dos meus irmãos, enfim, de todos. Imaginava o que devia acontecer, se me deixassem no mato, ou em algum lugar que eu não conhecia. Caminhávamos pelo mato afora, todos calados (Depoimento retirado de: SOUZA, 1997, p. 27).

Sila sobreviveu ao massacre de Angicos. Casou com Zé Sereno e permaneceu com ele até a morte deste, no começo da década de 80. Morreu no ano de 2005, depois de escrever alguns livros e dar muitas entrevistas e depoimentos sobre sua passagem no bando de Lampião.

Outra personagem importante para pensarmos na entrada involuntária de mulheres nos bandos de cangaceiros é Dadá. Iremos através da narrativa do filme *Dadá e Corisco* (1996), de Rosemberg Cariri, conhecer sua entrada forçada no cangaço. A ação do filme se dá através da narração de uma mulher, que tem na sua plateia de ouvintes, homens e mulheres pescadores. O cenário é uma praia, a conversa começa com poucos expectadores que aumentam à medida que a história vai sendo aprofundada com os caminhos de Corisco e Dadá pelo sertão. Assim o mar e o sertão são utilizados como metáforas, o sertão é como o mar, misterioso, perigoso, imenso, capaz de causar fascínio e curiosidade. A natureza do litoral e do sertão são também personagens relevantes. A aspereza da ação dos homens se confunde com a aspereza do sertão, suas paisagens cinzentas, o sol forte ressecando os animais, as almas de homens e mulheres. Os bichos rastejando no solo pedregoso estão presentes na encenação do estupro de Dadá, violentada de forma brutal por Corisco, brutalidade que a colocou doente. A violência, porém, é minimizada na narração e até romantizada, sendo o amor colocado como a outra face do ódio da menina. Na versão cinematográfica, Dadá odiou Corisco, mas também o amou ao ponto de tentar defendê-lo da morte. Que Dadá foi representada no filme? Ao meu ver, uma Dadá diversa da construída pela própria. A Dadá do cinema é mostrada como a mulher que sofre por estar no cangaço, ao ver seus filhos morrendo, pede a Corisco para abandonarem o cangaço. Em uma das cenas Dadá faz ajustes em um vestido de Maria Bonita, o vestido cobria o corpo de Maria que ouvia as reclamações de Dadá com ar de impaciência, mais preocupada com sua pele próxima dos alfinetes manuseados por Dadá. Maria Bonita é representada como mulher vaidosa e voluntariosa, acostumada com a vida de riquezas do cangaço, fala com orgulho da recepção que ela e Lampião tiveram em uma cidade do interior, com prefeito, delegado e padre prestando homenagem aos dois. A tristonha Dadá parece inconformada e até mesmo espantada com a forma como Maria encarava o cangaço com alegria, como se fosse ele uma grande festa. Para Dadá, restava apenas a solidão, o medo e a morte constante dos filhos transformados em anjos de uma corte comandada por São Jorge⁶⁴.

No livro *Gente de Lampião: Dadá e Corisco* (2003 [1982]), do pesquisador do cangaço Antônio Amaury Correa de Araújo, que foi escrito após entrevistas com a cangaceira Dadá, que passou alguns meses morando na casa do autor, e também com entrevistas realizadas com outros cangaceiros, o autor assim relata a entrada dela no bando:

⁶⁴ Cf. CORISCO E DADÁ, 1996. Direção: Rosemberg Cariry. Fortaleza: Cariri Filmes, 1996. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XmT6_8ouAIY>. Acesso em: 15 out. 2015.

Corisco violenta a menina. Virgem, Sérgia sofre violenta hemorragia. Fica traumatizada, física e mentalmente. Cria aversão a seu raptor, passa a evitá-lo. Dia seguinte, corpo dolorido, febre e calafrios, é obrigada a seguir viagem. Cai a tarde quando chegam à casa de uma tia de Corisco, dona Vitalina. Apeiam-se Corisco toma a bênção à tia e vai direto ao assunto: quer deixar a menina ali, para que lhe cuidem da saúde. Deixa algum dinheiro e parte, prometendo voltar breve. Sérgia fica ali quase três anos. Corisco foi visita-la várias vezes. Trazia cortes de pano, perfumes, joias e dinheiro. Procurava agradar a pequena. Sussuarana, como a chamava o cangaceiro, odiava Corisco. Quando ele chegava de surpresa o comportamento da menina se alterava: tornava-se retraída, desconfiada. Mostrava claramente desgosto pela presença de seu raptor (ARAÚJO, 2003 [1982], p. 46).

No mesmo livro, uma frase foi escolhida para fazer parte da contracapa, onde está escrito “Dadá valia mais que muito cangaceiro”. Segundo o autor do livro, foi dita pelo cangaceiro Labareda, um dos subchefes de grupo. Percebo na frase que o valor da mulher não está intrínseco no fato mesmo de ser mulher, mas sim de ser uma mulher com atitudes ditas masculinas. Valia mais que um cangaceiro, parece um elogio. No contexto em que foi dito é elogiosa, reflete a elevação da figura de Dadá, mas é uma valorização subordinada à masculinidade. A própria Dadá assumiu o discurso de sua diferença frente às outras mulheres, quando faz isso se distancia do feminino e o coloca num lugar de inferioridade, de fraqueza. “Com exceção de Dadá, nenhuma das mulheres no cangaço tomava parte nos combates, mas elas se afirmavam como companheiras de um cangaceiro” (GRUSPAN-JASMIN, 2006, p. 36). A positividade atribuída a Dadá, sempre direcionada para o masculino, reflete o papel da mulher na sociedade sertaneja, pois como apontei no começo do capítulo, na sociedade sertaneja a masculinidade era ainda mais imperiosamente desejada e necessária.



Figura 02: Corisco e Dadá em fotografia de Benjamim Abrahão, 1936.

Disponível em: <<https://tokdehistoria.com.br/2012/01/21/a-entrevista-de-glauber-rocha-com-ze-rufino-o-matador-do-cangaceiro-corisco/>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

As mulheres quando escolheram o cangaço ou quando foram levadas para essa vida involuntariamente, perceberam que seus papéis não eram mais os mesmos de quando viviam no seio da sociedade sertaneja. Essas mudanças não se deram só no âmbito social, o papel da mulher mudou nas questões ligadas à maternidade e também à feminilidade. As mulheres cangaceiras pariam, mas não maternavam seus filhos, pois o ambiente do cangaço já havia inserido as mulheres, mas nunca foi espaço para crianças, frutos das relações amorosas dos cangaceiros. As mulheres tinham seus filhos, mas se separavam o mais rápido possível de suas crias, deixando dessa maneira de representar o papel social de mães cuidadoras. Deixar de ser mãe, no sentido do cuidado com seu filho subverteu a lógica de uma feminilidade que só seria completa com a maternidade, pois mesmo sendo uma necessidade imposta pela forma da existência do cangaço, as mulheres cangaceiras passaram também a ser representadas dessa forma como mulheres que, em mais um ato de sacrifício pela vida no cangaço, deixavam de criar seus filhos para continuar acompanhando seus homens.

Nos discursos dos pesquisadores do cangaço e nos discursos do cordel, o ato de abandonar os filhos não desabonou a conduta da cangaceira, pelo contrário, fez dela uma mãe heroína que ao se separar do filho dava uma oportunidade de vida para as crianças. É importante pensarmos os sentidos atribuídos à maternidade como uma característica intrínseca do feminino. Pensando na compreensão de Rago:

A valorização do papel da mãe e de um novo ideal de feminilidade, difundido pela sociedade burguesa desde meados do século XIX e, nos meios operários, nos inícios do século o Brasil, tem o objetivo de convencer as mulheres de que elas amam naturalmente seus filhos, de que nasceram para procriar, de que o amor é uma vocação inata, pura e sagrada, e de que seu espaço natural resume-se ao lar. Tudo o mais inscreve-se no campo da anormalidade e recebe o estigma de culpabilidade. Entre a Santa Maria e a Eva, a mulher não teve nenhum espaço permitido (RAGO, 1985, p. 228).

A maternidade não está condicionada ao fato biológico de dar à luz a uma criança, mas a um conceito muito amplo sobre os papéis destinados à mulher na sociedade. A maternidade, assim como o casamento são construídos como objetivos e anseios femininos, um destino natural que ao ser contestado causava espanto e incredulidade. Desde cedo as meninas eram ensinadas a cuidar, cuidar de si, da boneca preferida, depois, os cuidados se estendiam aos irmãos mais novos: nutrir, banhar, acalantar, compreender, preparar chás medicinais, administrar remédios, tocar a pele do outro com as costas das mãos e saber se há ali febre ou não. As mulheres foram construídas tendo suas individualidades esmagadas pela preocupação

com os seus, envolvidas nas lidas domésticas, rezando nas novenas, sempre cuidando e sendo pouco ou nada cuidada. Sobre o papel maternal e doméstico imposto às mulheres, Tedeshi (2012) reflete que o papel destinado à mulher como mãe “rainha do lar”, deu ao feminino um poder simbólico no espaço privado. Mas a afastando do espaço público, o que reforçou ainda mais o poder masculino.

No caso de cangaceiras como Dadá e Maria Bonita, para citar apenas essas duas, que tiveram de deixar seus filhos para continuar no cangaço, a culpabilidade pelo abandono não foi inscrito nas suas histórias. A pesquisadora Ilsa Fernandes Queiróz nos diz: “Sobre a maternidade, não havia uma obrigação da mulher cangaceira gerar filhos para com os cangaceiros; muito pelo contrário, se não os tivesse, melhor, pois seria menor seu sofrimento, tanto durante a gravidez, como no parto e após o parto” (QUEIRÓZ, 2005, p. 61). Mas a maternidade foi usada para humanizar essas mulheres, no sentido da construção de uma imagem de brandura. É famosa a história sobre Maria Bonita ter defendido sua filha da violência de Lampião, que ao se incomodar com o choro da criança, falou em matá-la.

- Mundiça miserável!! Disgramado! E você, seu cego veio da gota! Seu canela de Viado! Num ta vendo que eu não posso andar por causa da criança. Lampião apontou pro recém que chorava e falou:

- Mate isso!

Foi a gota d'água. Maria partiu enfurecida na direção do companheiro e quebrou a cabaça com água na sua cabeça. Lampião e todo o bando caíram na gargalhada (LIMA, 2011, p. 62-63).

3.2. “Maria de Dona Déa”, “Maria Déa”, “Maria de Zé de Neném”, “Maria do Capitão”

Apreciou os pássaros e seus cantos, seguiu borboletas, colheu lenha, acendeu fogo, cozinhou, apagou chamas. Sentiu dor, talvez mais que muitos de sua geração. Perdoou, consolou. Olhou da janela, divisou alazão que voava nas veredas infindas, trilhou caminhos quase sem volta. Viveu momentos, muitos momentos, caminhou muitas léguas, várias tiranas, teve medo, engravidou, teve filhos, nos matos bravios da caatinga. Se embriagou com os aromas da fauna sertaneja, fragrâncias únicas. Se feriu, nos tantos espinhos, filetes de sangue a manchar-lhe a pele, a pele morena, morena tão bela. Sarou feridas, criou cicatrizes. Sentiu saudades, essas muito mais que todos
(LIMA, 2010, p. 46)

Maria Gomes de Oliveira nasceu no dia 08 de março de 1911, na fazenda Malhada da Caiçara, município de Glória, hoje Paulo Afonso, Bahia. Ter nascido no dia 08 de março,

comemorado como o Dia Internacional da Mulher é mais um detalhe usado na sua significação de mulher sertaneja, guerreira, forte, desafiadora dos preceitos de seu tempo. Em artigo escrito sobre as cangaceiras, o autor Leandro Fernandes traz que é a partir da data de nascimento de Maria Bonita que as outras mulheres do cangaço são homenageadas:

Desta forma, no Dia Internacional da Mulher, fica a lembrança destas guerreiras do sol quente que, empurradas para a garganta do cangaço, calçaram as alpercatas, pisando firmemente as veredas ínvias dos sertões, imortalizadas pelos cordelistas e violeiros. Enfrentaram, com lágrimas nos olhos e muitas coragem, todas as agruras, ao lado de seus maridos (FERNANDES, 2010, p. 22).

Maria Gomes de Oliveira, “Maria de dona Déa”, “Maria Déa”, “Santinha”, “Maria do Capitão”, foi mulher de muitos epítetos e de muitas histórias. Seu nome aparece sempre atrelado ao de alguém. Primeiro era Maria, mas Maria de Dona Déa, pertencendo à sua mãe, algo comum no sertão nordestino e que facilitava a identificação das pessoas, os nomes dos filhos estavam muito ligados aos de suas mães. Alguns testemunhos afirmam que ao entrar no cangaço, Lampião renomeou sua companheira e a partir daí passou a ser chamada de Santinha. Lins (1997) fala desta nomeação e vê nela não apenas uma questão estratégica para dificultar a identificação da mulher que estava com ele, mas sim uma tentativa de construir para sua mulher uma nova identidade, onde sua vida anterior fosse esquecida. Podemos pensar também num esforço por parte de Lampião de cobrir com esse nome os atos cometidos por Maria Bonita para viver com ele, atos considerados levianos e indignos de uma mulher honesta. Pois não podemos deixar de pensar que indo viver com um cangaceiro, Maria Déa quebrou o laço sagrado do matrimônio, portanto, era considerada pela sociedade como uma adúltera.

Os testemunhos dão conta que Maria Déa vivia um casamento infeliz, marcado por brigas, com seu primo legítimo, o sapateiro Zé de Neném, por isso, enquanto esteve casada era conhecida como Maria Neném. Segundo muitas elaborações, Zé de Neném era considerado pela esposa como covarde e fraco e que o fato de não ter dado filhos à sua mulher era mais uma demonstração dessa fraqueza moral e física. Até uma suposta homossexualidade é colocada no meio das suposições:

O problema é que, além de ser pessoalmente sem graça – até desdentado ele era –, Zé de Neném não desempenhava bem o seu digamos assim, papel de marido. Quase nunca procurava a jovem esposa e ainda parecia muito mais fazê-lo para cumprir a obrigação do que propriamente por apreciar a

companhia da mulher. Maria Deia chegou a pensar que, na verdade, ele gostava mesmo era de homem e só tinha se casado para disfarçar a preferência. Ela fantasiou muitas vezes se entregar a outros ao longo daqueles sete anos de casamento, mas nunca teve coragem. Pois agora Zé de Neném teria uma boa lição: ninguém menos que Lampião, o cabra mais corajoso, famoso e cobiçado de todo o sertão, estava interessado nela. Quem era Zé de Neném perto de Lampião? Ninguém (OLIVEIRA, 2012, p. 143).

Os relatos que dão conta da fraqueza de Zé de Neném e da força de Lampião tiram de Maria Bonita o poder de decisão de sua ação, estava dividida entre um fraco e o forte e na condição de mulher, teria escolhido o homem mais poderoso e sexualmente ativo que poderia talvez lhe dar filhos. Essa narrativa atenua e justifica, frente ao julgamento dos autores, a dissolução do casamento de Maria Déa. Novamente seus atos são atrelados aos homens, pois teria sido a fraqueza do marido que a impulsionou a seguir o bando de Lampião.

Chandler (2003 [1980]) conta que depois de uma das muitas separações de Zé de Neném, Maria Déa deixou sua casa e foi buscar o apoio de sua família na fazenda Malhada da Caiçara. Lá conheceu Lampião, homem por quem ela nutria uma forte admiração alimentada das histórias contadas sobre o cangaceiro. No momento em que se conheceram, Maria Déa tinha 20 anos de idade e Lampião 33. Segundo o autor, houve por parte de Lampião uma paixão à primeira vista, pois a beleza da mulher o encantou. Assim Chandler (2003 [1980]) descreve Maria Déa: “Tinha o tipo físico da mulher sertaneja, baixa, bem recheada, com bons dentes, olhos e cabelos escuros, pele morena clara e era atraente” (Idem, p. 203).



Figura 03: Foto da reportagem do *Diário de Pernambuco*.

Disponível em: <<https://tokdehistoria.files.wordpress.com/2011/08/figura2.jpg>>. Acesso em: 12 ago. 2016.

A reportagem intitulada “*Maria do Capitão*” – *Madame Pompadour do cangaço*, veiculada no *Diário de Pernambuco* no dia 17 de fevereiro de 1937 não é a primeira em que Maria Déa é citada. Mas é a primeira que traz a figura da companheira de Lampião como protagonista, numa tentativa de levar aos leitores maiores informações sobre a cangaceira e qual sua real ascendência sobre Lampião. Os registros fotográficos feitos por Benjamin Abrahão⁶⁵ foram alvo da curiosidade da imprensa em geral. E o *Diário de Pernambuco* tendo acesso à imagem da mulher de Lampião tratou logo de fazer a reportagem que, no seu primeiro parágrafo, dá o tom jocoso à figura e à pose que a “*Maria do Capitão*” faz para o fotógrafo: “Teem ahi os nossos leitores uma pose feita com toda dignidade cinematográfica de uma Greta Garbo, pela famigerada Maria Oliveira, vulgo ‘*Maria do Capitão*’, companheira do famoso bandoleiro “*Lampeão*”⁶⁶. Agora ela era também a famigerada Maria Oliveira, herdava assim de seu companheiro o mesmo tratamento dado pelos jornais ao famigerado Lampião. Não era só através da fotografia que a reportagem falava sobre a *Maria do Capitão*, uma espécie de *Madame Pompadour* do reino da caatinga. Através das histórias contadas por Benjamin Abrahão, a *Maria do Capitão* é descrita como a única pessoa que tinha influência sobre o capitão, mas raramente o demovendo de suas violências.

A pequena reportagem termina assim: “Os asseclas de ‘*Lampeão*’ rendem-lhe as mais servis homenagens, tudo fazendo para não cair no desagrado dessa ‘*Madame Pompadour*’ do cangaço, senhora de barão e cutelo dos sertões nordestinos”⁶⁷. O barão, uma cordinha fina que servia para enforcar, o cutelo arma que poderia infligir ferimentos graves e matar. Assim, *Maria do Capitão* foi mostrada como uma mulher despótica, violenta, uma *Madame Pompadour*, mas sem o requinte da outra que viveu na corte francesa do Antigo Regime.

3.3. *Maria Bonita: os discursos da beleza e sedução*

Indo contra as superstições e as práticas dos cangaceiros mais antigos, Lampião contribuiu para que o cangaço se transformasse também em espaço de acolhimento das

⁶⁵ Benjamin Abrahão chegou do Líbano no ano de 1915, fugindo da convocação para a Primeira Guerra Mundial, já que o Líbano era parte do Império Turco Otomano. Por diversos caminhos chegou a Juazeiro, fez-se secretário particular do padre Cícero. Em 1926, conheceu Lampião na famosa visita do cangaceiro ao padre Cícero. Depois da morte do padre, Benjamin Abrahão passou a empreender o projeto de filmar e fotografar o bando de cangaceiros comandados por Lampião. Patrocinado pela empresa Aba filmes, com sede em Fortaleza, que cedeu material fotográfico. Colhendo informações com coiteiros, encontrou Lampião juntamente com o bando em 1936. Lampião concordou em ser fotografado e filmado, inclusive simulou combates e mostrou para as câmeras o cotidiano de reza, danças e a forma como comandava seus homens. Cf. MELLO, 2012b.

⁶⁶ Jornal *Diário de Pernambuco*, 17 fev. 1937.

⁶⁷ Jornal *Diário de Pernambuco*, 17 fev. 1937.

mulheres. Levou, introduziu, deixou, permitiu, aceitou as mulheres nos bandos. Palavras portadoras de poderes atribuídos ao ato de Lampião. Nestes discursos, foi a sua decisão, a sua ação que transformou o cangaço em espaço também do feminino.

Havia a vingança, a aventura, a violência, mas com a entrada das mulheres passa a haver romance, sexo, amor como novos elementos que deram ao cangaço uma dimensão amorosa, nascedouro de um discurso de humanização dos cangaceiros. Lampião surgiu como um guerreiro apaixonado, enfeitiçado por uma beleza feminina e até certo ponto dominado por ela. Ao encontrar Maria Déa, Lampião deixou de ser pensado apenas como um guerreiro sanguinário.

Quaisquer que tenham sido as verdadeiras circunstâncias desse encontro, todas as narrativas, poemas e testemunhos concordam em dizer que Lampião, a partir da sua ligação com Maria Bonita, tornou-se herói de um romance de amor, acrescentando outra faceta à sua personagem, simultaneamente guerreiro sanguinário e amante apaixonado (GRUSPAN-JASMIN, 2006, p. 130).

A decisão de Lampião em levar mulheres para o cangaço não foi interpretada pelos escritores contemporâneos aos fatos, como algo pautado em romantismos. Em alguns discursos – cito aqui o de Ranulfo Prata (2010 [1934]) –, atribui-se simplesmente à sexualidade exagerada do cangaceiro o ato de levar mulheres para o cangaço.

Já as versões dos cordelistas sempre trazem a paixão de Lampião, que não resistiu aos encantos da sertaneja, moça e bonita. Todas essas versões combinam em afirmar que foi Maria Déa quem tomou a iniciativa de conhecer e de partir com Lampião, mostrando, que, nesse momento da vida ela tomou uma decisão por conta própria, não foi levada à força.

Muitas são as versões para o encontro de Lampião e Maria Déa, versões que estão nos diversos livros sobre o tema do cangaço e nos cordéis. Muitas também são as indagações sobre essa personagem e sobre o romance que protagonizou junto com Lampião. Segundo Daniel Lins (1997), Maria Bonita é um mito e esse mito é coletivo. Neste sentido ele afirma que: “Ora, a paixão segundo Maria Bonita e Lampião, criada, pensada e vivida por indivíduos como um sonho e como um mito é assumida por uma coletividade que não só veicula o mito, mas se apropria do próprio mito” (Idem, p. 56). Por isso, o romance do cangaço passa incólume pelo tempo, despertando atenções, servindo como inspiração para os cordelistas, cantado em prosa e verso, servindo como enredo para filmes, séries de televisão, livros e todo

tipo de produtos. Dificilmente se vê a imagem de Lampião desassociada da de Maria Bonita e vice-versa.

Ao encontrar Maria Déa nos sertões baianos, Lampião, como vimos, já estava inserido na vida cangaceira há pelo menos doze anos, mas esse curto período de oito anos foi o mais marcante na história do cangaço. Acredito que isso seja reflexo da entrada das mulheres no bando, fato que muito contribuiu para aumentar a curiosidade sobre o cangaço e os cangaceiros. Dessa forma, o guerreiro, o violento cangaceiro também passou a ser um homem apaixonado. Em alguns folhetos de feira, Lampião era exaltado como um justiceiro, um homem que entrara no banditismo contra a vontade, vítima do destino que fez dele o vingador de toda a gente sertaneja que não encontrava quem os protegessem. Era esse o Lampião que Maria Déa conhecia e por quem nutria admiração, um homem completamente diferente do seu marido, que na fala dos autores aqui analisados era um simplório sapateiro, que nunca soube nem saberia proporcionar um mundo repleto de encantos e luxos. Nos discursos, Lampião teve poderes afrodisíacos sobre Maria Déa.

Maria Bonita figura como a mais famosa e principal mulher do cangaço, teve apenas na existência de Dadá como outra cangaceira tão conhecida. “Maria Bonita é talvez, com Dadá, a mulher de Corisco, a personagem feminina mais emblemática do cangaço” (GRUSPAN-JASMIN, 2006, p. 121). Por ter sido mulher de um cangaceiro muito afamado, o olhar dos outros, dos jornalistas, dos policiais volantes e dos poetas populares a teriam colocado no lugar de rainha do cangaço, pois para ser rainha foi necessário ser escolhida por um rei. Rei cego, violento, cangaceiro, rei de uma terra pobre, isolada e causticante. Pelo poder da força conseguiu amealhar alguns súditos para seu reino. Assim Araújo (2012) fala sobre Maria Bonita:

Foi sem dúvida, a figura mais conhecida, comentada, divulgada, valorizada, adulada e elogiada, dentre todas aquelas mulheres que viviam com cangaceiros. O fato de ser amante do chefe supremo dava-lhe tal privilégio. Não se destacava das outras por nenhum atributo físico em particular, e nem por algum sentimento humano superior que pudesse lhe dar uma aura de bondade acima da média de companheiros e companheiras (ARAÚJO, 2012, p. 162).

Os motivos que levaram uma mulher a deixar uma vida de relativa segurança (já que o sertão não oferecia a verdadeira segurança, sempre exposto à violência e à seca), para entrar numa situação de insegurança total, sendo perseguida por governos de diversos estados, por inimigos que ela mal conhecia, inimigos que vinham homens recebendo soldo no principal

intuito de vencer o grupo do homem com o qual compartilharia a vida, causou estranhamento em todos que ouviram sua história. Maria Bonita entrou numa luta de ódios, levou a paixão, o sexo e algo parecido com um casamento para dentro da caatinga. Para Gruspan-Jasmin (2006), o amor de Maria por Lampião não surge através do homem e sim da vida que aquele homem poderia lhe proporcionar. Para ter liberdade, Maria Déa teria que participar da violência.

Por amor a Lampião, mas também, segundo alguns, pelo gosto de uma vida livre e venturosa, Maria Bonita não hesitou em abandonar sua terra, seu marido e sua família para viver ao lado do homem que escolhera (GRUSPAN-JASMIN, 2006, p. 125).

Nestes termos, a paixão de Maria Bonita e Lampião tomou dimensão heroica pela mão dos cordelistas e dos estudiosos do cangaço. Os autores sempre dão ao sentimento de Maria Bonita por Lampião, e dele por ela, um caráter de algo irresistível e inexorável. Segundo alguns autores, entre eles Daniel Lins (1997), Lampião tentou resistir aos encantos da moça da Malhada da Caiçara. Para esse autor, Maria Bonita deu a Lampião um novo sentido para sua vida. Lampião vivia em uma estrutura violenta, não sabia nada sobre o amor, disso nasceu seu sofrimento ao se apaixonar por Maria. Ao apaixonar-se, Lampião elegeu o amor como prioridade. Seus “mininos”, os cangaceiros subordinados a ele, e a luta que empreendiam não eram mais as únicas preocupações de Lampião. E isso o fazia sofrer, apaixonar-se poderia enfraquecê-lo, enfraquecer seu grupo, até mesmo acabar com seu bando. Sobre isso Lins (1997) relata: “Durante um ano Lampião se ‘escondeu’ de Maria Bonita. Ele não queria ‘ofender’ seus companheiros, nem ‘trair’ sua confiança” (Idem, p. 37). Como vimos, a entrada de mulheres nos bandos era algo cercado de tabus e preconceitos. Ao decidir levar Maria Bonita, Lampião quebrava uma estrutura que até então só havia aceitado os homens.

O amor de Maria Bonita também é justificado por conta de sua insatisfação no casamento com seu primo Zé de Neném, que aparece nas narrativas sempre como um homem inferior frente a Lampião, guerreiro poderoso. Já Zé de Neném figura como homem que aceitava os caprichos da mulher. Assim, ao enfraquecer a personalidade de Zé de Neném, os autores legitimam a escolha de Maria Bonita por Lampião. Portanto, Maria Bonita, ao deixar Zé de Neném por Lampião, estava governada pelo sentimento da paixão e do amor. Essa é a versão do imaginário que elegeu o encantamento entre os dois como principal motivador da quebra de regras tanto da parte de Maria como da parte de Lampião. O mesmo autor, que traz à tona a suposta traição de Maria Bonita a Zé de Neném, tenta reabilitá-la quando diz:

Não se pode negar que a Maria Bonita de Lampião não era a Maria Déa da Malhada da Caiçara, não era a Maria de Zé de Nenén, não era a amante de João Maria. Agora devotada e completamente voltada para o amor de seu homem. Maria se tornou a extraordinária amiga, a grande companheira, a mulher que guardava o mais absoluto respeito pelo seu amante. Ficou provado que esta atitude da baianinha de Santa Brígida, não foi gerada pelo medo ou pela fama do grande cangaceiro e sim pelo amor, pelo carinho e pelo respeito que sempre lhe dedicou (COSTA, 2011a, p. 126).

Nesta elaboração, com a entrada no cangaço Maria deixou de ser a mocinha dita frívola, a esposa adúltera e tornou-se a amante companheira, confidente, dona do destino de seu homem, mulher merecedora do título de Rainha do Cangaço. Assim percebemos que nestes discursos, as mulheres podem mudar suas personalidades, para se encaixar na vida de um homem. Além de fazer Maria Déa renascer sob a figura apaixonada e respeitável de Maria Bonita, o autor dá uma dimensão heroica ao amor dos dois, uma parceria pautada na confiança, pois um homem que vivia escondendo-se dos inimigos, não poderia confiar sua vida a uma mulher como a antiga Maria Déa, agora renascida no cangaço como Maria Bonita.

Para Mello (2012a), Maria Bonita era uma parte do corpo de Lampião, ajudando-o com o peso da própria vida e das cargas que levavam:

Como poderia ainda o Rei do Cangaço, por cima de tudo, quanto vimos, honrar o lastro-ouro de sua fazenda real, da ordem de 5 kg, costurado ou cravado por todo o equipamento, o restante jazendo nos bornais – correntes, anéis, moedas, lapiseiras, tabaqueiras, tesoura de aparar charuto, relógio de algibeira, botões de punho e de colarinho, cacos de joias, tudo no metal nobre, embora em quilates variados – **sem se valer do concurso confiável e da resistência jovem de Maria Bonita, a um tempo mulher e escudeira exemplar de seu homem?** (MELLO, 2012a, p. 146) (Grifos nossos).

Os relatos trazem que ela era a única pessoa no bando que poderia dominar Lampião, pois com sua meiguice adoçava-lhe o espírito combativo. Assim, a bela Maria acalmava o valente Lampião: Suas palavras e jeito doce eram cheios de ternura. “E, passando as mãos pelos seus cabelos, alisava-os carinhosamente, pedindo calma” (COSTA, 2011a, p. 126).

Dessa forma, o autor define o papel feminino e masculino. A mulher doce, incapaz do arrebatamento, da violência, com sua calma e talento para a paz conseguia pelo amor controlar os instintos violentos dos homens, sempre prontos para a guerra, mas também prontos para se deixarem seduzir pelos encantos femininos. Essa suposta vocação amorosa das mulheres que encontrou expressão em Maria Bonita é descrita pelo autor quando diz: “Foi

Maria Bonita, sem dúvida, o maior símbolo do amor e dedicação em toda a história cangaceira” (COSTA, 2011a, p. 126).

Souza (2001) relata quais foram os motivos que fizeram Lampião levar uma mulher para o cangaço. O autor relembra que Padre Cícero e Sinhô Pereira foram contrários ao ato de Lampião que ao escolher Maria Bonita estava indo até contra as palavras de Deus, pois segundo as escrituras sagradas, “a mulher é a verdadeira perdição do homem” e para justificar o poder de Maria Bonita sobre Lampião ele diz: “A feminilidade de Maria Bonita foi mais forte que os conselhos do Patriarca do Juazeiro Padre Cícero Romão Batista” (SOUZA, 2001, p. 111). Ao falar em feminilidade, o autor aponta um aspecto que vai além da beleza, traz um traço de personalidade que é muito presente no imaginário sobre as mulheres cangaceiras. Até mesmo Sila, que contou em diversos livros que foi raptada por Zé Sereno, é assim retratada no livro *Lampião Comandante das Caatingas*: “Sila, que aos treze anos deixou toda a família para trás e foi viver com seu grande amor, o cangaceiro Zé Sereno, nas brenhas do sertão, sem lugar para chegar” (Idem, p. 112-113). As palavras de Sila não foram ouvidas, o autor preferiu romantizar uma violência. As mulheres cangaceiras são imaginadas como mulheres mais amorosas, prontas a se sacrificarem pelos seus homens.

Maria Bonita provocou olhares de admiração, de desejo, foi alvo de escrita libidinal, o ódio de alguns, a vontade de desmentir sua beleza, de humilhar o retrato, de lhe roubar o belo pelo discurso, assim como um dia lhe roubaram a vida. Seu corpo era imaginado como um corpo prenhe de sexualidade. Os soldados volantes imaginavam a carnação jovem e morena da mulher do inimigo rei do cangaço.

Vigarello (2006) diz ser o gênero feminino valorizado pela beleza e também cobrado em possuí-la. Ser bela parecia o maior anseio e a mais importante das virtudes femininas, não uma beleza que afrontasse os bons costumes, mas uma beleza casta, pura. A beleza feminina é desqualificada quando está carregada de uma conotação sexual, pois assim ela deixa de ser controlada. A beleza exaltada pelos poetas românticos, por exemplo, era a da mulher pálida, fria, morta e doentia. A beleza quente, sensual, colorida de maquiagem, de corpo ágil, de um corpo desejoso de prazer era logo atribuída à vulgaridade, à prostituição. Sobre o tipo de beleza feminina desejada na sociedade patriarcal brasileira, comenta Freyre:

Também é característico do regime patriarcal o homem fazer da mulher uma criatura tão diferente dele quanto possível. Ele, o sexo forte, ela o fraco; ele o sexo nobre, ela o belo. Mas a beleza que se quer da mulher, dentro do sistema patriarcal, é uma beleza meio mórbida. A menina de tipo franzino, quase doente. Ou então a senhora gorda, mole, caseira, maternal, coxas e

nádegas largas. Nada do tipo vigoroso e ágil de moça aproximando-se da figura de rapaz. O máximo de diferenciação de tipo e de traje entre os dois sexos (FREYRE, 2000, p. 125).

Ser bela poderia render um bom casamento, por isso as mocinhas se inscreviam nos concursos de beleza, ficavam como manequins numa vitrine de exibição. A beleza era um dom que deveria ser cuidado, garantia de felicidade efêmera, visto que a formosura feminina logo acabava com a idade e as gestações, pois o discurso do belo na mulher está ligado à juventude, ao viço da pele, a luminosidade do sorriso, a certa ingenuidade. A tão propalada importância dada à beleza feminina, segundo Vigarello (2006) surge no Renascimento. A mulher que era demonizada na tradição medieval, passou a ser vista pelos aspectos concernentes à beleza, assim apareceu na iconografia como símbolo maior do esteticamente belo. Socialmente seria como um primeiro momento de reconhecimento, um reconhecimento que deixou de fora quem não possuísse o modelo de beleza imposto em cada época.

Maria Bonita, mulher que entrou para a história carregando o adjetivo de bonita ao nome Maria, nome feminino por excelência, nome da mãe de Cristo, nome da prostituta mais famosa da história; Maria, a Madalena, que depois se arrepende e vira santa, nome de muitas mulheres brasileiras, sertanejas: Maria de Lourdes, de Fátima, da Paz, dos Anjos, Maria Bonita. O bonita do nome remete a uma beleza alvo de muitos debates. As imagens feitas por Benjamim Abrahão mostram Maria Bonita fazendo pose para as lentes do fotógrafo com ou sem Lampião, acompanhada de outros cangaceiros como Sabonete, Luís Pedro; em outras imagens aparece com os cachorros do grupo. Essas fotografias de Maria Bonita servem muitas vezes como exemplo para os escritores que falam do cangaço dizerem que ela era realmente bonita. As imagens mostram os cangaceiros dentro da caatinga, vestidos como o costume, mas fazendo pose, pois sabiam que essas fotos certamente seriam mostradas nos jornais da época⁶⁸.

⁶⁸ Ao permitir que Benjamin Abrahão fotografasse seu grupo, Lampião estava forjando uma imagem de força e poder para si mesmo. Sabia que aquela seria sua representação nos jornais.



Figura 04: Lampião e Maria Bonita em fotografia de Benjamim Abrahão, 1936.

Disponível em: <<http://www.adustinaadsa.com/2016/01/fotos-rarissimas-e-tudo-sobre-vida-e.html>>. Acesso em: 22 mai. 2016.

Na foto, Maria Bonita aparece vestida com esmero, sentada, portando suas joias, posando ao lado de Lampião, que surge lendo um jornal da época. Lampião está segurando o jornal e podemos perceber pela imagem que ele mostra para a câmera uma mulher vestida com roupa de banho. Ele faz questão de exibi-la. Sobre as poses feitas por Maria Bonita e por outras cangaceiras, Freitas diz:

As fotografias expressam esteticamente como as cangaceiras queriam ser lembradas ou perpetuadas, e o tipo ideal de mulher com o qual queriam ser identificadas. Isso fica explícito nas fotografias produzidas em espaços abertos da caatinga, na qual algumas cangaceiras reproduziram a postura e o gestual das mulheres da elite rural/urbana, como se estivessem posando em estúdios consagrados (FREITAS, 2005, p. 144).

Outro meio de se interrogar sobre a aparência de Maria Bonita é o depoimento dos que a conheceram, mesmo que esses depoimentos sejam controversos, já que muitos não atribuem à Maria Bonita a beleza que surge citada nos livros por alguns autores que escrevem quase num arrebatamento de paixão sobre ela. Araújo (2012 [1985]) colheu depoimentos de pessoas que conviveram com Maria Bonita, antes dela ser cangaceira e depois de entrar para o cangaço, para escrever o livro *Lampião as Mulheres e o Cangaço*. Nesse livro, o maior capítulo é o dedicado à Maria Bonita e discute a sua aparência. O autor nos apresenta Maria Bonita na idade em que conheceu Lampião, defendendo que “Teria ela nessa ocasião dezoito anos, morena, cabelos pretos, rosto mais para o redondo, nariz proporcional e bem feito,

lábios cheios em boca de dentes perfeitos, pernas grossas. O traseiro batido segundo Balão” (ARAÚJO, 2012, p. 73). Segundo essa elaboração, Maria Bonita possuía todos os atrativos para seduzir o chefe dos cangaceiros, sua aparência resplandecia beleza, feminilidade e juventude necessárias para fazer Lampião quebrar as regras tácitas de não aceitar mulheres no cangaço. Nesses discursos, tudo leva a crer que no imaginário sertanejo um homem como Lampião, poderoso, jovem e rico, não iria escolher para si uma mulher que não fosse a mais bela entre as belas. Desse imaginário da beleza da mulher de Lampião teria surgido o nome (Maria Bonita)⁶⁹, que foi propagado dentro das volantes mais para o final do cangaço. Porém, nem todas as opiniões sobre as cangaceiras são no sentido de dignificá-las. Maria Bonita, por exemplo, foi também agredida por meio de textos. Joaquim Góis, que diz tê-la conhecido pessoalmente, fala de Maria Bonita de forma agressiva e preconceituosa, tirando dela qualquer qualidade. Mesmo quando é para desmistificar, Maria Bonita não é tratada com indiferença, até seus inimigos se sentem fascinados de alguma maneira por ela. Querendo mostrar que não estava fascinado por sua imagem, Joaquim Góis, paradoxalmente, a reforça na tentativa de desmenti-la. Ele parece não saber o que fazer com ela. Sobre a aparência de Maria Bonita, Joaquim Góis diz:

E, ao seu lado uma cabocla apagada, rosto de linhas inseguras, olhar vago e fugidio, corpo solto no desalinho e no mau gosto do vestido barato, de chita ordinária, marcado de cores berrantes, costurado a moda de como costuram as mulheres de fim de rua das cidades pequenas. Pés grandes, esparramados, dentro de suas sandálias grosseiras, e rosto comprido, moles, desbotados; mãos de unhas sujas (...), duas argolas velhas de couro duvidoso caíam-lhe das orelhas (...); pescoço curto, queixo atrevido, boca carnuda escondendo desejos; lábios corados com uma fruta entreaberta, pedindo carícias; seios bambos, caídos, quadris batidos, pernas fortes, sem a beleza de um sorriso meigo (...) De mulheres vulgares como Maria de Déa, está cheio este sertão de meu Deus (GÓIS, 1966 apud LINS, 1997, p. 58).

Ao mesmo tempo em que mostra Maria Bonita como uma mulher sem atrativos e sem beleza, Góis atribui a ela anseios corporais. Dessa forma, ele se apodera do seu corpo, imagina uma boca com desejos escondidos, lábios que pediam carícias. Coloca nessa fala seu próprio imaginário sexual. Essa fala contra Maria Bonita é desacreditada pelos autores analisados nesse trabalho. Todos são categóricos ao afirmar que Joaquim Góis estava tomado de despeito e preconceito, preconceito não muito diferente dos eugenistas que preconizavam a

⁶⁹ Até hoje não se chegou a um consenso de como tenha surgido o nome Maria Bonita, sabe-se pelos testemunhos de ex-cangaceiros que a mulher de Lampião não era tratada por esse nome dentro do grupo.

beleza feminina, elegendo o belo e o não belo: “Eugenistas como Renato Kehl criticaram as mulheres de ‘seios caídos’, ventres flácidos e volumosos, pernas curtas e ‘aparência mestiça’ (SANT’ANNA, 2014, p. 62). Os mesmos preconceitos do eugenista são também os preconceitos presentes na fala do soldado volante Joaquim Góis.

Para desmentir Joaquim Góis, João de Sousa Lima diz que “as filmagens e fotos realizadas por Benjamin Abraão são registros que comprovam que Maria Bonita não era uma cabocla apagada. Fica fácil em uma análise visual, observar os traços do rosto, a perfeição dos lábios, os contornos da perna” (LIMA, 2010, p. 28). Sobre os autores que, como Joaquim Góis, falaram das mulheres cangaceiras e de Maria Bonita de forma desfavorável, Daniel Lins comenta:

Ao tentar descrever a “sociologia” das mulheres no cangaço, certos autores vão vomitar seus próprios demônios, acordar seus medos infantis, numa narração que confirma um etnocentrismo radical e a fobia à mulher como corpo e sexo perigoso, néctar misturado ao veneno (LINS, 1997, p. 194).

Mas o que é a beleza? Por que é tão cobrada das mulheres? Wolf (1992) faz essas e outras perguntas e nos diz que a propaganda beleza feminina é mais uma forma de controle social, aprisionando as mulheres no desejo de se fazerem belas e cobiçadas. Sendo uma das causas do sofrimento feminino ao impedir a libertação das mulheres, presas fáceis das cirurgias corretivas, das dietas mirabolantes, de condutas exigidas de forma acintosa por uma sociedade marcada pelo culto a uma beleza que se modifica com o tempo, mas que quase sempre deseja os padrões inalcançáveis às mulheres. As mulheres perecem sempre na busca de construir uma imagem de si que passe uma mensagem para o mundo, esperam com isso atender a expectativa de outros em torno de sua condição física e de seus atributos morais.

Wolf afirma ainda que as mulheres venceram imensos obstáculos no seio da sociedade. Os mitos da domesticidade, da maternidade, da castidade e da passividade, foram sendo derrubados um por um. Mas surgiu um mito que se interpôs a todos os outros e este com maior potencial destrutivo e de paralização das ações femininas, tirando poder das mulheres, fazendo com que o mundo e, mais importante, nós mesmas, nos sintamos sempre inadequadas com nossa forma física.

O mito da beleza tem uma história a contar. A qualidade chamada “beleza” existe de forma objetiva e universal. As mulheres devem querer encarná-la, e os homens devem querer possuir mulheres que a encarnem. Encarnar a beleza é uma obrigação para as mulheres, não para os homens, situação esta

necessária e natural por ser biológica, sexual e evolutiva. Os homens fortes lutam pelas mulheres belas, e as mulheres belas tem maior sucesso na reprodução. A beleza da mulher tem relação com sua fertilidade; e, como esse sistema se baseia na seleção sexual, ela é inevitável e imutável (WOLF, 1992, p. 15).

Wolf diz isso para em seguida nos contar que toda essa história de reprodução, fertilidade, e “beleza” como sendo necessária para a evolução é mais uma das mentiras que esse mito tem a nos contar. A verdade é que a “beleza” é um valor, um capital. “A beleza é um sistema monetário semelhante ao padrão ouro” (Idem) e está ligada a uma maneira de manter intocada a soberania masculina ao ter controle sobre os corpos femininos.

Se o mito da beleza não se baseia na evolução, no sexo no gênero, na estética, nem em Deus, no que se baseia então? Ele alega que dizer respeito à intimidade, ao sexo e à vida, um louvor às mulheres. Na realidade ele é composto de distanciamento emocional, política, financeiro e repressão sexual. O mito da beleza não tem absolutamente nada a ver com as mulheres. Ele diz respeito às instituições masculinas e ao poder institucional dos homens (Idem, p. 17).

Rocha (2009) faz um apanhado de como as mulheres se mostraram ao mundo, no aspecto físico, no decorrer do século XX. Como o corpo das mulheres foi usado de forma política, foi espaço de disputas, lutas e construções imagéticas. Na tentativa de deixar alguns estereótipos ligados ao feminino, as mulheres foram capturadas em outras teias de controle. A partir dos anos de 1920 com a emergência do movimento feminista, a magreza feminina passou a ser admirada em detrimento das formas arredondadas, voluptuosas muito ligadas ao maternal. Seios grandes, largos quadris, ventre intumescido eram características atribuídas às mulheres maternais, a mulher objeto de satisfação do homem, cuidadora do lar. As linhas finas do corpo, a rigidez das formas era almejada por mulheres que queriam fazer dos seus corpos espaço de independência. Ainda segundo Rocha, nas décadas de 60 e 70 do século XX, com as mulheres já inseridas no mercado de trabalho, o corpo magro passou a ser ainda mais valorizado. Na década de 1980, outra exigência se impõe às mulheres, um corpo apenas magro já não era suficiente, era necessário ser definido, “perfeito”, e esta perfeição era buscada nas clínicas de estética e nas academias de ginástica. Com essas informações, podemos auferir que na tentativa de libertação, as mulheres presas aos desejos da mídia, perdiam continuamente a liberdade. Passar fome, controlar os desejos em busca de uma leveza. O corpo malhado, machucado, manipulado por cirurgiões plásticos, na maioria

homens que detém o poder sobre o corpo das mulheres e transformam o corpo feminino no espaço de técnicas cirúrgicas, de lucratividade na venda da “perfeição”, fazem sucesso, se apresentam em programas de televisão e muitas vezes casam-se com mulheres que são por eles apresentadas como suas cobaias. No Brasil, ficou célebre o caso de um cirurgião plástico que recompôs o hímen de sua esposa para que na noite de núpcias houvesse a simulação de um defloramento⁷⁰.

Maria Bonita em vida e depois de morta sempre foi julgada a partir de sua beleza, assim também apareceram muitos discursos em que ela é criticada duramente como uma “mulher vulgar”, sem rastros de beleza física que não fosse apenas admirada por um criminoso como Lampião. Ser julgada pela aparência é ainda hoje uma constante na vida das mulheres.

A miríade de discursos formulados sobre Maria Bonita é diversificada, sua trajetória como menina-moça, mulher casada, mulher de cangaceiro e guerreira do cangaço são disseminados em livros, cordéis, músicas, filmes e minisséries de televisão. Muitos se apropriam de sua história, escrevendo sobre uma mulher cheia de virtudes ou, ao contrário, uma mulher leviana, usada para aplacar os desejos “doentios” de um “sátiro” governado por “super-sexualismo” (PRATA, 2010 [1934]), que demonstra nessa sua fala uma mescla de preconceitos, como nos adverte Lins: “É como se para o imaginário masculino a mulher não existisse como sujeito. Ela seria ou um objeto de consumo ou algo a ser ingerido, ‘comido’, ou ainda outro homem” (LINS, 1997, p. 129). Por isso o corpo de Maria Bonita é examinado, sua sexualidade “exacerbada” é colocada em foco na cena de sua vida, suas lutas e inquietudes são cobertas pelo manto do sexo soberano, sempre falado e imaginado. “Entre seus emblemas, nossa sociedade carrega o do sexo que fala. Do sexo que pode ser surpreendido e interrogado e que, contraído e volúvel ao mesmo tempo, responde ininterruptamente” (FOUCAULT, 2014, p. 85). O dispositivo da sexualidade de que nos fala Foucault (2014), a vontade de verdade sobre o sexo, a curiosidade e repulsa que ele causa, o silêncio eloquente dos discursos sexuais, o controle do sexo, dispositivo de poder dotado de vários instrumentos de dominação e anulação.

Alcino Alves da Costa, no seu livro *Lampião Além da Versão, Mentiras e Mistérios de Angicos* (2011a), se refere à Maria Bonita enfocando a sua juventude, “Matutinha atirada, cheia de dengos, bonitinha, malcriada, faceira, alegre e apetitosa” (COSTA, 2011a, p. 125).

⁷⁰ “Virgem de novo! Ângela Bismarchi faz cirurgia para reconstituir o hímen”. Disponível em: <http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL997292-9798,00_VIRGEM+DE+NOVO+ANGELA+BISMARCHI+FAZ+CIRURGIA+PARA+RECONSTITUIR+HIMEN.html>. Acesso em: 04 de mai. 2017.

Essas características para o autor já apontavam que Maria teria um destino diferente das outras moças. Sua formosura, sua independência não eram apropriadas para uma vida anônima. “Positivamente, aquela caboclinha não era mulher para fazer a vida e ir para uma cama com um parágrafo e desconsolado como o sapateiro de Santa Brígida” (COSTA, 2011a, p. 125). Assim nos é mostrada uma mulher com uma sexualidade à flor da pele, uma sexualidade não apropriada para um matrimônio nos moldes normais de sua época, quando o casamento servia apenas para a procriação, não se permitindo dentro dessa instituição o romance e a paixão: “O amor conjugal era feito de procriações. Apenas. Nada de paixões infecundas, de amores romanescos, de sentimentos fora de controle” (DEL PRIORE, 2011, p. 252) Para Costa (2011a), Maria Bonita estava predestinada a um amor cheio de aventuras, de romance e de paixão, por isso ele nos conta um caso amoroso que Maria Bonita teria tido já estando casada com Zé de Neném, antes de encontrar Lampião. Costa nos diz que Maria Bonita ainda casada desejava aventuras amorosas, segundo ele, isso se dava por ela com seu gênio explosivo não suportar um homem como o seu marido que é assim descrito: “Zé de Neném, um rapaz já caindo para a idade, moço sério, respeitador, porém sem os fulgores dos dezoito anos” (COSTA, 2011a, p. 125). O autor atribui à Maria Bonita um caso com um comerciante de tecido de Santa Brígida.

A futura rainha do cangaço inicia um romance com o prestimoso lojista que seria depois o grande patriarca daqueles sertões. Romance ardoroso. Altamente sigiloso. Tão sigiloso que ainda hoje é negado pelos seus familiares. Tempos aqueles em que possuir uma mulher casada era uma preciosidade que só poderia ser alcançado dentro do maior segredo e debaixo de sete chaves. Maria Déa se atira aos braços do amante. João Maria é exatamente o inverso do marido. É explosivo, ardente, carinhoso e arrojado, deixa a moça na mais completa felicidade (Idem).

Esse episódio da vida de Maria Bonita não tem nenhuma comprovação na vida real, pois, como diz o próprio autor, os familiares negaram o romance. Esse fato não é importante por ser verdadeiro ou não, mas sim por demonstrar a forma como a vida de Maria Bonita é retratada nos livros sobre o cangaço. Costa pinta uma Maria Bonita já acostumada à infidelidade, ele entra na alcova da personagem, enumera até as qualidades do amante que faziam a felicidade de Maria Bonita, desnuda o sexo de uma mulher que ele nem chegou a conhecer, que nunca ouviu falar. O autor parte do seu próprio imaginário, talvez não para inventar o acontecimento, mas sim para dar tons romanescos, atribuir desejos e sensações à

Maria Bonita, fazendo dela uma mulher muito sexualizada, desejosa de emoções que para ele seriam difíceis de se realizarem no leito conjugal de Zé de Neném e Maria Déa.

Esse episódio da infidelidade de Maria Bonita é contraditado em Lima (2010) no capítulo chamado: *Um mundo de mentiras e de histórias criadas por oportunistas e irresponsáveis*. A primeira frase do capítulo diz: “As inverdades rondam o mundo do cangaço como se fossem tatuagens impregnadas na epiderme da história, fatos imaginários são tidos como verdadeiros e propagados com a velocidade do raio” (LIMA, 2010, p. 41). É importante pensar nas disputas e jogos discursivos em torno da “verdade” dos fatos históricos ocorridos no interior do cangaço, nessas obras os chamados especialistas no tema entram em combates pela verdade dos fatos, pois a visão de história é ainda aquela que preza pela busca de uma verdade total, assim fazendo um “resgate”, recompondo ou mesmo acabando com reputações de outros escritores. Ao mesmo tempo, reforçam verdades sobre fatos recolhidos de modo pouco seguro. Antônio Amaury (2012 [1985]) reforça sua certeza no amor de Lampião e Maria Bonita e diz: “Prova disso vamos encontrar no livro ‘Lampião’, do comandante de forças volantes Optato Gueiros, que conversou com uma pessoa que conviveu com Lampião e Maria Bonita por mais de seis meses, e forneceu-lhes informações sobre o casal” (Idem, p. 176).

Lima (2010) afirma que ao se apresentar em conferências e seminários sobre o cangaço escuta as mesmas perguntas sobre se Maria Bonita traiu Lampião e se havia homossexual no cangaço. Ele diz que ao fazer essas indagações essas pessoas se reportam aos livros que leram sobre o tema. Sobre isso, o autor comenta que “As indagações são diversas e muitos afirmam serem verdadeiras as histórias, pois leram nos livros e autores irresponsáveis, que confundem mentes de interessados em conhecer um pouco a história de uma época” (LIMA, 2010, p. 42).

O cangaço da sua função bélica passa a ter função amorosa e erótica nos textos dos memorialistas e dos cordelistas, as mulheres se entregando ao sexo, sexo tratado como animalesco, impuro, porém desejado. Esse novo imaginário sexual parece dar dimensão mais rica de significados ao cangaço. Alguns autores acreditam até que o cangaço não era lugar fértil para o amor: “no cangaço, movimento social que agitou o Nordeste brasileiro no final do século XIX até meados do século XX, não havia lugar para sentimentos, exceto o ódio” (NASCIMENTO, 2015, p. 13). Se esperava dos cangaceiros apenas brutalidade, traição e vingança, pois eram vistos como homens despossuídos de sentimentos de amor. Quando as mulheres se incorporam ao bando, Lampião também surge em alguns textos como guerreiro

apaixonado. E Maria Bonita, um corpo a ser possuído tanto na época em que viveu, pelos homens que a desejavam, como agora por homens que sentados nas suas cadeiras, participando dos diversos grupos de estudiosos do cangaço, se apropriam do sexo dessa mulher. Atribuindo nos seus textos o papel, o paradoxal papel, de santa ou puta. Ou Maria Bonita seria para Lampião um elo com a bondade, com os sentimentos puros, a fera que pelos encantos do amor poderia dirimir as violências praticadas. Assim não se pensa uma Maria Bonita que não seja amorosa ou sexual, pois como nos adverte a historiadora Tânia Swain, os homens percebem as mulheres principalmente pelos aspectos ligados à sexualidade “já que os papéis atribuídos socialmente às mulheres passam pela sedução, casamento, procriação, prostituição” (SWAIN, 2008, p. 287). E são principalmente os homens que escrevem sobre o cangaço e sobre Maria Bonita. No cangaço, o feminino se manifesta, ousa ao romper a tradição sertaneja, memorialistas e cordelistas tentam em seus textos explicar e delimitar essa participação feminina. Assim atento para o uso da imaginação desses autores, como lugar de definição e construção de uma Maria Bonita “conhecida” por quase todos.

Outra Maria Bonita tratada no aspecto ligado à sexualidade aparece no livro *Lampião o mata sete* (2011), escrito pelo juiz de direito aposentado Pedro de Moraes. Na sua concepção, Maria Bonita entrou para o cangaço apenas para dar uma aura de respeitabilidade a Lampião, protagonizaram assim uma relação que segundo o autor nada tinha de romântica, estava imiscuída de interesses; ela por uma vida festiva e venturosa; ele por uma mulher que o salvaguardasse das suspeitas que recaíam sobre si.

Desse modo, ao imaginar tantas cenas da vida de Maria Bonita, dando-lhe sentimentos e sensações, o autor nos dá mostras de uma sociedade que determinava papéis de diferenciação, principalmente no fator sexual para mulheres que como ela, partissem para viver uma situação incomum. Ao imaginar a vida dos personagens, os autores se apropriam em parte da vida por eles representada. E Maria Bonita passa a ser tratada através dos aspectos relacionados à sua sexualidade, mesmo em textos nos quais é heroicizada, ela aparece ainda portando os signos de uma feminilidade refém da sensualidade e da sexualidade.

O livro lançado em 2011 depois de muita polêmica, traz à baila um Lampião como um traço inédito da homossexualidade. Moraes (2011) não cita nenhum depoimento, nem documentação que comprove sua tese. Suas ilações sobre a homossexualidade de Lampião partem de premissas pueris:

Virgolino nem tanto ou quase nada; diferentemente dos outros, gostava de se dedicar com as meninas da escola às brincadeiras com cantigas de roda. Feito rapaz, costumeiramente se exibia dançando e valsando em leves rodeios no ar como a pluma despencadas correntes desfiadas pelo vento ou jogada na espuma boiando à deriva. Gostava de cantar, recitar e dizem até ter sido tocador de harmônica, embora disso não seja conhecido qualquer registro, nunca dando a conhecer seu talento musical (MORAIS, 2011, p. 22).

Para Moraes, esses traços da pretensa personalidade de Lampião, seriam afeminados e provariam sua tese sobre Lampião ser gay e viver uma relação amorosa como o cangaceiro Luiz Pedro. Na verdade, um triângulo amoroso depois da chegada de Maria Bonita ao bando. Os estudiosos do cangaço e os familiares de Lampião não aceitaram o livro. Só três anos depois do livro pronto, pôde ser vendido⁷¹. O revisionismo sexual sobre a figura de Lampião desagradou há muitos e trouxe à tona mais um discurso sobre Maria Bonita que passou da condição de heroína movida pela paixão para a de uma mulher vendida, à procura de festa e bebidas patrocinadas pelos cangaceiros. Maria Bonita é destratada numa linguagem repleta de adjetivos: “Como mulher casada não se dava ao respeito à sua condição e ao seu marido, ultrajado pelas constantes e repetidas infidelidades. Amante de muitos homens, recebia quanto valia pelos prazeres conferidos por sua vida, pouco ou moralmente nada ética” (MORAIS, 2011, p. 186).

Maria era uma mulher de extrema sensualidade, foga no atrair do macho, oferecendo deliciosos momentos de muito prazer. Luiz Pedro nunca foi apaixonado nem amou em demasia a extravagante sertaneja, mas viu na pequena nada notável a possibilidade de resolver e dar por finda a intolerante relação homossexual, vivida a algum tempo com o roncolho Virgolino (Idem, p. 187).

Não estou aqui questionando a veracidade da tese de Moraes, mas seu livro suscitou uma série de debates significativos para se pensar no revisionismo sexual do cangaço e na forma como o cangaço continua dia após dia acendendo polêmicas que nos é útil na problematização dos preconceitos. A homofobia presente no texto de Moraes também surge nos textos construídos na defesa da masculinidade de Lampião. As acusações feitas à Maria Bonita foram deixadas de lado, pois a imagem de masculinidade do cangaceiro Lampião

⁷¹ Cf. < <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/reportagem/lampiao-cabra-macho-ou-flor-do-sertao>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

estava sendo desconstruída em um livro que desde sua capa já apresentava um chapéu de cangaceiro rosa, cor símbolo do mundo feminino.

A circulação do livro foi impedida, a família de Lampião, representada por sua filha Expedita, entrou com representação junto à Vara Cível de Aracajú contra a publicação do livro. O juiz Aldo Albuquerque vetou a publicação e a polêmica se formou sobre se a censura imposta ao texto de Pedro de Moraes feria a Constituição⁷².

Para Moraes, sua biografia de Lampião foi a primeira a ser proibida no País porque é sincera. “Todo mundo tratou do mito. O que eu fiz foi falar sobre Lampião, o bandido”, argumenta. O juiz afirma, ainda, que o fato de ele ter afirmado que o Rei do Cangaço era gay não é justificativa suficiente para a proibição. “Eu falei que ele era um facínora, bandido, ladrão, cruel e nunca houve problema algum. Inclusive, a família até respeita a divulgação desses fatos. Agora eu digo que Lampião era gay e as pessoas proíbem o meu livro? **Eu acho que esse pessoal é muito preconceituoso**”, dispara (MENDES, 2012, p. 01) (Grifos nossos).

Alcino Alves Costa no texto *Lampião o mata sete* fala em nome dos estudiosos do cangaço e se diz admirado com as suspeitas lançadas sobre a homossexualidade de Lampião e a fidelidade conjugal de Maria Bonita. Para ele, só mesmo pessoas descompromissadas com a história do cangaço poderiam divulgar tal hipótese. Costa ressalta: “Lampião jamais foi um gay. Aliás, em toda história do cangaço, desde os seus primórdios não se registra nenhum homossexual nos grupos cangaceiros” (COSTA, 2011b, p. 01). A tese de Pedro de Moraes, na sua concepção, se constituía em mais uma das injuriosas lançadas sobre o cangaço, movimento pouco conhecido na sua “verdade histórica”.

A defesa não se dá apenas no âmbito da sexualidade de Lampião, a heterossexualidade dele é protegida e nesta proteção está delimitada a sexualidade discursiva de um povo e de uma região. Ao fazer uma afirmação, a meu ver, perigosa, de que no cangaço nunca houve um homossexual, o autor se coloca como guardião e esclarecedor da verdade conspurcada por um livro repleto de inverdades. O livro de Moraes (2011) também exprime a brutalidade do cangaceiro Lampião, e neste ponto do seu artigo Costa concorda que “quanto a ele ter sido um feroz bandido, um cangaceiro malvado, com atitudes monstruosas, tudo isto é verdade. Como também é verdade que ele foi e é um dos maiores heróis da história do Brasil” (COSTA, 2011b, p. 01).

⁷² “Lampião era Gay?”. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/cultura/lampiao-era-gay>>. Acesso em: 16 jan. 2017.

3.4. Entre o punhal e o afeto: A Maria Bonita guerreira e amorosa das páginas do cordel

A primeira vez que Maria Déa teve sua alcunha de Maria Bonita anunciada no jornal *Diário de Pernambuco* foi em notícia sobre uma vítima de Lampião, que estava no Recife para tratamento médico. Era o dia 26 de maio de 1936 e a reportagem intitulada *Chegou ao Recife uma das vítimas de Lampeão* trazia lances ditos espetaculares da presença de Lampião na cidade de Buíque, sertão de Pernambuco. A vítima era um pobre rapaz que segundo o seu relato tinha sido emasculado por Lampião e ia até o Recife em busca de tratamento. Os repórteres do *Diário de Pernambuco* acompanharam o ferido e colheram seu depoimento ainda no vagão de um trem. O rapaz teria dito: “Quando cheguei lá vi que a casa estava toda cercada. Oito homens e duas mulheres armados até os dentes. Todos tinham cara de assassinos. Uma delas a quem chamaram de Maria Bonita, me deu logo duas chibatadas”⁷³. “Maria Bonita a amasia do chefe do grupo, usa calça culote, dois parabellos à cinta e cartucheira”⁷⁴. Desta forma, mostram na reportagem uma Maria Bonita carregada de símbolos de masculinidade.

Ao refletir sobre as imagens da mulher-macho, a historiadora Alômia Abrantes da Silva, pensou também o cangaço como mais um lugar em que este discurso encontrou eco. A respeito disto, diz:

O cangaço será facilmente capturado por estas redes discursivas, alimentando estereótipos físicos e perfis psicológicos, que não escaparão às narrativas literárias. Em especial, colaborará intensamente para dar volume e cores às imagens da “mulher-macho” como uma tipificação das mulheres sertanejas (SILVA, 2008a, p. 114).

E foi principalmente através da literatura de cordel que as mulheres cangaceiras surgiram nas elaborações como mulheres guerreiras, belicosas.

⁷³ Jornal *Diário de Pernambuco*, 26 mai. 1936.

⁷⁴ Jornal *Diário de Pernambuco*, 26 mai. 1936.



Figura 05: Capa do cordel *Maria Bonita - Mulher macho, sim, senhor*, 1983.

O cordel *Maria Bonita – mulher macho, sim, senhor* já traz no título a masculinização da figura de Maria Bonita. O autor tenta traçar a mulher do século XX como sendo independente no que diferem das mulheres dos séculos anteriores que na sua concepção eram tratadas como objetos do prazer sexual do homem e da violência masculina. Para ele, esse tempo tinha ficado perdido no passado:

Porém os tempos mudaram
E a mulher se libertou
De todo jugo dos homens
Que tanto lhe escravizou
Hoje a mulher virou gente,
Já existe Presidente
Pra isso muito lutou

(CAVALCANTE, 1983, p. 02)

O cordelista lança um discurso que é uma tentativa de exaltação às mulheres, mas seu discurso denota que a mulher já tinha conquistado todos os espaços da sociedade e deixara de sofrer com o machismo e a violência decorrente dele. Se nos dias de hoje, as mulheres ainda sofrem discriminação, violência verbal, física e psicológica, recebem salários menores para desempenhar as mesmas funções masculinas. O que podemos dizer da época em que o cordel foi escrito? Na visão do autor, a entrada das mulheres em diferentes áreas de trabalho constituía o fim das lutas femininas e a total emancipação feminina.

Existe a mulher Chauffer,
 Aviadora, Barbeira,
 Deputada e Senadora,
 Professora, Conselheira,
 Juíza, Telefonista,
 Doutora – Médica, esportista
 Militar e Cangaceira.

(CAVALCANTE, 1983, p. 03)

Essas estrofes anteriores são a introdução que o autor precisou criar para lançar o leitor na história de vida de Maria Déa, menina que ele constrói como sendo muito pobre, com nenhuma escolaridade e sem profissionalização ou perspectiva de um futuro profissional. Na sua elaboração, apenas estas dificuldades explicariam a opção de Maria Déa em casar com um “Lambe-Sola”. Aqui novamente percebe-se a tentativa da desqualificação da masculinidade de Zé de Neném, da qual falei anteriormente. Esta desvirilização do marido de Maria Déa alcançou os escritos de memorialistas, de historiadores e também dos cordelistas. Nesta elaboração, ela aceitou o casamento como um fardo, uma obrigação:

Para não morrer de fome
 Maria se sujeitou
 Casar-se com o jovem Déa
 Porque o pai a obrigou
 Mulher nova, cheia de vida
 Pra não ser “mulher perdida”
 O casamento aceitou.

(CAVALCANTE, 1983, p. 02)

A partir deste quadro, o cordelista narra os anos de casamento de Maria Déa como anos de infelicidade conjugal, e tendo como causa desta infelicidade o gênio de Maria. Nesta narrativa poética, é neste momento que vai sendo gestada na sertaneja uma admiração por Lampião, não apenas no aspecto romântico, mas uma admiração que preenche sua vontade de engajamento na luta cangaceira. Aparece assim uma Maria Bonita preocupada com as questões sociais:

Sentia Maria Déa
 A injustiça do Sertão.
 O terror dos Coronéis
 Que não tinham coração,
 Por isso mesmo falava
 Que um dia se encontrava

Com o Capitão Lampião.

(CAVALCANTE, 1983, p. 03)

O autor explica que ao realizar o desejo de se juntar a Lampião, Maria Bonita teve logo participação nas escaramuças do grupo, sendo de grande valia na hora do combate.

Cinco soldados ficaram
Sem vida naquele dia.
Um morto por Labareda
E os outros dois por Maria,
Lampião dois alvejou
Porém nenhum não matou
Do jeito que ele queria

(CAVALCANTE, 1983, p. 06)

Cavalcante acentua assim o caráter guerreiro da entrada de Maria Bonita no cangaço e começa a delimitar os comportamentos masculinos dela e de como sua presença no grupo muda a partir do momento em que pega em armas e deixa de ser apenas companheira de Lampião.

Maria depois da luta
Quando chegou na guarida
Deu ordens para as mulheres
Ir tratando da comida.
Foi curar dois alvejados
Pelos tiros dos soldados
Na grande luta renhida.

(CAVALCANTE, 1983, p. 06)

Nesta elaboração, houve a troca de lugares, Maria deixa as panelas e passa a dar ordem às mulheres que não desempenhavam um papel guerreiro no grupo, cuidava dos feridos de guerra, tarefa importante reservada aos homens. Portanto, tinha dado provas de ser uma mulher-macho, comparada a animais perigosos e traiçoeiros.

Maria Bonita era
Mulher macho, sim senhor,
Porque na hora de sua luta
Era a fera do terror,
Era a cobra cainana

Ou a tigre suçuarana
Que todos tinham pavor.

(CAVALCANTE, 1983, p. 07)



Figura 06: Capa do cordel *ABC de Maria Bonita, Lampião e seus cangaceiros*, 1976.

Disponível em: <<https://www.antonioferreira.lrl.br/peca.asp?ID=54907>>. Acesso em: 30 jun. 2017.

Outro folheto do mesmo autor reforça as características guerreiras de Maria Bonita. O *ABC de Maria Bonita, Lampião e seus cangaceiros*, publicado em 1976, elabora um Lampião cansado da vida cangaceira, querendo se estabelecer como um operário e Maria Bonita o incentivando a continuar na luta. Dizia:

“Gosto muito desta vida
Do cangaço do sertão,
Enquanto você for vivo
Não tiro o rifle da mão...”
Dizia ela contente
Na vista de sua gente
Osculando Lampião.

(CAVALCANTE, 1976, p. 03)

O autor continua reforçando a identificação de Maria Bonita com a vida cangaceira a partir de sua personalidade extremamente violenta, não deixando de afirmar que ela era uma mulher, mas que de forma conflituosa com essa condição, tinha ímpetos de matar:

- Inda que me dê um troço
 Não abandono o cangaço
 Pois no dia que não brigo
 Eu sinto o maior cansaço
 Sou mulher, é verdade,
 Porém a minha vontade
 É sangrar gente no aço!

(CAVALCANTE, 1976, p. 03)

Para pensar como foi criada a imagem de Maria Bonita como guerreira pela literatura de cordel, é importante conhecermos o cordel de Antônio Teodoro dos Santos, um dos mais importantes e mais conhecidos cordéis sobre Maria Bonita. Araújo (2012 [1985]) diz que “dentre todas as cangaceiras, foi Maria Bonita a única a merecer dos vates caboclos a honra de ter sua vida descrita em versos, em um cordel feito especificamente com esta finalidade” (Idem, p. 189). O cordel a que Araújo se refere é *Maria Bonita: a mulher cangaço*, que teve sua primeira impressão no ano de 1963. Dessa forma, sem artigo ou complemento, Maria Bonita é aquela que personificava o próprio movimento do cangaço. Na capa do cordel, que não é uma xilogravura e sim um desenho, Maria Bonita aparece comandando um grupo de cangaceiros. De lenço azul no pescoço, ela decididamente aponta uma direção para os homens, porta uma arma longa. Os símbolos da feminilidade estão inscritos no seu corpo, Maria Bonita aparece vaidosa, o vestido deixa as pernas à mostra, a boca pintada de vermelho é mais um sinal de que a vaidade havia sido mantida mesmo frente ao combate.

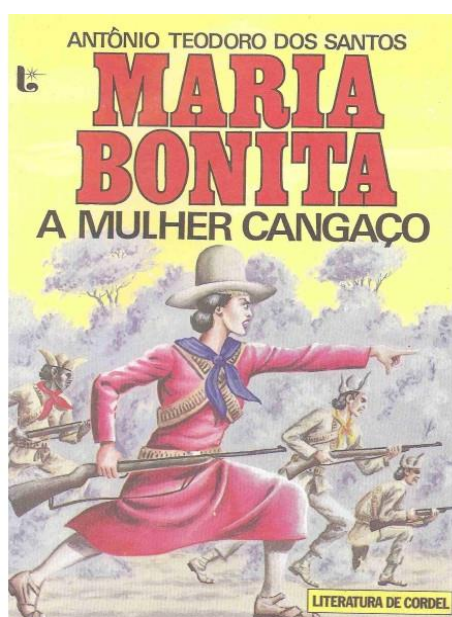


Figura 07: Capa do cordel *Maria Bonita: a mulher cangaço*, 1986 [1963].

Antônio Teodoro dos Santos, antes de narrar em verso a história de sua personagem, diz aos seus leitores que o Brasil teve no seu passado mulheres guerreiras, pegando em armas, ou participando de guerras como enfermeiras. Anita Garibaldi⁷⁵, Ana Neri⁷⁶ e Maria Quitéria⁷⁷ são as mulheres lembradas pelo autor para afirmar que o Brasil, pátria de homens fortes e heroicos, segundo o seu discurso, gerou também mulheres que não fugiam da luta.

Para legitimar a valentia de sua heroína, Santos (1986 [1963]) vai às origens da vida de Maria Bonita, procurando na sua infância os sinais que demonstrassem sua diferença frente às outras meninas de sua idade. Na sua elaboração, Maria ainda pequena era valente, geniosa, predestinada para mudar os rumos de sua própria história, sendo a precursora das mulheres cangaceiras. Para ele, só mesmo uma menina marcada com os signos de uma feminilidade com traços reconhecidos como sendo masculinos poderia adentrar no cangaço. Assim o autor se refere a essa predestinação:

Como que veio marcada
Por um poder diferente,
Desde muito pequenina
Tinha o gênio muito quente;
Atrás da bonita imagem
Ela escondia a coragem
Que enganou a muita gente.

(SANTOS, 1986 [1963], p. 05)

Além da coragem, o cordelista vê o nome dela como símbolo de um destino de glórias e sofrimentos, pois percebe o nome Maria como sendo carregado de significados ligados ao sagrado. Mesmo construindo uma Maria Bonita guerreira, ele faz questão de lembrar que ela era mulher capaz também da maternidade, na sua visão o supremo ato do feminino:

O nome Maria traz
Uma magia de glória,
De luta, de sofrimento,
De derrota, de vitória,

⁷⁵ Nasceu na atual Laguna, no Estado de Santa Catarina e morreu na Itália participando das lutas de Unificação Italiana (1815-1870). Conheceu o revolucionário italiano Giuseppe Garibaldi, quando este participou da Revolução Farroupilha (1835-1845). Cf. CADORIN, 2003.

⁷⁶ Ana Nery, pioneira da enfermagem no Brasil, foi enfermeira militar na Guerra do Paraguai (1864-1870), conflito travado entre o Paraguai e a Tríplice Aliança formada entre o Brasil Imperial, o Uruguai e a Argentina. Cf. SCHUMAHER; BRAZIL, 2000.

⁷⁷ Maria Quitéria foi a primeira mulher a participar como soldado de um confronto armado no Brasil. Para lutar na Guerra da Independência ela se disfarçou de homem, se alistou como soldado Medeiros em um Regimento de Infantaria. Cf. SCHUMAHER; BRAZIL, 2000.

Como a que nos trouxe a luz
 Que como mãe de Jesus,
 Passou da vida à História.

(SANTOS, 1986 [1963], p. 06)

Na sua criação, Maria Déa gostava de se divertir com armas, cavalos, esquecendo-se das bonecas ou das brincadeiras de casinha, preferia sonhar com aventuras violentas para uma menina. Nestas linhas, o autor delimita quais são os comportamentos culturalmente aceitos para homens e mulheres. Mecanismos que desde a infância já procuram delimitar o tipo de vida que cada sexo terá a partir da forma como são distribuídas as brincadeiras. Mas Maria Déa havia quebrado estas regras. Inclusive sendo uma mulher vaqueira. Como sabemos o vaqueiro é um dos símbolos da masculinidade sertaneja.

Pois quando avançava que
 Pegava um boi pelo rabo
 Que o enrolava na mão,
 Mesmo sendo um bicho brabo,
 Ela dava um safanão
 E o derrubava no chão
 Depois gritava: - Eta diabo!

(SANTOS, 1986 [1963], p. 08)

Na construção de Santos (1986 [1963]), ele não deixa de lado que Maria Déa cresceu e mesmo sendo uma mulher diferente, necessitou se casar. Mas o autor elabora um casamento que se mostrava um suposto fracasso desde seu início:

Preciso de uma mulher
 Para cozinhar feijão,
 Varrer casa, lavar pratos,
 Com toda a satisfação,
 Ter filhos e trabalhar –
 Ser a rainha do lar -
 Sem fazer reclamação

(SANTOS, 1986 [1963], p. 13)

Maria não se sujeitando as imposições do seu marido, responde:

Maria disse: - José,
Sua opinião não me agrava,
Veio-me um gosto de sangue
Na boca que chega trava;
Assim, para o teu mister,
Não queres uma mulher,
Porém uma pobre escrava

(SANTOS, 1986 [1963], p. 13)

Aqui acontece a rebelião de Maria contra toda uma estrutura que impunha às mulheres de seu tempo, o lar e a família como suprema realização feminina. Cozinhar, lavar, passar, parir filhos e viver só para cuidar deles parecia pouco para uma moça com uma personalidade diferente e que renunciava um destino singular.

Outro episódio narrado no cordel é a ida de Maria até a casa de sua mãe para contar toda a frustração que vivia por ter se casado com José. Falou que ele não era homem que lhe governasse a vida, que precisava de um homem forte e destemido e logo falou em Lampião, dizendo que pelas histórias que ouvia pelo sertão esse era o homem certo para domar seu corpo e coração.

É esse o homem, mamãe.
Que no momento procuro;
Pelo que sei é solteiro,
Valente, sincero e duro,
Não tem medo de perigo:
Assim da certo comigo
Na trilha do meu futuro.

(SANTOS, 1986 [1963], p. 18)

Ao entrar para as hostes do cangaço, Maria Bonita levou todo o seu destemor. Dessa forma, o cordelista cria combates e frases em que a cangaceira se locupletava com a morte dos inimigos e gabava sua própria pontaria. Atribui a ela agilidade no uso de armas de fogo, superando até mesmo os cangaceiros mais experientes:

Maria não tinha medo
De macho, fosse quem fosse;
Quando alvejava um soldado,
Dizia: - Aquele danou-se!
Caiu dentro de um buraco,
Que é o lugar de “macaco” –
Acabou-se o que era doce.

Disparava muito bem
 E tinha o dedo ligeiro;
 Quando o grupo entrava em luta,
 Sempre atirava primeiro:
 Com qualquer arma de fogo
 Tinha rapidez no jogo
 Mais que qualquer cangaceiro

(SANTOS, 1986 [1963], p. 25)

Nas últimas estrofes do cordel, Santos narra o confronto em Angicos, onde Maria Bonita e Lampião foram atacados, o bote inesperado, a morte de Lampião e Maria Bonita juntos e abraçados, em um último gesto de carinho e união, prenuncia o fim do cangaço e também o fim do cordel.

Trouxe Maria no sangue
 Essa força como um laço
 Onde a prendeu ao destino
 Dando-lhe o maior espaço,
 Orgulhosa pela sorte,
 Recebeu na sua morte
 Os horrores do cangaço.

(SANTOS, 1986, p. 32)

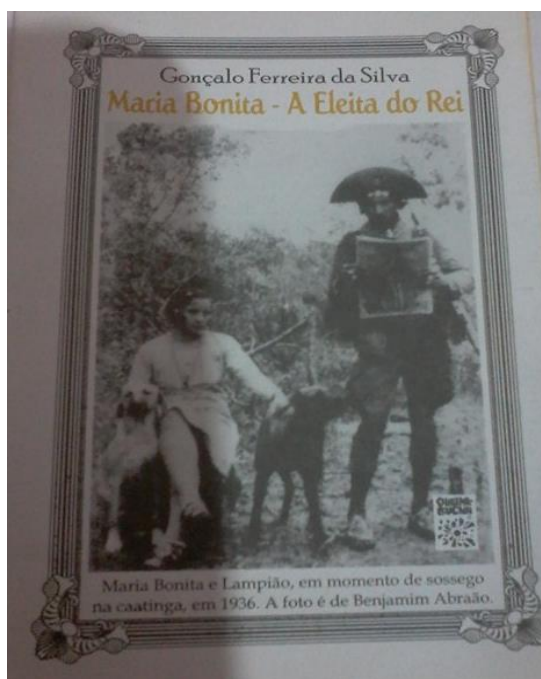


Figura 08: Capa do cordel *Maria Bonita – A eleita do Rei*, s/d.

No folheto *Maria Bonita – A eleita do Rei*, o cordelista Gonçalo Ferreira da Silva traz a história de amor protagonizada por Maria Bonita e Lampião. O autor elabora que tinham nascido um para o outro, fazendo uma história sentimental e romântica para os dois. Na sua construção, só uma mulher corajosa como Maria Bonita suportaria viver, por livre vontade, na violência e sofrimento existentes na vida cangaceira:

Corajosa, nunca teve
De medo qualquer vestígio,
Tinha personalidade
Para sufocar litígio
Como era insuperável
Em beleza e em prestígio.

(SILVA, s/d, p. 06)

O autor procura reforçar que Maria Bonita tinha uma vida confortável e que partia com Lampião, motivada apenas por um amor incontornável, que havia nascido da admiração dela, em relação ao famoso cangaceiro. Amor plenamente correspondido por Lampião.

Maria Bonita filha
De pequeno fazendeiro
Nunca soube o que foi falta
De mantimento e dinheiro
Só mudaria de vida
por um amor verdadeiro.

(SILVA, s/d, p. 07)

O autor finaliza o cordel dando sua versão para o episódio de Angicos, mas se preocupando em construir um final em que o romantismo se fizesse presente mesmo no momento da morte:

Companheiros há dez anos
Na alegria e na dor
Na paz de raros momentos
Ou sob intenso calor
Acabou tragicamente
Aquela história de amor.

(SILVA, s/d, p. 12)

No próximo capítulo trabalharei com as notícias a respeito da morte de Lampião e Maria Bonita no *Diário de Pernambuco*. Atentando para a romantização que o próprio texto jornalístico fez a respeito da morte dos dois e como o discurso do jornal impactou a produção cordelistas a partir de então.

CAPÍTULO 4 - A MORTE DE UM REI E DE UMA RAINHA NO SERTÃO NORDESTINO

*Madrugada em Angicos, na caatinga do sertão
Cangaceiro de Maria e Padim Ciço Romão
Na Tocaia Metralhado, morreu o meu capitão*

*Nas margens do São Francisco, num lajedo sem saída
Que o bando de Virgulino, caiu numa armadilha
Vinte anos de Reinado, morreu sem direito a briga*

*Êita Prá lá, do Raso da Catarina
Que a volante da chacina
Metralhou meu capitão
É traição, o Sertão tinha mudado
Lampião foi fuzilado
Pelos macacos de João
Apetrechos caprichosos e armadura encouraçada
Uma vida de cinema, batendo em retirada
Cão lendário de olho cego, nascido em Serra Talhada.*

*Gostava tanto de jazz, que inventou o xaxado
Do chiado da chinela e rifle de ponta riscado
Cangaceiro Bonaparte, será para sempre lembrado.
(Raso da Catarina – Rogério Franco)*

Como quase tudo na biografia de Lampião, Maria Bonita e muitos dos outros cangaceiros que fizeram histórias nos bandos, a morte deles também está cercada de mistérios, teorias conspiratórias, surgimentos de discursos de heroísmo dos dois lados: o da legalidade e o dos bandoleiros. São livros escritos na tentativa de salvaguardar reputações, reforçar magnanimidades. Falar destas mortes tão esperadas e ao mesmo tempo causadoras de espanto, surpresa, felicidade para alguns, tristezas imensuráveis para outros, se constitui como importante tema dentro da imensa história do cangaço.

Lampião e seu grupo escaparam muitas vezes dos cercos e de lutas ferozes, enfrentando volantes preparadas, conhecedoras do sertão e da luta em seu solo. Mas como nos ditos da sabedoria popular: a morte tem hora certa, ninguém morre antes do tempo. Será que era aquele o momento certo para a morte trágica em Angicos? Assim como outros temas da história cangaceira, este também recebeu especial atenção. Como nos versos da música que abre este capítulo, as palavras: “armadilha”, “traição”, “fuzilado”, “sem direito a briga”, fazem parte da imensa narrativa sobre estas mortes ocorridas em Sergipe, no município hoje nomeado como Poço Redondo.

Além dos nossos já conhecidos personagens importantes mortos na grande tragédia de Angicos, não posso deixar de trazer à tona os discursos sobre o Tenente João Bezerra, o homem que tomou para si os louros da ação empreendida em Angicos. Chandler (2003) acusa João Bezerra de não ter entrado e liderado a ação fatal para o bando de Lampião de forma voluntária, mas sim obrigado por força das circunstâncias. Chandler afirma ainda que Bezerra tinha laços estreitos com Lampião, sendo mais um dos homens conectados à legalidade, que usava disso para informar e mesmo armar os cangaceiros. Portanto, na elaboração deste estudioso, João Bezerra não passava de um policial corrupto usado na ação final contra os cangaceiros, até por não desconhecer de todo, quando queria e se fazia necessário, onde encontrar Lampião e seu bando.

Chandler (2003) e Mello (2011) atribuem a morte de Lampião à nova forma de governo instaurada em novembro de 1937⁷⁸. Chandler afirmou sobre isso: “Foi dito, embora não tenha sido provado, que o próprio Getúlio avisara que tinha chegado a hora de acabar com Lampião, e que agia assim, em parte por causa das queixas da importante família Maurício, do sertão de Alagoas” (CHANDLER, 2003, p. 286). Mello (2011) também imputa ao novo regime o protagonismo na morte de Lampião e no combate mais intensivo ao cangaço. O autor, no entanto, atribui a divulgação do filme-documentário realizado por Benjamim Abrahão um ingrediente a mais na vontade do poder central em acabar com o cangaço. Pois o modo de vida ostensivo de Lampião, mostrando suas armas, sua movimentação pela caatinga e a riqueza que havia amealhado nos anos de cangaço desagradou o governo Vargas. Sobre a revolta do presidente com o documentário, especula: “é fácil avaliar a irritação do presidente Getúlio Vargas e do seu Departamento de Imprensa e Propaganda nos meses seguintes. Começava a contagem regressiva para a destruição do cangaceiro-mor” (MELLO, 2011, p. 315). Mas como estas mortes, urdidas pelos governantes e as autoridades, impactaram a vida dos que a presenciaram e como a história seria contada sobre o cangaço a partir daquele momento?

Segundo o depoimento recolhido pelo pesquisador do cangaço Antônio Amaury Corrêa de Araújo, para a escrita do seu livro *Assim morreu Lampião* (2013,[1975]), Cira, esposa do tenente José Bezerra, acalentava no colo o filho recém-nascido, quando ouviu os cascos dos cavalos batendo no chão seco, o vozerio aumentava a cada instante, o tropel dos cavalos parecia mais próximo. De repente, levantou os olhos e reconheceu na sua frente o

⁷⁸ Com a chamada Revolução de 30, Getúlio Vargas se transformou em chefe do Governo Provisório (1930 a 1934). De 1934 até 1937 foi a fase do Governo Constitucional. Em 1937 deveria haver eleições presidenciais, mas Getúlio Vargas se proclamou chefe supremo de um governo ditatorial, que foi nomeado de Estado Novo. A partir desse momento a centralização política, iniciada em 1930, se realizou de forma plena. Cf. FAUSTO, 2001.

marido. Antes de entender com clareza tudo o que ocorria, viu sua casa tomada de gente excitada, risonha e curiosa. Nas mãos do marido estava o motivo do alarido do povo. Seus dedos sustentavam pelos cabelos cabeças humanas, o sangue sujava o chão, o cheiro do frescor sanguíneo tomava conta do ambiente e se misturava ao bafo da cachaça que exalava de alguns dos invasores. Fogos de artifício pipocaram nos céus anunciando a boa nova: Lampião estava morto.

Seu marido, o tenente da polícia alagoana, José Bezerra, triunfante, sabia que a partir daquele momento sairia do rol dos esquecidos da história e figuraria com destaque na tragédia do maior cangaceiro que o Nordeste teve notícia⁷⁹. Pelas fotografias registradas com a formação da volante em posição combativa, em toda glória militar possível para aqueles tempos de guerra contra o cangaço, podemos inferir que o tenente João Bezerra tinha consciência de que ali estaria a sua vitória.



Figura 09: Formação das volantes do Tenente João Bezerra e do Sargento Aniceto, antes do ataque a Angicos. Disponível em: <<http://cariricangaco.blogspot.com.br/2010/10/>>. Acesso em: 08 abr. 2017.

Matar era pouco. Fazia-se necessário repetir estas mortes de muitas maneiras possíveis, era preciso colocar o povo a par dos acontecimentos, para que a violência fosse sentida, gozada, vivida e revivida naquele glorioso dia. As cabeças foram levadas para frente da prefeitura de cidade de Piranhas. Expostas juntamente com os pertences dos cangaceiros, foram dispostas num quadro trágico. A imagem icônica foi produzida por um fotógrafo local que dispôs as cabeças dos cangaceiros junto com seus objetos: chapéus, máquinas de costuras,

⁷⁹ João Bezerra aproveitando-se do feito de ter sido o comandante da volante que matou Lampião, escreveu em 1939 o livro *Como dei cabo de Lampião*. Livro-documentário de auto exaltação, conta com toques de heroísmo como se deu a operação de Angicos.

armas e bornais. Era importante registrar com alarido estas mortes, pois como veremos adiante, a morte de Lampião tinha sido noticiada algumas vezes, e algum tempo depois ele reaparecia provando assim que a notícia era falsa. A justificativa, por exemplo, de cortar as cabeças dos cangaceiros é a de que sendo a gruta de Angicos, um lugar de difícil acesso, impossibilitava o transporte dos corpos que lá jaziam. Portanto, era necessário dar provas para a população e para as autoridades da morte dos cangaceiros. Assim levaram as cabeças e deixaram os corpos.

Por estes motivos de ordem militar e humana, achei que o Aspirante tinha razão. Por outro lado, aquelas cabeças eram um documento autêntico para provar ao público que Lampião tinha morrido, evitando que se negasse este fato com o aparecimento de outros grupos usando o vulgo do famigerado (BEZERRA, 2013 [1939], p. 237).

As fotografias e as cabeças dos cangaceiros foram vistas por muitas pessoas. A cabeça de Maria Bonita era a que mais chamava atenção dos curiosos. Sua beleza era questionada mesmo depois de sua morte. Seu corpo trucidado ficou em Angicos servindo de pasto para os urubus. Porém, as cabeças dos cangaceiros transportadas em latas de querosene peregrinaram em várias cidades.



Figura 10: Cabeças de Lampião, Maria Bonita e mais nove cangaceiros. Fotografia feita na escadaria da Prefeitura de Piranhas.

Disponível em: <<http://www.geocities.ws/osburkes/lampiao.html>>. Acesso em: 08 abr. 2017.

Auricélia Lopes Pereira, na sua dissertação de mestrado intitulada *O rei do cangaço e os vários Lampiões* (2000), reflete sobre a morte do cangaceiro e de como foram agrupados

diversos significados a sua morte. Segundo Pereira (2000), a morte de Lampião foi “vívda intensamente”. Assim podemos imaginar esta morte vívida e revívda, morte sentida pelos cangaceiros na hora fatal, imposta por seus algozes no cano quente de suas armas, festejada na glória da guerra. Sobre as cabeças, diz: “A exposição das cabeças, não se dissocia desta maquinaria do novo. Queria dizer de um mundo que acabou; estilhaçar a tradição do cangaceiro imortal, do cangaceiro de corpo fechado que aos olhos de muitos sertanejos, parecia nunca ter fim” (PEREIRA, 2000, p. 74).

A exposição fúnebre foi admirada pelo povo das cidadezinhas que a recebia e logo procurava entre elas uma de olho cego, prova de que o temível cangaceiro Lampião agora estava reduzido a objeto da curiosidade pública. O *Diário de Pernambuco*, em matéria do dia 02 de agosto de 1938, assegura na manchete que “dez mil pessoas estavam presentes à chegada das cabeças em Maceió”⁸⁰. Segundo a reportagem, as cabeças mais observadas pelo povo eram as de Lampião, Maria Bonita e Luiz Pedro.

As cabeças de Lampião e Maria Bonita permaneceram no Museu Nina Rodrigues, em Salvador, até 1969, quando finalmente foram sepultadas. Bem antes disso a exposição pública das cabeças, não só as de Maria Bonita e Lampião, como também as de outros cangaceiros, entre eles Corisco, estava sendo contestada pelos parentes de Lampião e pelo filho de Corisco e Dadá, o economista Silvio Bulhões, que queriam enterrar os restos mortais de seus parentes.

Uma matéria de 1959, escrita por João Martins para a revista *O Cruzeiro*⁸¹, relata o destino das cabeças de Lampião e Maria Bonita. O autor lançou os argumentos dos que defendiam o direito da família Ferreira de enterrar os restos mortais dos seus membros ilustres e o dos defensores do direito do Instituto Nina Rodrigues em fazer uso científico das cabeças, o texto evoca a capacidade de julgamento dos leitores. A reportagem indica que mais de trezentos parentes de Lampião reivindicavam o seu sepultamento. Na ocasião fazia 21 anos da morte dos cangaceiros e o impasse parecia não ter fim. Estácio de Lima foi procurado pelo jornalista e, entre outras afirmações, disse à reportagem:

Compreendo perfeitamente os sentimentos da família de Lampião. Mas precisamos, principalmente no campo científico, nos guiar pela razão, em vez de nos deixar dominar pelo sentimento. As cabeças estão conservadas pelo método egípcio de mumificação. Elas são documentos inestimáveis de uma época da criminalidade brasileira. Daqui a cem anos, elas demonstrarão que Lampião não era um assassino nato, um lombrosiano. Ele era fruto de

⁸⁰ Jornal *Diário de Pernambuco*, 02 ago. 1938.

⁸¹ Revista *O Cruzeiro*, 06 jun. 1959.

condições sociais, políticas e econômicas. Foi uma vítima de seu tempo e de seu ambiente (LIMA apud MARTINS, 1959).

Antes da reprodução de sua fala, a revista apresentou o “Prof. Estácio de Lima, que é um homem de grande inteligência e cultura”. O professor defendeu que os despojos de Lampião e Maria Bonita eram objetos da ciência, assim como os outros corpos que se encontravam no instituto, assumindo uma postura ambígua sobre o tema: demonstrava uma “compreensão” frente ao tema social do cangaço ao mesmo tempo em que lutava por uma ciência que, por mais que seja negada em sua fala, tinha sim características de julgamento sobre os corpos e de punição para esses cangaceiros. Legitimava a ciência que colocava em exposição cabeças de homens e mulheres como peças de um museu macabro. A reportagem cita um artigo do código penal para que os leitores fizessem suas reflexões, esse artigo preconizava: “Vilipêndio de cadáver – Vilipendiar cadáveres ou suas cinzas. Pena: detenção de um ano a três anos e multa de 500 a 2000 cruzeiros⁸²”, depois disso, o autor pergunta se o grande cientista Estácio de Lima estava cometendo um crime. Assim a revista lançou aos leitores o julgamento de tão delicada questão.

Os cordelistas também fizeram suas elaborações sobre os destinos das cabeças dos cangaceiros:

Xingada foi a Volante
 Por inúmeros jornais
 Em degolar as cabeças
 Como fazem os chacais
 E ainda mais por cima
 Guardar Estácio de Lima
 Uns 30 anos ou mais!

Zelava Estácio de Lima
 Os crâneos dos cangaceiros
 Para estudos proveitosos
 Realmente verdadeiros
 Como fez César Lombroso-
 Italiano famoso
 Na tara dos bandoleiros

(CAVALCANTE, 1976, p. 08)

Nos próximos tópicos falaremos um pouco mais sobre a questão das cabeças e de como essa violência repercutiu na sociedade e nos discursos jornalísticos.

⁸² Atual artigo 212 do Código Penal Brasileiro.

4.1. O massacre de Angicos nas páginas do jornal *Diário de Pernambuco*

O *Diário de Pernambuco* foi fundado em 1825. Nas suas primeiras edições não trazia notícias, mas anúncios de leilões, venda de imóveis. Agora, na edição impressa e online traz no seu cabeçalho a informação de ser “o jornal mais antigo em circulação na América Latina – 191 anos de credibilidade”⁸³. Essa credibilidade e antiguidade já eram utilizadas como epíteto do jornal em tempos de cangaço, pois na década de 30 do século XX o periódico estava há mais de cem anos em circulação e pertencia ao maior grupo empresarial na área de comunicação da época – Os Diários Associados – de propriedade de Assis Chateaubriand⁸⁴.

Após relatar a vida do velho órgão, desde os tempos do seu fundador até chegar às mãos do Coronel Carlos Lira, concluiu o articulista: “Acentuam-se, nesta fase, as linhas dos tradicionais programas do Diário, inspirado nas urgências e nas aspirações gerais do Nordeste brasileiro. Identificando assim com as penas e as alegrias e os esforços e as glórias de quatro gerações, dir-se-ia, a voz do *Diário de Pernambuco*, a própria voz do passado nordestino. E quando o jornal atinge a semelhantes responsabilidades de representação, perde todo direito de subordinar-se a pontos de vistas de momentos- de pessoas, de grupos, de classe, ou de partido – ou as seduções da popularidade; e adquire o dever de pôr a serviço dos grandes interesses de sempre, acima dos de momento, e mesmo contra eles, a sua voz secular” (NASCIMENTO, 1968, p. 148).

Esta citação se refere ao centenário do periódico, comemorado em estilo suntuoso no ano de 1925 e que levava aos seus leitores a afirmação de que era um espaço da verdade. Ideia, aliás, que na década de 20 e 30 do século passado não era sequer contestada, visto que nos dias atuais é difícil ainda a quebra, frente à população, de que o texto jornalístico não está carregado de verdade e imparcialidade. Por isso ao pesquisar nos exemplares do *Diário de Pernambuco*, percebi que muitos dos discursos da literatura de cordel – e mesmo dos livros de memorialistas e de pesquisadores do cangaço –, trazem a sua percepção sobre Maria Bonita muito atrelada aos textos jornalísticos.

Mas ao trabalhar com a fonte jornalística, importa pensar alguns aspectos metodológicos e também entender como os jornais podem e devem ser usados como fonte para a história. Até a década de 1970, a utilização de periódicos era percebida com suspeição

⁸³ Informação referente ao ano de 2017.

⁸⁴ Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, paraibano da cidade de Umbuzeiro, criou e administrou Os Diários Associados, grupo que ligava diversos jornais, uma revista de circulação nacional e mais tarde emissoras de rádio e televisão, tornando-se um dos mais influentes e poderosos grupos midiáticos existentes no Brasil. Cf. MORAIS, 1994.

pelos historiadores. Capelato (1988) diz que até a primeira metade do século XX havia duas formas divergentes dos historiadores encararem o texto jornalístico como documento: ou o via com desconfiança, ou o enaltecia. Duas visões conflitantes e limitadoras sobre o uso da fonte jornalística, portanto, duas maneiras contestáveis de se pensar o documento, pois sabemos que não existe neutralidade dos jornais e, mesmo de outras fontes, sobre os acontecimentos por eles reportados. E que também não devemos deixar de usar a fonte jornalística por conta da suspeição frente a ela, pois o papel do historiador ao analisar o documento é de confrontação, pois como disse Certeau (1982), Raymond Aron acabou com a noção de que a história reconstituía a verdade dos fatos ocorridos. “Desde então veio o tempo da desconfiança” (CERTEAU, 1982, p. 58). E é com essa desconfiança que o historiador olha para as suas fontes, tendo por certo que os documentos advêm de um lugar de produção e que o historiador também ao escolher seu objeto, sua documentação e a forma como vai criar sua narrativa, parte de um lugar institucional de produção. “É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam” (Idem, p. 57).

Luca (2005) ao refletir como o trabalho com fontes da imprensa é pensando, nos fala que só no final do século XX, com as mudanças ocorridas a partir da chamada terceira geração dos Annales, veio à baila um novo olhar sobre a história, com abordagens diferenciadas e novos objetos de estudo. A interdisciplinaridade também é importante neste processo de alargamento das fontes, que possibilitou aos periódicos passarem a ser utilizados de forma sistemática. As temáticas surgidas refletiam estas mudanças, o corpo, o mito, o inconsciente, a história das mulheres, tudo isso passou a fazer parte do repertório dos estudos históricos. A autora diz que o alargamento das fontes e dos temas se deu também por conta da transformação ocorrida no marxismo, que passou a pensar os aspectos culturais, abandonando a ortodoxia pautada no viés econômico. Com isto, os historiadores passaram a utilizar os periódicos para pensarem em como a cidade, o trabalho, e as questões de gênero eram abordadas. Jornais produzidos pelos sindicatos e diversos movimentos de trabalhadores, revistas mensais voltadas para o público infantil e feminino, a própria publicidade contida nestas revistas e jornais podem ser utilizadas como suporte para que o historiador perceba as mudanças ocorridas no modo de vida e na mentalidade das gerações.

Em 15 de janeiro de 1938, o jornal *Diário de Pernambuco* em matéria acanhada, escondida entre alguns anúncios, deu este título: “Seria verdadeira a notícia da morte de

Lampeão”⁸⁵. Sabemos que Lampião morreu no mesmo ano, mas meses antes o jornal trazia essa pequena reportagem, na verdade uma tentativa de levar ao leitor boatos que davam conta da morte do cangaceiro, pois havia muita suspeição por parte do texto jornalístico a respeito desse evento. Não foi a primeira vez que Lampião era dado como morto nas páginas dos jornais. Mas havia na notícia uma discussão sobre sua própria veracidade.

Cidade de Salvador, 14 (A.M) – “O Diário de notícias” insiste em dizer que é absolutamente verdadeira a notícia da morte de “Lampeão”. Na sua edição de hoje ataca o chefe de polícia de Sergipe, a proposito de seu telegrama desmentindo o fato (*DIÁRIO DE PERNAMBUCO*, 15 jan. 1938).

Na mesma matéria foi publicado um telegrama vindo de Maceió, que dava conta do engano cometido pelo *Diário de Notícias* sobre a morte de Lampião, inclusive trazendo a informação que não se sabia onde o cangaceiro estaria escondido. Houve uma tentativa para confirmar ou não a notícia. As autoridades de Aracajú nada sabiam desta morte, mas o *Diário de Notícias* continuava assegurando a informação e inclusive especulando a quem Lampião teria deixado a chefia do seu grupo.

Percebo nessa notícia truncada, cheia de desacertos e contradições, a expectativa da morte de Lampião. Mas esperar é algo penoso, cansativo, por isso, enquanto aguardavam a morte verdadeira, de vez em quando, sobre pequenos indícios, seu fim era noticiado e depois desmentido, usando como desculpa a intrincada e dificultosa rede de informações que permeavam o sertão da década de 30.

Outro aspecto importante da notícia sobre a possível morte de Lampião é que o discurso jornalístico não deixava espaços nas suas expectativas para dar a informação de um Lampião capturado, vivo, ferido, destronado, mas que pudesse falar. As páginas e os logotipos dos jornais manejados pelos tipógrafos a partir do texto datilografado ou escrito à mão pelo jornalista, desejavam com alarido noticiar a morte do “bandido”, do “Rei do Cangaço”, expressões comumente usadas nas matérias do periódico analisado.

A espera pelas mortes findou. No mesmo ano, no dia 29 de julho de 1938, o *Diário de Pernambuco* reservou sua primeira página para noticiar: “Lampeão e mais onze cangaceiros foram mortos pela polícia alagoana na fazenda Angicos”⁸⁶. Fotos das forças volantes que venceram a batalha contra Lampião, uma fotografia de Lampião em pé com seus equipamentos. A notícia reportada pelo *Diário de Pernambuco* foi escrita assim:

⁸⁵ Jornal *Diário de Pernambuco*, 15 jan. 1938.

⁸⁶ Jornal *Diário de Pernambuco*, 29 jul. 1938.

Cidade do Salvador, 28 (AM) – O Estado da Bahia, **em notícia sensacional**, diz que Virgulino Ferreira – “Lampeão” – foi morto em território alagoano a 12 quilômetros do limite com Sergipe (*DIÁRIO DE PERNAMBUCO*, 29 jul. de 1938) (Grifos nossos).

Com grande alarido e indisfarçável satisfação os telegramas que chegavam de várias cidades do interior nordestino mencionavam a mesma notícia: Lampeão estava morto. Na reportagem ao se referirem a Lampeão usavam muitas nomenclaturas: “Bandido”, “Chefe da Malta”, “Famigerado Rei do Cangaço”. Os homens que morreram foram chamados de seus “asseclas”, pegos desprevenidos no seu “covil”. O texto era de desumanização dos cangaceiros e legitimação da violência do Estado. As cabeças decepadas, em um primeiro momento, passaram como detalhes sem significância. Não houve em nenhum momento desta primeira reportagem um questionamento ou reprimenda ao ato. Mas em outras reportagens a decapitação dos cangaceiros é discutida.

Stéphane Audoin-Rouzeau (2006), nos fala que é no corpo que as experiências se dão. Os corpos entram em conflitos, são violados. “Na guerra, são os corpos que infligem a violência, mas também são os corpos que sofrem a violência” (Idem, p. 365). E esta violência infligida ao corpo dos cangaceiros foi motivo de espetacularização. Fotos de cabeças, descrição do martírio alimentava a excitação dos leitores das páginas dos jornais.

Foucault (1989) nos fala que no século XIX o corpo como alvo principal da repressão penal tinha deixado de ser utilizado no tocante a suplícios públicos, pois os mesmos passaram a ser vistos com temor pelas autoridades. No lugar das torturas físicas, o corpo passou a ser encarcerado, disciplinado e vigiado. O medo se dava no sentido de que o ato selvagem de supliciar os condenados na frente de todos poderia ser causa de comiseração. Isso aconteceu com Maria Bonita, sua cabeça degolada passou a ser alvo de curiosidade, os discursos sobre ela mudaram do aspecto criminal e passaram a também a ser de exaltação de sua coragem, valorizando o seu suplício e a fidelidade a Lampeão.

4.2. Elaboraões sobre Maria Bonita após a sua morte

*“E correm através da madrugada
A única velhice que chegou”
(Zé Ramalho)*

Vinte e sete anos foi a velhice que Maria Bonita conheceu. Morreu quase sem ver, segundo os testemunhos, foi tudo tão rápido, tão desencontrado. O momento temido havia finalmente chegado. Viu a morte de seu companheiro, ouviu os estampidos, sentiu o fim se aproximando, os tiros recebidos no ventre. Encolhida em um canto no meio das pedras, sentiu a lâmina fria separar sua cabeça do resto do corpo. Assim foi criada a polêmica. Estaria viva no momento da degola? Essa pergunta nunca poderá ser respondida por mim, nem tampouco este trabalho se propõe a isto, mas para os leitores do *Diário de Pernambuco* e para os especialistas do cangaço, este é um detalhe importante que faz de Maria Bonita ainda mais heroica e o ato dos policiais volantes ainda mais infame.

Rogou pelo Amante / Maceio 1 (D.P) – Noticia-se que ao cair Lampeão ferido, Maria Bonita implorou clemência dos soldados para o seu amante. Nesta ocasião foi baleada. A seguir, interrogada, respondeu que não tinha dinheiro. Pouco depois, cortaram-lhe a cabeça (*DIÁRIO DE PERNAMBUCO*, 02 ago. 1938)⁸⁷.

Além de amorosa, de ter rogado por Lampião, mostrava ser pela fala do soldado, uma mulher que vivendo no meio do mato se conservava bela. No desenrolar de todo o conflito, do horror das mortes, o soldado que disse tê-la degolado, reparou na sua pele e reportou aos jornalistas:

Viam-se numerosos mortos. O soldado Antônio Ferro pegou na cabeça de Virgolino e o soldado Panta decepou-a. Elle, Bertholdo, cortou a cabeça de Maria Bonita que estava caída perto do amante. O tiro a atingiu na altura do umbigo deixando os intestinos à mostra. Maria trajava um vestido de gurgurão de seda cor de cinza. Bertholdo disse ainda que o corpo de Maria Bonita não tinha uma só cicatriz, e que sua pelle era macia. (*DIÁRIO DE PERNAMBUCO*, 02 ago. 1938).

Quais crimes ela cometera para ser morta com tanta violência e sua morte ser tão naturalizada nos textos jornalísticos? No livro *Bonita Maria do Capitão*, uma coletânea de

⁸⁷ Jornal *Diário de Pernambuco*, 02 ago. 1938.

artigos e fotografias em homenagem ao centenário de Maria Bonita, Dantas (2011) questiona se Maria Bonita era uma bandida, uma criminosa como foi taxada na época anterior e posterior a sua morte. Dantas narra como ao entrevistar José Panta de Godoy, um ex-soldado volante, não se espantava quando o ex-volante chamava as cangaceiras de bandidas. Mas, com o tempo e aprofundamento na história do cangaço, percebeu que o título de criminosa para as mulheres cangaceiras era injusto, pois foram poucas a que de fato se envolveram de forma direta com os crimes praticados por seus companheiros. Sobre isso, o autor reflete que baseado nos testemunhos, Maria Bonita nunca cometeu um só crime.

No capítulo anterior falei da primeira vez em que o nome Maria Bonita foi utilizado para se referir a Maria Déa no *Diário de Pernambuco*, mas ironicamente no ano de 1938 o jornal fez muitas menções a outra Maria Bonita, esta saída do livro do escritor Afrânio Peixoto. Desde o ano de 1937 o jornal trazia notícias sobre o suposto filme, “Maria Bonita no cinema” foi a chamada para uma matéria do dia 31 de janeiro de 1937⁸⁸. O projeto de produzir o filme estava sendo visto como uma tentativa de alavancar o cinema nacional. Quando tudo sobre o filme ainda aparecia como promessa, o *Diário de Pernambuco* fazia uma prévia das sensações que o filme iria causar nas plateias brasileiras. Gilda de Abreu era a atriz cotada para dar vida à personagem principal, mas a edição do dia 07 de março de 1937 noticia que outra atriz tinha sido escolhida para o papel⁸⁹. A atriz chamava-se Eliane Angel e segundo a nota do jornal era uma mulher que tinha traços visíveis de beleza, como a personagem criada por Afrânio Peixoto.

O livro *Maria Bonita*, escrito em 1914 por Afrânio Peixoto, narra a história de uma moça pobre, mas que tinha nascido bela. Por isso desde muito pequena era chamada de Maria Bonita por todos.

Maria Bonita! Foi o nome que lhe deram, para traduzir em palavras a admiração feliz que todos sentiam, ao vê-la. Como não há só uma Maria no mundo, para distingui-la de outras da terra, a formosura do seu rosto e da sua presença fez ao povo rude na sinceridade, conferi-lhe esse apelido, pelo qual era conhecida em toda a redondeza (PEIXOTO, 1974 [1914], p. 18).

À medida que a menina crescia, sua formosura passou a ser alvo de cobiça, levando homens a cometerem violências para possuí-la. Por ser uma mulher sem fortuna, Maria Bonita passou a sofrer preconceitos e a viver com o ódio da população que invejava e cobiçava sua

⁸⁸ Jornal *Diário de Pernambuco*, 31 jan. 1937.

⁸⁹ Jornal *Diário de Pernambuco*, 07 mar. 1937.

beleza extraordinária. A personagem do livro de Afrânio Peixoto sofre por ser bela e perceber em determinado momento que sua beleza sobrepujava suas virtudes e que a fazia amargar muitos dissabores.

Em um primeiro momento, parece que a Maria Bonita – criada na ficção por Afrânio Peixoto, em 1914 –, nada tem a ver com a cangaceira alcunhada como Maria Bonita e que estando morta no ano de 1938 apareceu em muitos textos do *Diário de Pernambuco*. Porém, o historiador Frederico Pernambucano de Mello, em entrevista ao jornal *Diário de Pernambuco*, de 23 de março de 2014⁹⁰, diz ter descoberto por acaso, que a Maria Bonita cangaceira recebeu este nome de jornalistas do sudeste do país e que a inspiração teria sido a Maria Bonita criada por Afrânio Peixoto.

Se antes Maria Bonita mal era citada pelos jornais, depois de sua morte e nas notícias a respeito do ocorrido em Angicos, seu nome figurava em destaque junto ao de Lampião.

Cruel que também amava / Paris, 1 (A.N.) – O Paris-Soier dedica quatro colunas à morte de Lampeão com um artigo assinado por Jean Gear Fyry, o qual termina dizendo: “Lampião, o invulnerável Lampeão, era o cruel que também amava. E esta ferida de amor matou-o talvez melhor do que a bala da volante” (*DIÁRIO DE PERNAMBUCO*, 02 ago. 1938)⁹¹.

Maceio, 29 (D. P) – Maria Bonita, a companheira de Lampião, que com elle morreu, tinha por nome Maria de Déa. Era uma cabocla de grande beleza, de lindo perfil, de curvas perfeitas. Nasceu na Bahia, na fazenda Malhada da Caiçara, em Geremoabo. Casara-se com um sapateiro de nome José de Nenén, deixando-o por Lampião, a quem conheceu aos 24 anos. Do rei do cangaço tivera um filhinho em plena caatinga. Certa ocasião Lampeão quisera matar o próprio filho porque chorava muito quando elle dormia. Maria Bonita, bella e corajosa, atravessou-se a frente do filhinho, obrigando-o com isso que Lampeão baixasse a mão assassina que se levantava contra o inocentinho, o sangue do seu sangue. Maria Bonita amava Lampeão doidamente. Nunca o abandonava quando no combate. Com ele viveu, com ele morreu (*DIÁRIO DE PERNAMBUCO*, 30 jul. 1938)⁹².

Gruspan-Jasmin nos fala que a cabeça de Maria Bonita despertou curiosidade na população sertaneja, nos jornalistas e médicos. “Paradoxalmente todos os jornalistas insistiram na beleza do rosto de Maria Bonita” (GRUSPAN-JASMIN, 2006, p. 315). Na

⁹⁰ Jornal *Diário de Pernambuco*, 23 mar. 2014. (versão digital). Disponível em: <http://www.impresso.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/cadernos/viver/2014/03/23/interna_viver,83533/a-invencao-de-maria-bonita.shtml>. Acesso em: 04 jun. 2016.

⁹¹ Jornal *Diário de Pernambuco*, 02 ago. 1938.

⁹² Matéria: “A Imprensa de New York estampa com grande destaque as notícias da morte do rei do cangaço”. Jornal *Diário de Pernambuco*, 30 jul. 1938.

reportagem do correspondente especial dos Diários Associados, Afrânio Mello, é assim narrada a chegada das cabeças dos cangaceiros mortos em Angicos na cidade de Maceió⁹³. Segundo o texto, a cabeça de Lampião foi identificada por pessoas que o conheceram na sua vida como cangaceiro e mesmo antes da sua entrada no cangaço. A respeito de Maria Bonita o correspondente especial se esmerou mais ao fazer a narração sobre os restos mortais da cangaceira:

Conservada a cabeça de Maria Bonita / Quasi todas as cabeças dos cangaceiros estão em máo estado de conservação. Foram embebidas em álcool e em sal, mas isso não impediu que se d. compusessem rapidamente. A de “Maria Bonita”, entretanto é das melhor conservadas. A mulher de “Lampeão” não foi atingida por nenhuma bala no rosto, conservando uma physionomia serena, mostrando ter sido, em vida, um bello typo de cabocla nordestina, com as linhas do rosto perfeito, lábios finos e duros (MELLO, 1938).

O correspondente continua:

Bonita ainda depois de morta, serena, sem um rictus. E quando o público desfilava diante dos tropheos trágicos, muita gente se emocionou, vendo a cabeça de Maria Bonita, a sertaneja que fizera de Lampeão um heroe a seu modo, seu companheiro de 12 annos de tragédia através o sertão, enfrentando soldados, vencendo a galope as caatingas incendiadas pelos perseguidores (MELLO, 1938).

As elaborações sobre a beleza de Maria atingiram até mesmo os médicos. Gruspan-Jasmin (2006) narra que depois do desfile macabro das cabeças de Lampião, Maria Bonita e dos outros nove cangaceiros, as cabeças foram para o Instituto Médico-Legal de Maceió. O médico Lages Filho foi o primeiro a tomar as medidas das cabeças de Maria e Lampião. Ao examinar a cabeça de Maria Bonita o médico foi tomado do mesmo sentimento que movia as pessoas do povo, procurou a beleza tão difundida e acabou dizendo que o nome dela não desmentia os traços do seu rosto⁹⁴. Sobre isso, Gruspan-Jasmin faz a seguinte reflexão: “Parece, portanto, que Lages Filho não escapou à fascinação prenhe de fantasmas provocada

⁹³ Jornal *Diário de Pernambuco*, 03 ago. 1938.

⁹⁴ “A cabeça de Maria Bonita deu entrada às 22 horas do dia 31 de julho de 1938 no Serviço Médico Legal do Estado de Alagoas, em mau estado de conservação, razão por que não foi retirado o encéfalo, já reduzido a uma pasta esbranquiçada e amorpha que se escoava pelo orifício occipital. As partes moles infiltradas não permitira fossem melhor apreciados os traços physionômicos da companheira de Lampião, os quais, aliás, não pareciam desmentir o apelido que lhe deram”. (Exame Médico Legal da Cabeça de Maria Bonita executada pelo Dr. José Lages Filho, médico legista). In: LIMA; MARQUES, 2010, p. 49.

por Maria Bonita. Aquela que quando viva, pertencia de corpo e alma a Lampião, pertencia doravante àqueles que a estudavam” (GRUSPAN-JASMIN, 2006, p. 323).

O corpo vilipendiado, a violência do Estado inscrita nessas cabeças volantes, morte demonstrativa de poder, corpos examinados, medidos, perscrutados. As cabeças dos cangaceiros foram levadas para o Instituto Nina Rodrigues em Salvador. Ficaram em exposição para os homens de ciência e para os curiosos, o macabro era lançado aos olhos. Olhos desejosos de tragédia e violência, violência “civilizatória”. Os cientistas da época procuravam sinais de criminalidade nos corpos dos cangaceiros, queriam provar uma tendência nata para o crime, a maldade inscrita no corpo, incurável, “de nascença”. Esse “instinto bestial” dos cangaceiros só poderia ser combatido com o uso de extremas formas de violência. O salvo conduto para o Estado matar esses homens e mulheres estava nas teorias como as de Lombroso que qualificavam alguns com a marca de “degeneração”, o criminoso surgia assim como um “novo gênero”, o anormal que poderia ser identificado num exame clínico. Cabeças sem corpo, repletas de discursos médicos, criminais e jornalísticos.

Courtine e Vigarello (2006) falam do sucesso no século XIX da frenologia e antropologia criminal. Essas duas “ciências”, hoje e há algum tempo já são pensadas como uma pseudociência, mas também foram consideradas válidas e possuíram muitos adeptos. Os autores dizem que havia uma tentativa de relacionar as fisionomias com os comportamentos criminais. O corpo passava a ser como um mapa. O criminoso, portanto, era visto como um novo gênero na espécie humana. Pois o mesmo, no entendimento dos defensores da frenologia e antropologia criminal, nascia com características próprias. Sendo assim, nos processos criminais não só a narração do crime ou provas colhidas ou testemunhos eram importantes. O corpo do acusado passava a ser uma prova, houvesse as ditas características físicas que marcassem um perfil criminal, a palavra do réu não seria ouvida. Porém, o uso da frenologia e da antropologia criminal foi fugaz. “Sucesso frágil, sem sombra de dúvida: as medidas físicas logo se mostraram ambíguas, bem como o projeto considerado capaz de caracterizar qualquer “criminoso nato” (COURTINE; VIGARELLO, 2006, p. 346).



Figura 11: Médico legista Charles Pittex segura as cabeças mumificadas de Lampião e Maria Bonita.
Disponível em: <<http://www.historiaillustrada.com.br/2014/11/o-cangaco-12-fotos-e-7-fatos.html>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

Segundo Gruspan-Jasmin (2006), o jornalista Severino Barbosa fez uma reportagem denunciando que as peças – as cabeças de Maria Bonita e Lampião – não eram mais estudadas e estavam no museu apenas como parte de uma exposição macabra. Esse mesmo jornalista falou sobre o estado da cabeça de Maria Bonita e comentou que infelizmente não havia encontrado a tão propagada formosura dela. Depois de morta, um homem escreve que se decepcionou porque a Maria dita Bonita não fazia jus à sua fama:

Observado a cabeça deformada de Maria Bonita, o jornalista constatava com amargor que doravante era impossível descortinar nela qualquer traço de beleza, pois não passava de um “monte de ossos e pele, de uma coisa horrível e irônica em relação ao nome dela. Ninguém consegue vê-la sem demonstrar repugnância” (Idem, p. 338).

Depois de sua morte, o jornal apresenta aos seus leitores uma Maria Bonita amorosa, mãe cuidadosa, não se esquecendo de salientar a sua beleza cabocla. Se em 1936, na reportagem citada no capítulo anterior, ela apareceu como criminosa capaz de dar chineladas na face de um pobre sertanejo, em 1938, com sua morte, os discursos são no sentido de afastá-la da criminalidade, colocando-a como uma mulher que tinha sido levada para o cangaço por um impulso de paixão. A mulher chamada de Maria Bonita foi afastada discursivamente das armas, quando foi realçada sua feminilidade e seu amor por Lampião. Sobre a visão a respeito das mulheres e sua participação em conflitos armados Wolff reflete:

As armas e as guerras têm sido associadas à masculinidade. É como se a violência fosse uma exclusividade masculina, uma forma de “provar que é

homem”, e como se as armas só pudessem ser usadas por homens. A participação de mulheres em lutas violentas é geralmente esquecida, dificilmente reconhecida. Entretanto, apesar disso, de alguma maneira, as mulheres sempre estiveram envolvidas em guerras, revoltas e guerrilhas (WOLFF, 2012, p. 433).

No livro *Presos que menstruam* (2015), da jornalista Nana Queiroz, as penitenciárias brasileiras são retratadas no tocante à condição de aprisionamento de mulheres e dos seus filhos que permanecem com as mães até os seis meses de idade, período mínimo para a amamentação. As histórias se repetem: o desespero de ver o filho passando fome ou doentes sem assistência médica, a atração por homens violentos são, segundo essa narrativa, os principais motivos que precipitam as vidas dessas mulheres na tragédia das prisões brasileiras. Assim aparecem mulheres tomadas pela “irracionalidade” da paixão, ou pela compaixão com filhos e outros familiares.

O contexto histórico é bastante diverso entre as cangaceiras da década de trinta do século XX e as mulheres aprisionadas na atualidade, mas os preconceitos sofridos e também os lugares sociais atribuídos ao feminino são em vários aspectos bem semelhantes. Outro ponto em comum a respeito de mulheres envolvidas com a criminalidade na década de 30 ou as que vivem na atualidade é que não há muitos estudos sobre a criminalidade feminina no Brasil, e isso se dá “pelo fato de os autores que vem se dedicando a essa temática não diferenciarem a criminalidade feminina da masculina” (FRANÇA, 2013, p. 213).

Essas narrativas são muitas vezes aplicadas quando se trata de pensar as formas de inserção das mulheres na vida revolucionária e política ou mesmo no mundo da criminalidade. Há quase sempre a figura masculina que lidera, “engana”, “ilude” com promessas de amor eterno. A tão falada “sensibilidade” feminina é acionada como justificativa, deixando-se de lado os anseios das mulheres envolvidas, elas são geralmente percebidas como vítimas de uma trama e assim é tirado o seu protagonismo. No caso das cangaceiras, fazendo dessas mulheres pessoas que se sacrificaram pelo amor, os autores justificam a entrada delas no grupo, dando-lhes dignidade, elogiando sua conduta ao reafirmar que saíram de uma vida pacata para viver com bandidos não para participar da violência como criminosas e sim com o fito de amarem plenamente seus homens.

No artigo intitulado *A mulher e a criminalidade*, veiculado no jornal Diário de Pernambuco, do dia 23 de agosto de 1938, escrito pelo desembargador João Aureliano⁹⁵,

⁹⁵ Jornal *Diário de Pernambuco*, 23 ago. 1938.

“Membro do Tribunal de Apelação”, há a seguinte narração sobre as motivações para que Maria Bonita decidisse viver com Lampeão:

As causas que acentuaram no espírito de Maria Bonita impelindo-a ao abandono da família e do rincão onde nascera e se criara, para atirar-se a vida aventureira do cangaço e do crime, em companhia de Lampeão, de cujo destinos partilhou sem discernimento, numa hora de eclipse da consciência em que o bem e mal se confundiram, são todas de ordem psicológicas, moral, econômica e social. O casamento com o sapateiro Zé de Neném não lhe foi propício. A felicidade almejada não lhe adveio desse infeliz enlace. Separada do marido por motivos íntimos, que as informações não esclarecem, vivia em companhia de seus progenitores sob a terrível ameaça de ser assassinada pelo esposo, segundo dizem as notícias sobre sua vida conjugal. Ao seu espírito de sertaneja rude e inexperiente aflorou então, sob o império dessas circunstâncias uma idéia macabra: agregar-se ao grupo de Virgolino Ferreira, como companheira fiel do famoso bandido. As sugestões do cangaço, as façanhas quasi lendárias do acelerado exerceram certamente forte impressão em sua alma solitária e torturada, aberta a esses máis influxos. Um dia teve a levandade de dizer em publico que se Lampeão aparecesse no povoado em que ella tinha residencia, incorporar-se-ia ao bando sinistro do bandoleiro, que era a féra que devastava e enlutava os sertões nordestinos. Foi um sonho que se tornou efectiva realidade. Aos ouvidos do faccionero chegou a alviçarreira noticia de que a mais linda flor dos prados sergipanos oferecia-lhe como um fructo silvestre, a sua formosura e as primicias de seus affecto. Attrahido pela aventura, o celebre bandoleiro foi logo ao encontro de Maria Bonita e, depois de um intimo colloquio, levou-a em sua companhia para a vida e também para a morte, como tragicamente succedeu, aos primeiros raios audos facinorosos, nas fraldas das serranias de Angicos. Morreu soluçando ainda uma súplica pela vida do desalmado amante, balbuciando uma prece pelo sombrio destino de sua alma negrada. E entre as figuras sinistras de colerados, de eraneos desformês, faces estigmatizadas, destaca-se a cabeça de Maria Déa, a bella morena sertaneja, com as suas linhas suaves, fronte alta, larga, sombrancelhas arqueadas, como nos quadros de Boticelli, semblante doce, sereno o de um martyr ou de uma santa. (AURELIANO, 1938).

A citação é longa, mas se faz necessária, pois as minhas palavras não seriam tão ricas nos seus significados. O respeitado desembargador escreve um texto que pretendeu explicar aos leitores as motivações para Maria Déa adentrar no mundo do cangaço. Ao seu ver, Maria Déa possuía uma alma rude e vivia sem consciência dos seus próprios atos. Era no seu discurso, uma leviana, que valia apenas por sua beleza. Depois de morta era até serena, com face de santa. Neste discurso, a morte violenta a purificou. Morta, seu corpo pertencia a todos, cada um, à sua maneira, poderia escrever sobre seus restos mortais como numa folha em branco.

4.3. O cordel como propagador das notícias sobre a morte de Lampião e Maria Bonita

Com a morte de Lampião, a produção da literatura de cordel tomou novas dimensões, o herói morto não poderia deixar de protagonizar as mais inusitadas histórias. O fantástico, algo tão caro ao sertanejo, imprime nos versos as novas páginas de um Rei do Cangaço transcendental, assim Lampião foi ao inferno, encontrou Patativa do Assaré no portão do céu, debateu com o Padre Cícero, se candidatou à presidência da República, só para citar algumas das estripulias feitas por ele na literatura de cordel⁹⁶. Dessa forma, percebemos que os cangaceiros se tornaram personagens imortais, que nos cordéis tinham o poder de dialogar com o presente, entrar no céu ou no inferno quantas vezes quisessem, encontrar-se com outros personagens significativos para a vida nordestina. Lampião e os outros cangaceiros são transfigurados em mitos pela literatura popular:

O capítulo do cordel sobre os cangaceiros mais famosos não se encerraram com sua morte e com os eventos contemporâneos a Angicos. Os cinquenta anos seguintes trarão ainda muitas histórias novas – algumas baseadas nos velhos folhetos e até certo ponto, na realidade histórica, outras totalmente ficcionais, ampliando o mito do cangaço (CURRAN, 2003, p. 75).

Em nota à segunda edição do seu livro *Guerreiros do Sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil*, Frederico Pernambucano de Melo, ressalta a importância da poesia popular no sertão nordestino e seu papel na formação das narrativas sobre o cangaço. As histórias de valentia eram as mais cantadas, os cordelistas levavam aos sertanejos os últimos feitos da vida cangaceira. Coadunado com as palavras de Mello ao dizer:

Ao tempo de suas produções foram também repórteres, correspondentes de guerra, os mais ousados. (...) Por muito tempo, o cantador repórter foi o único a ter suas notícias circuladas nos ermos sertanejos, disputando com a sagacidade do cigano o negócio da novidade no deserto (MELLO, 2011, p. 23-24).

Tanto era uma literatura de caráter informativo que com a difusão dos periódicos e com o maior acesso ao rádio, houve muita especulação sobre se a literatura de cordel ainda teria espaço caso disputasse com esses outros dois meios de informação. Mas Melo diz que:

⁹⁶ Refiro-me aos folhetos de cordel: *A chegada de Lampião ao inferno*, de José Pacheco; *O encontro de Lampião, Luiz Gonzaga e Patativa no portão do céu e a chegada de Lampião no inferno*, s/d; *Lampião e Padre Cícero num debate inteligente*, 2004 e *A candidatura de Lampião para presidente da República*, s/d.

“A despeito da fatídica profecia de Silvio Romero, que decretou o desaparecimento da literatura de folhetos em razão do sucesso dos jornais, a literatura de cordel se beneficiou fartamente do crescimento da imprensa” (MELO, 2010, p. 62).

Para além disso, Frederico Pernambucano cita exemplos de cangaceiros poetas que narravam a vida e a luta das quais participavam como protagonistas. “Rio Preto, no quartel final do século XIX, foi cangaceiro e cantador apreciado na fronteira da Paraíba com Pernambuco, dele não se sabendo mais temido por conta dos desafios ou das brigadas em que se envolveu” (MELLO, 2011, p. 24).

Em sua dissertação, Viviane Resende fala da importância da literatura de cordel como propagador de notícias no sertão nordestino no começo do século XX. Para isso, ela traz o depoimento do cordelista e atual presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, Gonçalo Ferreira da Silva:

A partir de 1920, até chegar o momento culminante da literatura de cordel no Nordeste como veículo de comunicação, o folheto de cordel superou todos os veículos existentes no momento, até mesmo o jornal. Era muito comum chegando as locomotivas, as marias-fumaças, madrugarem nas estações ferroviárias naquele tempo, trazendo jornais com as notícias de maior impacto social e os camponeses dizendo: “Não, rapaz, isso é conversa de jornal, rapaz! Você não acredite! Você só acredite se sair no cordel, no folheto, no fim de semana”. E assim foi com a própria morte de Getúlio Vargas na década de 50, em 54, né? E mais anteriormente com a morte de Corisco em 1940, com a morte de Lampião em 1938. E o pessoal não deu crédito nenhum aos jornais. O pessoal só dava crédito se realmente aparecesse uma notícia na literatura de cordel. E nesse fato da morte de Corisco, quando ele faleceu no dia 27 de maio de 1940, o pessoal desacreditou na notícia que o jornal trouxe. E só veio realmente ratificar com segurança a morte de Corisco quando, no fim de semana, saiu o folheto de Moisés Matias de Moura anunciando em “martelo agalopado” a morte de Corisco (Depoimento retirado de: RESENDE, 2005, p. 99).

Ainda segundo Mello (1993), a população tinha uma visão sobre o cangaço que era conflitante da visão oficial:

A cultura sertaneja abonava o cangaço, malgrado o caráter criminal declarado pelo oficialismo, com as populações indo ao extremo de torcer pela vitória dos grupos com que simpatizavam, quase como se dá hoje nos torneios entre clubes de futebol. A legenda dos capitães de cangaço mais famosos vai sendo esculpida de forma sedimentar pelos versos dos cantadores de feira, emboladores e cegos rabequeiros, todos dispostos a cantar a última façanha de guerra dos grupos de sua preferência (MELLO, 1993, p. 28).

Acredito que há exagero nesta afirmação de Mello, pois me parece que o lado cruel do cangaço também rondava fortemente o imaginário da população sertaneja, havendo assim muito temor das populações ameaçadas pelas investidas violentas dos bandos. O cangaço festivo, repleto das indumentárias belas e artisticamente forjadas está muito presente na historiografia do cangaço; histórias de heroísmo e coragem são sobrepostas a outras de violência. A violência mesmo quando aparece é de certa forma suavizada, as vítimas, a meu ver, são vitimadas novamente por um discurso que as silencia, fazem delas apenas objeto de curiosidade sobre a brutalidade do cangaceiro. A distância histórica apresenta um tipo de visão do cangaço de certa exaltação aos feitos cangaceiros em detrimento dos desarranjos sociais provocados por eles. Corroboro com a opinião de Queiroz quando afirma que:

Na literatura erudita ou mais elaborada, principalmente na literatura recente, os aspectos negativos foram se diluindo em favor dos positivos. O inegável bandido da literatura de cordel e dos livros mais antigos foi tomando ares de cavaleiro andante, defensor dos fracos e oprimidos. E num último avatar, passou a ser o oposto do “coronel”, opressor dos pobres, a quem combate como um verdadeiro “Robin Hood”, o “bandido social” de que fala Eric Hobsbawm (QUEIROZ, 1977, p. 16).

A morte de Lampião e a vingança de Corisco é título de um cordel divulgado na Parahyba, em 02 de agosto de 1938, portanto menos de uma semana após a morte de Lampião e Maria Bonita. O autor José Vieira, na última página do seu folheto avisa aos leitores: “este livrinho foi rimado com alguns tópicos do *Diário de Pernambuco*, *União*, *Jornal do Comércio* etc” (VIEIRA, 1938, p. 16). O autor tentava mostrar assim aos seus leitores que, se seus não versos passavam de invencionices, era um relato fidedigno, retirado daqueles jornais tão prestigiosos e que carregavam para a população em geral um lugar de autoridade sobre a verdade.

Lampeão já é conhecido
De toda população
O bandido mais temível
Que já houve no sertão
Roubava por brincadeira
Atacava qualquer feira
Matava por distração

Fez do Rifle profissão
E do sertão fez senzala
Das pedras fez protector
Pra defender-se da bala

Fez do chapéu sua casa
Onde só ele morava
Da maca fez sua mala

No matto ele habitava
Cheio de ódio e pavor
Era um segundo Nero
O homem mais traidor
Elle brigava com cem
Não respeitava ninguém
Do sertão era senhor

(VIEIRA, 1938, p. 01)

O cordelista reproduzindo muito do discurso jornalístico, mostra o bandido temível, o famigerado, infame, sem respeito às autoridades e muito menos às famílias sertanejas. O cordelista rima estas mortes com júbilo.

No cordel *A Morte de Lampião*, do cordelista Manuel Tomás de Assis, escrito no ano de 1938, o autor narra as malvadezas de Lampião e de seu grupo de criminosos, que segundo ele possuía até mulheres assassinas. Assim, confirmamos a oposição feita por alguns dos cordelistas aos cangaceiros, principalmente contemporâneos aos fatos de Angicos. Sobre Lampião, o cordelista diz:

O leitor já está convicto
Da morte de Lampeão
Aquele fera terrível
Que alarmava o sertão
Conhecido por Virgulino
O mais feroz assassino
Que se viu numa nação.

(ASSIS, 1938, p. 01)

Com a morte de Lampião e Corisco, o cangaço saiu dos jornais, foi esquecido e silenciado, afinal cangaço representava o atraso da região e, acabado, precisava também ser extinto da memória. Os cordéis contribuíram fortemente para que essa história não fosse esquecida, pois pelo seu modo de produção e circulação, sobreviviam à censura imposta pelo governo. “Estes homens permanecem vivos, no entanto, na memória popular, nas produções culturais populares. O cangaceiro se torna um mito, no momento em que deixa de fazer história” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 230).

Com a morte dos cangaceiros, seus crimes foram esquecidos, a violência que cometeram foi silenciada. Não apareciam mais nos jornais tendo seus crimes enumerados. Surgiam fortes, lutando por justiça, vingando a família ofendida, massacrados, românticos, viravam heróis representados na literatura de cordel.

O cordel, ao contar essas histórias, criou o romance na escrita, elegeu dois protagonistas e “inventou” as imagens e o amor de Maria Bonita e Lampião. Tais imagens, apesar de terem sido elaboradas de modo literário, acabaram contribuindo para a codificação e cristalização de seus enunciados no imaginário popular, ou seja, se configurando como um poder que, ao se instituir, se positiva e gera saberes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciar um trabalho é difícil, porém mais difícil que o começo é a finalização. Na partida ainda há muitas possibilidades de análises, de leituras e mesmo de mudanças. Ao escrever este trabalho mudei muito e comigo ele foi mudando. Em alguns momentos questioneei a relevância da minha pesquisa, pensei em como ela poderia afetar a mim e as outras pessoas. Minha dissertação foi se constituindo quase como um ser humano. Nascia e renascia, as palavras eram paridas, algumas com dor. Uma dor interior porque o processo da escrita é solitário. Dor mas também medo. Encaixar os adjetivos nas frases, edificar mundos de palavras e ao mesmo tempo manter o rigor exigido de um trabalho acadêmico causa alguns receios. Mas ver o texto nascer e crescer é motivo de intensa alegria.

Este trabalho reflete sobre as escritas a respeito de Maria Bonita – mulher, jovem, ousada, impetuosa, amante, cangaceira, carregada de humanidade. Nem a tentativa de desumanização, infligida pelos seus inimigos, quando separaram seu corpo da sua cabeça, a desumanizou. Pelo contrário, potencializou sua história e trouxe à tona um campo de disputas. Não só em torno de Maria Bonita, mas disputas discursivas sobre a feminilidade. Uma feminilidade construída discursivamente pelos homens, feminilidade que atendia às expectativas do masculino. Mesmo vivendo em um regime de excepcionalidade, Maria Bonita ainda foi/é pensada pelo viés da domesticidade, da maternidade e da beleza.

A documentação existente é extensa e se repete. As narrativas são quase sempre as mesmas, mas nas suas similitudes pude perceber também as diferenças. Muitas vezes detratada, outras muitas, exaltada. “Rainha sertaneja”, mulher “guerreira”. Guerreira, adjetivo utilizado vezes sem conta para designar as mulheres que sofrem, que mantêm duplas jornadas de trabalho, ganham salários menores, mas se mantêm “belas”, suaves, amorosas, “maternais” e “femininas”. São, portanto, guerreiras, pois transitam mesmo em um campo de batalhas diárias pelos direitos à vida, à sexualidade, ao aborto, ao andar livremente pelas ruas.

Mas por que trago nas minhas considerações finais estas discussões tão do presente? Porque parti das indagações do presente para olhar o passado. E neste passado, tão próximo, estas mulheres também eram guerreiras, pois não tinham controle sobre sua sexualidade, nem leis que de fato as protegessem, nem compreensão por parte da sociedade em que viviam, caso dessem, voluntária ou involuntariamente um “mau passo” rumo à prática sexual. Quando andavam com seus companheiros pelas caatingas, engravidavam, algumas procuravam raízes abortivas, outras levavam a gravidez até o fim, tendo seu corpo como uma incubadora, pois

depois do parto o filho era levado embora, deixando apenas a lembrança e as marcas de uma maternidade que não se completava.

Espero que este texto seja lido e entendido por qualquer pessoa. Passe emoção. E faça refletir, pois neste percurso sempre tive em mente que o papel do acadêmico não é o de se fechar em grupos e fazer da universidade um lugar fora do mundo, mas sim um ambiente propício a partilhar conhecimentos e possibilitar mudanças na sociedade.

Desejo que este trabalho abra caminhos para muitos outros, seja espaço de novas escrituras. No projeto que apresentei na seleção para ingresso na turma 2015 do PPGH da UFPB, uma das primeiras frases dava conta de como a história do cangaço já havia sido explorada de diversas formas, mas que eu tinha algo novo para acrescentar. Acredito que em meio a todas as dificuldades e novidades ocorridas nestes dois anos e meio de mestrado, consegui, à minha maneira, lançar sobre esse pano de fundo um novo olhar. Espero que a partir deste, muitos outros olhares sejam lançados sobre Maria Bonita e as outras cangaceiras, pois muito ainda existe a ser dito e analisado.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Capistrano de. **Capítulo de história colonial: 1500-1800**. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1998.
- ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de. **Representação temática da informação na literatura de cordel**. Curitiba: Editora Appris, 2013.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.
- _____. “Quem é froxo não se mete”. Violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino. **Projeto História**, São Paulo, v. 19, 1999. Disponível em: <revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/10928/8089>. Acesso em 19 abr. 2015.
- _____. **Nordestino: a invenção do falo**. São Paulo: Intermeios, 2013.
- ALGRANT, Christine Pevitt. **Madame de Pompadour: Senhora da França**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- ALMEIDA, Argus Vasconcelos de. **Saberes e Práticas de Cura no “Lunário Perpétuo” de Gerónimo Cortés (1555-1615) e Sua Influência no Nordeste Brasileiro**. Olinda: EDUFRPE, 2012.
- ARAÚJO, Germana de. Retratos e relatos sobre Maria Bonita na fotografia de Benjamin Abrahão. In: **Bonita Maria do Capitão**. Vera Ferreira; _____ (Orgs.). Salvador: EDUNEB, 2011.
- ARAÚJO, Patrícia Cristina de Aragão. A cultura dos cordéis: território(s) de tessitura de saberes. 2007. **Tese** (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB.
- AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane. Massacres: o corpo e a guerra. In: **História do Corpo: as mutações do olhar - O século XX**. Jean-Jacques Courtine [et al] (Orgs.). Petrópolis: Editora Vozes, 2011.
- BARBOSA, Clarissa Loureiro Marinho. As representações identitárias do feminino no cordel: do século XX ao século XXI. 2010. **Tese** (Doutorado em Letras e Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE.
- BARRETO, Sérgio Alberto Menezes. A História do cangaço enquanto atrativo turístico: o caso do produto Xingó (Canindé de São Francisco – SE). 2004. **Dissertação** (Mestrado em Cultura e Turismo), Programa de Pós-Graduação em Cultura e Turismo, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus-BA.
- BARROSO, Gustavo. **Almas de lama e de aço: Lampião e outros cangaceiros**. Fortaleza: ABC Editora, 2012a.
- _____. Heróis e Bandidos. **Os cangaceiros do Nordeste**. Fortaleza: ABC Editora, 2012b.
- BEEVOR, Antony. **Berlim 1945: a queda**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.
- BEZERRA, João. **Como dei cabo de Lampeão**. Recife: Top Produções Gráficas, 2013.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História: ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BOGADO, Ana Patrícia Chagas. **Maria Madalena**: O feminino na luz e na sombra. Rio de Janeiro: Editora Lucerna 2005.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução de Sérgio Góes de Paula. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CADORIN, Adilcio. **Anita Garibaldi**: Guerreira da Liberdade. São Paulo: Editora Nova Cultural LTDA, 2003.

CARVALHO, José Murilo de. Fundamentos da política e da sociedade brasileiras. In: **Sistema Político Brasileiro**: uma introdução. Lúcia Avelar; Antônio Octávio Cintra (Orgs.). Rio de Janeiro: Fundação Konrad-Adenauer-Stiftung; São Paulo: Fundação UNESP Editora, 2004.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 1988.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião o rei dos cangaceiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____. **Os Feitosas e o sertão dos Inhamuns**. Fortaleza: Edições UFC, 1981.

CHARTIER, Roger. Literatura e História. **Topoi**, Rio de Janeiro, 1999, n. 1. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/topoi/v1n1/2237-101X-topoi-1-01-00197.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

CIDRÃO, Raimundo S. **Biografia da Jovem Benigna Cardoso da Silva**: heroína da castidade. s/d. Disponível em: <<http://jovembenigna.blogspot.com.br/p/biografia-da-jovem-benigna.html>>. Acesso em: 30 abr. 2016.

COSTA, Alcino. **Lampião o mata sete**. Nov. 2011b. Disponível em: <<http://cariricangaco.blogspot.com.br/2011/11/lampiao-o-mata-sete-poralcino-alves.html>>. Acesso em: 16 jan. 2017.

COSTA, Gutemberg. **A Presença Feminina na Literatura de Cordel no Rio Grande do Norte**. Mossoró: Queima Bucha, 2015.

COURTINE, Jean Jacques; VIGARELO, Georges. Identificar: traços, indícios, suspeitas In: **História do Corpo**: as mutações do olhar – O século XX. _____. [et al]. (Orgs.). Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

CURRAN, Mark J. **História do Brasil em Cordel**. São Paulo: EDUSP, 2003.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2011.

DÓRIA, Carlos Alberto. **O cangaço**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

DUTRA, Wesley Rodrigues. Nas trilhas do “Rei do Cangaço” e de suas representações (1922-1927). 2011. **Dissertação** (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1980.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. In: **História das Mulheres no Brasil**. Mary Del Priore; Carla Bassanezi Pinsky. (Orgs.). 10. ed. 3. reimp. São Paulo: Contexto, 2015.

FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil**. Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

FERREIRA, Antonio Celso. A Fonte Fecunda. In: **O historiador e suas fontes**. Carla Bassanezi Pinsky; Tania Regina de Luca (Org.). São Paulo: Editora Contexto, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**: Edição Histórica 100 anos. Curitiba: Editora Positivo, 2010.

FERREIRA, Vera; ARAÚJO, Germana Gonçalves de (Orgs.). **Bonita Maria do Capitão**. Salvador: EDUNEB, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 02 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 23. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

_____. **Vigiar e punir**: História da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1989.

FORTUNATO, Maria Lucinete. Representações do cangaceiro: Invenções, controvérsias e recorrências. In: **Nordestes e nordestinidades** – Histórias, representações e religiosidades. Rodrigo Ceballos [et al] (Orgs.). Campina Grande: EDUEFCG, 2012.

FRANÇA, Marlene Helena de Oliveira. Criminalidade e prisão feminina: uma análise da questão de gênero. **Revista Ártemis**, João Pessoa, 2014, v. 18, n. 1. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/viewFile/22547/12510>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

FREITAS, Ana Paula Saraiva de. A presença feminina no cangaço: Práticas e representações (1930-1940). 2005. **Dissertação** (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual Paulista, Assis-SP.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Oralidade, memória e mediação do outro: práticas de letramento entre sujeitos com baixo nível de escolarização – o caso do cordel (1930-1950) **Educ. Soc.**, v. 23, n. 81, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13934.pdf>>. Acesso: 22 abr. 2015.

GRUSPAN-JASMIN, Élise. **Lampião**: Senhor do Sertão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

GUIA ILUSTRADO TV GLOBO: novelas e minisséries/ Projeto Memória Globo – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

HIGONNET, Anne. Mulheres, imagens e representações. In: **História das Mulheres no Ocidente**. Georges Duby; Michelle Perrot (Orgs.). Porto: Edições Afrontamento, 1991.

HONÓRIO, Maria das Dores. Cabra-macho, sim senhor! Um estudo sobre a masculinidade no nordeste do Brasil. Seminário Nacional Sociologia e Política, 1, 2009. Curitiba/PR. **Anais...**

Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/site/evento/SociologiaPolitica/GTs-ONLINE/GT1/EixoIII/cabramacho-Maria-Dores-Honorario.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2016.

JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. **Coronelismo**: uma política de compromissos. São Paulo: Brasiliense, 1984.

JOFFILY, José. **Anayde**: Paixão e Morte na Revolução de 30. Rio de Janeiro: Record, 1983.

KALIFA, Dominique. Virilidades Criminosas? In: **História da Virilidade 3**: A Virilidade em crise? - Séculos XX-XXI. Jean-Jaques Courtine (Org.). Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

KNIBIEHLER, Yvonne. **História da Virgindade**. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

LAGE, Lana; NADER Maria Beatriz. Da legitimação à condenação social. In: **Nova História das Mulheres**. Carla Bassanezi Pinsky; Joana Maria Pedro (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2012.

LANDIM, Teoberto. **Seca**: a estação do inferno. Fortaleza: Editora UFC, 2005.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, Enxada e Voto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

LIMA, Estácio de. **O mundo estranho dos cangaceiros**. 3. ed. Salvador: Edições ALBA, 2014.

LINS, Daniel. **Lampião o homem que amava as mulheres**. São Paulo: Annablume, 1997.

LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: **Fontes Históricas**. Carla Bassanezi Pinsky (Org.). São Paulo: Contexto, 2005.

LUSTOSA, Isabel. **Dom Pedro I**: Um herói sem nenhum caráter. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MONLEVADE, João Antônio. Apresentação. In: Ilsa Fernandes Queiróz. **Mulheres no cangaço**: amantes e guerreiras. Ceilândia-DF: Idéa Editora, 2005.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Quem Foi Lampião**. Recife: Editora Stahl, 1993.

_____. **Guerreiros do sol, violência e banditismo no Nordeste do Brasil**. São Paulo: Girafa, 2011.

_____. **Estrelas de Couro**: A estética do cangaço. São Paulo: Escrituras, 2012a.

_____. **Benjamin Abrahão**: entre anjos e cangaceiros. São Paulo: Escrituras, 2012b.

MELO, Rosilene Alves de. **Arcanos do verso**: trajetórias da literatura de cordel. Rio de Janeiro: 7 letras, 2010.

MENDES, Beatriz. Lampião era Gay? **Carta Capital**. São Paulo, Abr. 2012. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/cultura/lampiao-era-gay>>. Acesso em: 16 jan. 2017.

MENEZES, Eduardo Diatay Bezerra. Para uma leitura sociológica da literatura de cordel. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 8, n. 1, 1997. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/9877>>. Acesso em: 22 abr. 2016.

MORAIS, Fernando. **Chatô**: o rei do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

NASCIMENTO, Luiz. **História da Imprensa de Pernambuco (1821/1954)** – v. 1: Diário de Pernambuco. Recife: Imprensa Universitária, 1968.

NASCIMENTO, Geraldo Maia do. **Amantes Guerreiras: A presença da mulher no cangaço**. Natal: Sebo Vermelho, 2015.

_____. **Jararaca: prisão e morte de um cangaceiro**. Natal: Sebo Vermelho, 2016.

NOBRE, Edianne dos Santos. Incêndios da Alma: A beata Maria de Araújo e a experiência mística no Brasil dos Oitocentos. 2014. **Tese** (Doutorado em História Social) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ.

OLIVEIRA, Bismarck Martins. **Histórias do cangaço: o saque de Sousa-PB**. Campina Grande: Impressos Adilson, 2009.

OLIVEIRA, Maurício. **Amores proibidos na história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

OLÍMPIO, Domingos. **Luzia-Homem**. São Paulo: Martin Claret, 2014.

PAIVA, Manuel de Oliveira. **Dona Guidinha do Poço**. São Paulo: Ática, 1981.

PEIXOTO, Afrânio. **Maria Bonita**. Rio de Janeiro. Ediouro, 1974.

PEREIRA, Auricélia Lopes. O rei do cangaço e os vários Lampiões. 2000. **Dissertação** (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE.

PERICÁS, Luiz Bernardo. **Os cangaceiros: ensaio de interpretação histórica**. São Paulo: Boitempo, 2010.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: Operários, mulheres, prisioneiro**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

_____. História das mulheres e história de gênero: um depoimento. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 11, 1998.

_____. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e literatura: uma velha nova história. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, 2006. Disponível em: <<https://nuevomundo.revues.org/1560>>. Acesso em. 22 mai. 2015.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **História do Cangaço**. São Paulo: Global, 1982.

_____. **Os cangaceiros**. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

QUEIROZ, Nana. **Presos que menstruam**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

QUEIROZ, Rachel de. **Memorial de Maria Moura**. São Paulo: Siciliano, 1992.

RAGO, Luzia Margareth. De Eva a Santa, a dessexualização da mulher no Brasil. In: **Recordar Foucault**. Renato Janine Ribeiro (Org). São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. As mulheres na historiografia brasileira. In: Zélia Lopes Silva (Org.). **Cultura Histórica em Debate**. São Paulo: UNESP, 1995.

REGO, José Lins do. **Cangaceiros**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

RESENDE, Viviane Melo. Literatura de cordel no contexto do novo capitalismo: o discursos sobre a infância nas ruas. 2005. **Dissertação** (Mestrado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília-DF.

ROCHA, Patrícia. **Mulheres sob todas as luzes**: a emancipação feminina e os últimos dias do patriarcado. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2009.

ROLIM. Francisco Sales Cartaxo. **Do bico de pena à urna eletrônica**. Recife: Edições Bagaço, 2006.

_____. **Guerra ao fanatismo**: A diocese de Cajazeiras no cerco ao padre Cícero. Olinda: Livro Rápido, 2016.

RODRIGUES, Nina. **As coletividades anormais**. Brasília: Editora do Senado Federal, 2006.

ROSA, Susel Oliveira da. **Mulheres ditaduras e memórias**. São Paulo: Intermeios, 2013.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

SARMENTO, Guerhansberger Tayllow Augusto. Nas redes das memórias: As múltiplas faces do cangaceiro Chico Pereira. 2016. **Monografia** (Trabalho de Conclusão de Curso), Curso de Licenciatura em História, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras-PB.

SCHUMAER, Shuma; BRAZIL, Érico Vital (Orgs.). **Dicionário mulheres do Brasil**: de 1500 até a atualidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

SILVA, Alômia Abrantes. Paraíba, Mulher-Macho: Tessituras de gênero, (desa)fios da História (Paraíba, século XX). 2008a. **Tese** (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. **Vertentes e evolução na literatura de cordel**. Mossoró: Queima Bucha, 2008b.

SOBREIRA, Ivan Bichara. **Carcará**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1984.

_____. **Joana dos Santos**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1995.

SWAIN, Tânia Navarro. A construção imaginária da história e dos gêneros: o Brasil no século XVI. **Textos de História**, Brasília, v. 4, n. 2, 1996. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/5789/0>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

_____. Entre a vida e a morte, o sexo. In: **A construção dos corpos**: perspectivas feministas. _____. Cristina Stevens. (Orgs.). Florianópolis: Mulheres, 2008.

TAVARES JUNIOR, Luiz. Literatura de cordel e cangaço. **Revista de Letras**, Fortaleza, jul/dez, 1986.

TÁVORA, Franklin. **O Cabeleira**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

TEDESHI, Losandro Antonio. **As mulheres e a História**: Uma introdução teórico-metodológica. Dourados: EDUFGD, 2012.

TEÓFILO, Rodolfo. **Os Brilhantes**. Mossoró: Coleção Mossoroense, 2015.

VIGARELLO, Georges. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

WOLFF, Cristina Scheiber. Amazonas, Soldadas, Sertanejas, Guerrilheiras. In: **Nova História das Mulheres**. Carla Bassanezi Pinsky; Joana Maria Pedro (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2012.

FONTES E ACERVOS

TEXTOS

ALMEIDA, Érico. **Lampeão**: sua história. Natal: Sebo Vermelho, 2013.

ARAÚJO, Antônio Amaury Correia de. **Gente de Lampeão**: Dadá e Corisco. São Paulo: Traço Editora, 2003.

_____. **Lampeão, As Mulheres e o cangaço**. São Paulo: Traço Editora, 2012.

_____. **Assim morreu Lampeão**. São Paulo: Traço Editora, 2013.

COSTA, Alcino Alves. **Lampeão além da versão**: Mentiras e mistérios de Angicos. Cajazeiras: Editora Real, 2011a.

GUEIROS, Optato. **“Lampeão”**: Memórias de um oficial ex-comandante de Forças Volantes. São Paulo: Linográfica Editora, 1953.

FERNANDES, Leandro Cardoso. Maria Bonita e o Dia Internacional da Mulher. **De repente** – Revista de Divulgação da Fundação Nordestina do Cordel – FUNCOR. Teresina, Ano XVI, Fevereiro de 2010.

LAMPIÃO POR ELE MESMO, 1926. Entrevista disponível em: <<http://usuarioweb.infonet.com.br/~LAMPILAO/ele.htm>>. Acesso em: 28 mai. 2016.

LIMA, João de Sousa; MARQUES, Juracy (Orgs.). **Maria Bonita**: diferentes contextos que envolvem a vida da rainha do cangaço. Paulo Afonso: Fonte Viva, 2010.

_____. **A trajetória guerreira de Maria Bonita a Rainha do Cangaço**. Paulo Afonso: Fonte Viva, 2011.

MORAIS, Pedro de. **Lampeão o mata sete**. Aracaju: J. Andrade, 2011.

PRATA, Ranulfo. **Lampeão**. Natal: Sebo Vermelho, 2010.

QUEIRÓZ, Ilsa Fernandes. **Mulheres no cangaço**: amantes e guerreiras. Ceilândia-DF: Idéa Editora, 2005.

SOUZA, Ilda Ribeiro de. **Angicos**: Eu sobrevivi. São Paulo: Oficina Cultural Monica Buonfiglio, 1997.

SOUZA, Anildomá Willans. **Lampeão**: o comandante das caatingas. Serra Talhada: GDM Gráfica, 2001.

CORDÉIS

ACOPIARA, Moreira de. **Lampeão e Padre Cícero num debate inteligente**. Editora Luzeiro: São Paulo, 2004.

ASSIS, Izaías Gomes. **A mulher que deu cria dum cavalo**. Parnamirim, 2016.

ASSIS, Manuel Tomás de. **A morte de Lampião**. s/l, 1938.

BARROS, Leandro Gomes de. **A história da donzela Teodora**. Editora Queima Bucha: Mossoró, 2007.

BATISTA, Otacílio. **Mulher nova bonita e carinhosa faz o homem gemer sem sentir dor**. s/l, 1982.

CAMPOS FILHO, Vicente. **A candidatura de Lampião para presidente da República**. s/l. s/d.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **ABC de Maria Bonita, Lampião e seus cangaceiros**. Rio de Janeiro, 1976.

_____. **Maria Bonita – Mulher macho, sim, senhor**. s/l, 1983.

DANTAS, Janduhi. **A mulher que vendeu o marido por R\$ 1,99**. Juazeirinho, 2012.

GODELIVIE, Maria. **Mulher macho sim senhor**. Campina Grande, 2008.

LEITE, José Costa. **A mulher que quebrou as gaias do marido com uma mão de pilão**. Recife. s/d.

_____. José Costa. **A mulher gostando da gente faz com a gente o que quer**. Recife. s/d.

_____. José Costa. **A mulher da bunda grande sempre teve nota dez**. Recife. s/d.

_____. José Costa. **A moça que se amigou com um jumento**. Recife. s/d.

_____. José Costa. **A mulher que perdeu a bunda no estado da Bahia**. Recife. s/d.

_____. José Costa. **A mulher que castrou o marido em Maceió**. Recife. s/d.

_____. José Costa. **A mulher que outro beija tem cheiro de outro bigode**. Condado. s/d.

_____. José Costa. **Beijo de mulher bonita e carinho de mulher feia**. Recife. s/d.

_____. José Costa. **Eu admiro a beleza do corpo da mulher nua**. Recife. s/d.

_____. José Costa. **Homem gosta de mulher e mulher gosta de dinheiro**. Condado. s/d.

_____. José Costa. **Mulher doida, moça quente, corno, bicha e sapatão**. Recife. s/d.

_____. José Costa. **Mulher sem bunda e sem peito**. Recife. s/d.

_____. José Costa. **O homem é o rei dos animais e a mulher é a rainha da beleza**. Recife. s/d.

MACEDO, Téo. **Cordel a mais rica literatura do mundo p/ o prof Raymond Cantel**. s/l. s/d.

MONTEIRO, Manoel. **A briga de um gay com uma mulher macho**. Campina Grande, 2011.

_____. **A Mulher de Antigamente e a mulher de hoje em dia**. Campina Grande, 2012.

PACHECO, José. **A chegada de Lampião ao inferno**. Editora Queima Bucha: Mossoró, 2008.

PERON, José de. **O encontro de Lampião, Luiz Gonzaga e Patativa no portão do céu e a chegada de Lampião no inferno.** s/l, s/d.

SANTA HELENA, Raimundo. **Lampião e minha mãe violentada.** s/l, s/d. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=CordelFCRB&pasta=&pesq=Lampiao%20e%20minha%20mae%20violentada>>. Acesso em: 23 set. 2016.

_____. **Lampião e o sangue do meu pai.** s/l, 1982.

SANTOS, Antônio Teodoro dos. **Maria Bonita, a mulher cangaço.** São Paulo: Editora Luzeiro, 1986.

SILVA, Gonçalo Ferreira da Silva. **Maria Bonita – A eleita do Rei.** Mossoró: Editora Queima Bucha, s/d.

VIEIRA, José. **A morte de Lampião e a vingança de corisco.** Parahyba, 1938.

FOTOGRAFIAS

Figura 01 - Mulher marcada na face com as iniciais do cangaceiro José Baiano. Disponível em: <<http://www.esperancadeouro.com/2014/08/fotos-rarissimas-e-tudo-sobre-morte-de.html>>. Acesso em: 23. abr. 2016.

Figura 02 - Corisco e Dadá em fotografia de Benjamim Abrahão, 1936. Disponível em: <<https://tokdehistoria.com.br/2012/01/21/a-entrevista-de-glauber-rocha-com-ze-rufino-o-matador-do-cangaceiro-corisco/>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

Figura 03 - Foto da reportagem do *Diário de Pernambuco*. Disponível em: <<https://tokdehistoria.files.wordpress.com/2011/08/figura2.jpg>>. Acesso em: 12 ago. 2016.

Figura 04 - Lampião e Maria Bonita em fotografia de Benjamim Abrahão, 1936. Disponível em: <<http://www.adustinaadsa.com/2016/01/fotos-rarissimas-e-tudo-sobre-vida-e.html>>. Acesso em: 22 mai. 2016.

Figura 05 - Capa do cordel *Maria Bonita - Mulher macho, sim, senhor*, 1983.

Figura 06 - Capa do cordel *ABC de Maria Bonita, Lampião e seus cangaceiros*, 1976. Disponível em: <<https://www.antonioferreira.lrl.br/peca.asp?ID=54907>>. Acesso em: 30 jun. 2017.

Figura 09 - Formação das volantes do Tenente João Bezerra e do Sargento Aniceto, antes do ataque a Angicos. Disponível em: <<http://cariricangaco.blogspot.com.br/2010/10/>>. Acesso em: 08 abr. 2017.

Figura 10 - Cabeças de Lampião, Maria Bonita e mais nove cangaceiros. Fotografia feita na escadaria da Prefeitura de Piranhas. Disponível em: <<http://www.geocities.ws/osburkes/lampiao.html>>. Acesso em: 08 abr. 2017.

Figura 11 - Médico legista Charles Pittex segura as cabeças mumificadas de Lampião e Maria Bonita. Disponível em: <<http://www.historiaillustrada.com.br/2014/11/o-cangaco-12-fotos-e-7-fatos.html>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

PERIÓDICOS

AURELIANO, João. A mulher e a criminalidade. Jornal *Diário de Pernambuco*, 23 ago. 1938.

QUEIROZ, Rachel de. Vitalinas. Revista *O Cruzeiro*, 19 set. 1959.

MARTINS, João. Justiça para Lampião. Revista *O Cruzeiro*, 06 jun. 1959.

MELLO, Afrânio. Lampeão, ha dias, deixara transparecer a grande vontade de voltar à vida tranquila dos campos, dedicando-se à agricultura - dez mil pessoas estavam presentes a chegada das cabeças, em Maceió. Jornal *Diário de Pernambuco*, 03 ago. 1938. (sic).

JORNAL *DIÁRIO DE PERNAMBUCO*, 26 mai. 1936.

_____. 31 jan. 1937.

_____. 17 fev. 1937.

_____. 07 mar. 1937.

_____. 15 jan. 1938.

_____. 29 jul. 1938.

_____. 30 jul. 1938.

_____. 02 ago. 1938.

_____. 23 mar. 2014.

ACERVOS CONSULTADOS

Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida

Coleção de Cordéis da Fundação Casa de Rui Barbosa

Hemeroteca da Biblioteca Nacional – Jornal *Diário de Pernambuco*

Memória Viva Digital – Revista *O Cruzeiro*

